



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**CAROLINA ECHEVERRIA CARVALHO**


***O AVIÃO INVISÍVEL:***

**A EXPRESSÃO POÉTICA NAS CRÔNICAS DE RAQUEL NAVEIRA**

---

Campo Grande - MS

2020

C	 <p><b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</b></p>
C.ECHEVERRIA	<p><b>CAROLINA ECHEVERRIA CARVALHO</b></p>
<p><b>O AVIÃO INVISÍVEL: A EXPRESSÃO POÉTICA AS CRÔNICAS DE RAQUEL NAVEIRA</b></p>	<p><b>O AVIÃO INVISÍVEL:</b>  <b>A EXPRESSÃO POÉTICA NAS CRÔNICAS DE RAQUEL NAVEIRA</b></p>
2020	<p><b>Campo Grande - MS</b>  <b>2020</b></p>

**CAROLINA ECHEVERRIA CARVALHO**

***O Avião Invisível: A Expressão Poética nas Crônicas de Raquel Naveira***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zélia R. Nolasco dos S. Freire.

Campo Grande - MS

2020

C322a Carvalho, Carolina Echeverria

*O avião invisível* : a expressão poética nas crônicas de Raquel Naveira/ Carolina Echeverria Carvalho. -- Campo Grande, MS: UEMS, 2020.

137p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2020.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra; Zélia R. Nolasco dos Santos Freire.

1. Naveira, Raquel 2. Crônica 3. Literatura sul-mato-grossense I. Freire, Zélia R. Nolasco dos Santos II. Título

CDD 23. ed. – B869

**CAROLINA ECHEVERRIA CARVALHO**

***O Avião Invisível: A Expressão Poética nas Crônicas de Raquel Naveira***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zélia R. Nolasco dos S. Freire (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandra Santos Pinheiro  
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

---

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior - Suplente  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande – MS, 27 de fevereiro de 2020.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo sustento desde a minha pequenez e agora, como nunca, nesse processo de estudos, Sua presença é ainda mais constante, posso sentir.

Ao meu marido, Luís Alberto A. Avelino, pelo companheirismo, pela paciência, pelo total apoio e por dividir comigo os cuidados com nossos filhos.

Aos meus filhos, Felipe Carvalho Avelino e Heloísa Carvalho Avelino, mesmo tão jovens, demonstraram-se maduros e, por muitas vezes, assumiram responsabilidades que não lhes competiam para tornar o meu fardo mais leve.

À minha mãe, Márcia Regina C. Echeverria, pelo incentivo, uma mulher forte e guerreira que me ensinou também a ser corajosa e não desistir dos meus sonhos.

Ao meu pai, Hajacks Carvalho Justiniano (*in memoriam*), durante o tempo que esteve ao meu lado, apoiou-me e incentivou-me incessantemente.

À minha avó, Isaltina Carvalho Salvador (*in memoriam*), minha mãe com açúcar, mulher batalhadora que me ensinou o valoroso caminho da literatura.

Aos meus irmãos, Sanny, Daniel, Raquel e Andressa, que sempre demonstraram ter orgulho de mim.

Aos meus familiares e amigos, que me deram palavras de incentivo, torceram por mim e perdoaram os momentos em que me ausentei, não pudemos estar em comunhão por algumas vezes, entenderam o meu esforço como acadêmica e professora.

À minha orientadora, professora Dr.<sup>a</sup> Zélia R. Nolasco dos Santos Freire, pela paciência, pela dedicação e carinho com que tratou esta pesquisa. Além das palavras de incentivo nos momentos em que necessitei, foi uma parceira.

À escritora Raquel Naveira, pela contribuição literária, pela disponibilidade e pelo incentivo à pesquisa.

À Banca de Qualificação, pela disponibilidade de leitura e sugestões para aperfeiçoamento do meu trabalho.

À Banca de Defesa, pelo tempo dedicado à leitura e pela contribuição para a finalização desta dissertação.

Aos coordenadores, professora Dr.<sup>a</sup> Susylene Dias Araújo e o professor Dr. Marcio Maciel, ao grupo de professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS, em especial aos professores Daniel Abrão e Fábio Dobashi pelo apoio, motivação e conhecimento transmitido.

Ao Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de pós-graduação da UEMS (PIBAP),  
por ter financiado a pesquisa durante boa parte do mestrado.

*“Os poetas,  
Benditos,  
Penetraram no silêncio absoluto,  
Cavam o tesouro dos dicionários,  
O celeiro das almas,  
A perpetuidade dos mitos.”*

(NAVEIRA, 2018, p. 64)



## RESUMO

Um dos objetivos deste trabalho consiste em ressaltar aspectos relevantes da literatura produzida no Mato Grosso do Sul, principalmente, por meio das publicações de crônicas da escritora Raquel Naveira, que vivencia a construção literária e o progresso identitário do Estado, neste caso, uma porta-voz feminina que faz parte da história literária sul-mato-grossense. Esta pesquisa tem como fonte críticos regionais como José Couto Vieira Pontes (1892), Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier (2011), entre outros visando analisar o contexto social e histórico da escritora, além de sua produção literária. Durante o percurso analítico, à luz de Stuart Hall (2005), Philippe Lejeune (2008) e Joel Candau (2018), foram utilizados diversos textos da escritora a fim de destacar os aspectos memorialísticos e autobiográficos em algumas de suas obras. Ainda, fez-se um levantamento da recepção crítica de Raquel Naveira por meio de estudos acadêmicos, sendo três deles publicados em Mato Grosso do Sul, e um publicado no estado do Ceará. No entanto, o enfoque da pesquisa está presente nas crônicas de viés lírico, que constituem a obra *O Avião Invisível* (2017) da escritora, considerando que, para Marcos Siscar (2015), a prosa é a forma moderna de levar poesia para o leitor. Os estudos seguem por comprovar a teoria da crônica com base em Jorge Sá (1985), Antônio Candido (1992) e Massaud Moisés (1995). Por fim, apresenta-se a construção do narrador dessas crônicas, de acordo com as teorias apontadas por Ligia Chiappini Leite (1985), a intertextualidade, teorizada por Bakhtin (2000), e a análise da temática encontrada nas crônicas naveirianas. Priorizando como principais temas o regionalismo, as diversas figuras femininas, o religioso e o humanístico, bem como elementos poéticos presentes nessas crônicas.

**Palavras-chave:** Crônica. Literatura Sul-Mato-Grossense. Raquel Naveira.

## ABSTRACT

One of the objectives of this work is to highlight relevant aspects of the literature produced in Mato Grosso do Sul, mainly, through the chronicle publications of the writer Raquel Naveira, who experiences the literary construction and the identity progress of the State, in this case, a female spokesperson that is part of the literary history of the state of Mato Grosso do Sul. This research uses regional critics such as José Couto Vieira Pontes (1892), Maria da Glória Sá Rosa and Albana Xavier (2011), among others to analyze the social and historical context of the writer, in addition to her literary production. During the analytical period, in the light of Stuart Hall (2005), Philippe Lejeune (2008) and Joel Candau (2018), several texts by the writer were used in order to describe memorialistic and autobiographical aspects in some of her works. Still, a survey of the critical reception of Raquel Naveira by means academic studies, three of which were published in Mato Grosso do Sul, and one published in the State of Ceará. However, the focus of the research is present in the chronicles of lyric bias, which constitute the work *O Avião Invisível* (2017) by the writer, considering that, for Marcos Siscar (2015), prose is the modern way of bringing poetry to the reader. The studies follow to prove the theory of the chronicle based on Jorge Sa (1985), Antônio Candido (1992) and Massaud Moisés (1995). Finally, it presents the construction of the narrator of these chronicles, according to the theories pointed out by Ligia Chiappini Leite (1985), the intertextuality, theorized by Bakhtin (2000) and the analysis of the theme found in the naverianas chronicles. Prioritizing regionalism, the various female figures, the religious and the humanistic as main themes, as well as poetic elements present in these chronicles.

**Keywords:** Chronicle. South-Mato-Grossense Literature. Raquel Naveira.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bovinocultura de Humberto Espíndola.....	19
Figura 2 - Localização de Figueira do Foz – Portugal.....	26
Figura 3 - Raquel Naveira.....	49
Figura 4 - Monumento Carlo Del Prete .....	63
Figura 5 - Escultura Fauno.....	71
Figura 6 - The Lost Piece of Silver .....	93

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE MATO GROSSO DO SUL .....	15
1.1 Breve histórico da literatura sul-mato-grossense .....	16
1.2 Raquel Naveira por si mesma .....	22
1.3 A recepção crítica de Raquel Naveira .....	34
2 A CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO .....	42
2.1 A origem da crônica .....	43
2.2 A crônica sul-mato-grossense e o lugar de Raquel Naveira .....	48
2.3 O lirismo presente nas crônicas naveirianas .....	52
3 O AVIÃO INVISÍVEL DE RAQUEL NAVEIRA.....	61
3.1 O foco narrativo e a intertextualidade presentes nas crônicas de <i>O Avião Invisível</i> .....	64
3.2 Passeio pelo religioso e humanístico .....	68
3.3 Passeio pelo regional sul-mato-grossense .....	74
3.4 Passeio pelo universo feminino .....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS .....	98
ANEXO A – PALHAÇO .....	104
ANEXO B – O AVIÃO INVISÍVEL .....	106
ANEXO C – BAIRRO DE JUDEUS .....	108
ANEXO D – PESCA .....	110
ANEXO E – FAUNO .....	112
ANEXO F – ELISA .....	113
ANEXO G – ÁRVORES DA MINHA CIDADE.....	115
ANEXO H – TREM .....	117
ANEXO I – BOI DE PIRANHA.....	119
ANEXO J – SOBÁ.....	121
ANEXO K – MÚSICA PARAGUAIA .....	123

<b>ANEXO L – CEIA DE NATAL .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO M – MEL DE ABELHAS.....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO N – CABELEIRA.....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO O – MOÇA .....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO P – FADAS .....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO Q – GIGLIOLA.....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO R – VASSOURA .....</b>	<b>136</b>

## INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com a autora Raquel Naveira foi na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), no Curso de Letras – Licenciatura Plena, mais precisamente nas aulas de Literatura Latina, Greco-Romana e Portuguesa, algumas das paixões da autora, o magistério e a Literatura.

No ano de 2005, em uma dessas aulas, a escritora, na época também professora dessas disciplinas, apresentou um poema de sua autoria “Santo Graal” à turma. Ficamos perplexos com o conteúdo do texto, ao ouvi-la declamar. Naquele momento, Raquel Naveira nos demonstrou sua intimidade com a Literatura e afinidade com a escrita.

Alguns anos depois, em um evento no Museu de Imagem e Som (MIS) de Mato Grosso do Sul, tive o prazer de reencontrar “minha” professora da graduação, Raquel Naveira. Ela contou ao público presente um pouquinho de sua trajetória como escritora sul-mato-grossense, expôs o conteúdo de uma de suas crônicas, “Padaria”, publicada no Jornal Correio do Estado e também parte da composição da coletânea de crônicas a ser analisada nesta pesquisa.

A partir desse momento, despertava em mim o interesse em pesquisar sobre a literatura produzida em Mato Grosso do Sul, Raquel Naveira como escritora e esse gênero narrativo, a crônica. Um gênero acessível a todos públicos, por se tratar de textos com linguagem simples, que remetem a uma conversa descontraída com o leitor.

Quando as pesquisas sobre o conteúdo foram iniciadas, foi perceptível o nome de Raquel Naveira sempre vinculado à poesia contemporânea de Mato Grosso do Sul. Com isso, a intenção em pesquisar a autora enquanto cronista foi de destacá-la em outro gênero textual, assim como seu reconhecimento enquanto poetisa.

Além da pesquisa sobre a autora e o gênero textual crônica, outro interesse move este trabalho, divulgar a literatura produzida em nosso Estado. E por meio dela destacar a construção da identidade sul-mato-grossense.

Portanto, a presente dissertação tem por objetivo apresentar e fomentar aspectos relevantes da literatura produzida em Mato Grosso do Sul, por meio da prosa poética apresentada na obra *O avião Invisível* (2017), de Raquel Naveira, uma contribuinte para com a construção literária do Estado.

Desse modo, o primeiro capítulo vem delineando uma síntese histórica da literatura produzida em Mato Grosso do Sul, tendo como base bibliográfica algumas obras históricas de críticos literários do Estado.

O ponto de partida se deu com a produção de José Couto Viera Pontes, que na busca pela identidade da literatura do Estado, publicou *História da Literatura Sul-Mato-Grossense* (1982), livro que distingue a literatura do Mato Grosso e a do Mato Grosso do Sul, por meio das manifestações artísticas e literárias produzidas por artistas consagrados e/ou de constantes aparições nas mídias.

Outra obra de base para esta pesquisa é de autoria de Maria da Glória de Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira (2011). O livro das escritoras explora o processo de construção da literatura sul-mato-grossense por meio das vozes de 21 escritores que contribuíram e continuam contribuindo para solidificação da literatura aqui produzida.

No mesmo capítulo, consultamos a obra do autor Guimarães Rocha (2018), coletânea que reúne os principais escritores da literatura de Mato Grosso do Sul. Além desses autores, outros estudiosos também foram pertinentes para a construção da síntese feita a respeito das produções sul-mato-grossenses, desde os seus primórdios até os tempos atuais.

Ainda na primeira parte do trabalho, traçamos o perfil identitário da autora Raquel Naveira com base nos seus próprios textos, que são verdadeiras autobiografias literárias, apoiamo-nos, para esta comprovação, nas teorias de Stuart Hall (2005) e Philippe Lejeune (2008), além de outros teóricos.

Depois de traçar a identidade da escritora por ela mesma, o último tópico do primeiro capítulo traz a recepção crítica de Raquel Naveira, por meio de autores e pesquisadores de Cursos de Pós-Graduação. Sendo três dissertações de acadêmicos do Mato Grosso do Sul e uma tese de doutorado do Estado do Ceará.

Ressaltamos que toda a fortuna crítica encontrada sobre a escritora Raquel Naveira dá ênfase à análise da poesia naveiriana, no entanto, faremos uma abordagem com enfoque nas crônicas da autora.

O segundo capítulo aborda a teoria da crônica como gênero literário, desde as primeiras produzidas até seu engajamento no Brasil, principalmente depois do movimento modernista no país. Os principais teóricos utilizados na construção desse texto são Luiz Beltrão (1980), Jorge Sá (1985), Davi Arrigucci (1987) e Antônio Candido (1992).

Seguimos ainda pela constituição da crônica em Mato Grosso do Sul, prosseguindo pelos principais cronistas do Estado, até chegarmos a Raquel Naveira como cronista e suas principais características nesse gênero.

O último texto que compõe o segundo capítulo demonstrará o tom lírico presente nas crônicas naveirianas. A escritora que assume um compromisso com a poesia não deixou essa característica poética, mesmo partindo para o texto em prosa, ou seja, o texto não precisa necessariamente ter a estrutura do poema para conter poesia. Para a comprovação dessa poética feita pela escritora, buscamos aporte teórico em Salvatore D'Onofrio (1995), Octávio Paz (1982), José Guilherme de Merquior (1972), Giorgio Agamben (2002) e Marcos Siscar (2015).

Por último, no terceiro capítulo, realizamos, especificamente, a análise das crônicas da coletânea *O Avião Invisível* (2017), de Raquel Naveira. Inicialmente, tratamos de uma abordagem geral da obra, aspectos comuns em todas as crônicas dessa coletânea.

Analizamos, num primeiro momento, a crônica que dá título à obra, para demonstrar um passeio metafórico a ser feito a bordo desse meio de transporte, o avião invisível. Seguimos com a análise do foco narrativo presente nessas crônicas, alicerçadas em Gerard Genette (1995) e Lígia Chiappini Leite (1985), que discorre sobre a teoria da narratologia de Norman Friedman e Jean Poullion.

Ainda para comprovar a intertextualidade presente nos textos da coletânea, as teorias de Bakhtin (2000) e Fiorin (2006) foram utilizadas. Dentre as temáticas abordadas, destacamos as mais recorrentes abordadas pela autora nessa obra: o regionalismo, o feminismo, a religiosidade, o humanístico, a historicidade e a literatura.

Diante do exposto, destacamos os recursos linguísticos e literários presentes nas crônicas selecionadas para a comprovação das características supracitadas. Raquel Naveira proporciona ao seu leitor um contato com diversas formas de elaboração da linguagem. As crônicas analisadas no último capítulo desta pesquisa estão disponíveis em anexo, além da crônica analisada de forma comparativa com um poema da própria autora, no segundo capítulo.



## 1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE MATO GROSSO DO SUL

Busquei também a amizade dos meus pares, escritores, vivos ou mortos, como fonte de eterna afeição. Desejei ardentemente atingir a meta em companhia daqueles que seguiram a carreira das armas, que são as Letras.

(Raquel Naveira)

A literatura é parte importante da cultura de um povo civilizado, uma das formas de retratar a sociedade em que se vive. Não é uma produção natural, mas desenvolvida pelo homem para constatar, informar e registrar os comportamentos, a religiosidade e os hábitos de uma geração para outra.

Assim, o primeiro capítulo desta pesquisa traz o resgate da historiografia literária de Mato Grosso do Sul, uma vez que a divisão entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul trouxe a necessidade de se construir a identidade deste Estado, tornando-se indispensável falar das produções literárias aqui produzidas neste importante processo.

Ter uma literatura que represente o seu povo contribui de forma significativa para seu fortalecimento e crescimento cultural identitário. E como uma representante da literatura regional sul-mato-grossense, damos ênfase à Raquel Naveira, autora de escrita lírica e firme, que contribui para o registro da historiografia do Estado, já que em muitas de suas produções faz um resgate histórico de Mato Grosso do Sul.

Com base em apontamentos críticos de autores que colaboraram para com o enriquecimento da fortuna crítica literária sul-mato-grossense, tais como José Couto Viera Pontes (1982), Maria da Glória Sá Rosa, juntamente com Albana Xavier Nogueira (2011), Guimarães Rocha (2018), entre outros, descrevemos o processo da construção literária do Estado.

As pesquisas em torno desse assunto vêm crescendo significativamente, como afirma a professora do Mestrado Acadêmico e coordenadora do Mestrado profissional em Letras na UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), Zélia R. Nolasco:

[...] tenho acompanhado os projetos de pesquisa na área de literatura e observo que nas universidades do estado e fora dele, nossos escritores constituem objetos de pesquisas na Graduação e na Pós-Graduação *Lato Sensu e Stricto Sensu* (NOLASCO, 2015, p. 152).

## 1.1 Breve histórico da literatura sul-mato-grossense

O Estado de Mato Grosso do Sul (MS), ainda muito jovem, com apenas 42 anos de idade, teve sua oficial data de nascimento em 11 de outubro de 1977, por meio da Lei Complementar nº 31, quando o presidente da época, Ernesto Geisel, desmembrou Mato Grosso da sua Região Sul, que se tornou MS, com a capital Campo Grande.

Entretanto, as primeiras explorações em terras sul-mato-grossenses, antes mesmo da divisão dos estados MT e MS, foram feitas pelos bandeirantes, que buscavam ouro; porém, a efetiva ocupação territorial ocorreu devido às atividades agropecuárias da região, principalmente com a criação de gado que se faz presente em muitos estudos regionais e no fazer artístico e literário regional, seguido do cultivo de erva-mate e de outras atividades agrícolas.

Com pouca idade, Mato Grosso do Sul possui sua literatura em plena fase de desenvolvimento, assim como suas manifestações artísticas e culturais. Apesar da jovialidade, há na região obras publicadas antes mesmo do seu nascimento como Estado, os primeiros registros literários foram apresentados em revistas e jornais, sendo que alguns desses veículos de comunicação nem existem mais.

O primeiro jornal do sul do Mato Grosso, *O Iniciado*, de 1877, abriu portas para a divulgação e edição das produções dos homens letrados dessa terra. Depois desse veículo de comunicação estadual, surgiram outros jornais que continuavam, em seus suplementos culturais, contribuindo com as publicações literárias.

Além dos jornais, as revistas também colaboraram nas divulgações artístico-literárias, porém, as publicações em revistas eram um pouco mais restritas, ocorriam de forma periódica e por motivos importantes, por exemplo, em datas comemorativas.

O jornal *Correio do Estado* é um dos poucos jornais que continua contribuindo até os dias atuais na divulgação das manifestações literárias, artísticas e culturais de MS. Fundado em fevereiro de 1954, ainda publica em seu Suplemento Cultural asserções da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

A Academia foi fundada em 13 de outubro de 1971, por Ulisses Serra, Germana Barros de Souza e José Couto Vieira Pontes; inicialmente, foi nomeada Academia de Letras e História de Campo Grande, sendo somente um centro cultural da cidade. A instalação da Academia no Estado contribuiu para que a cultura sul-mato-grossense, por meio da literatura, ficasse conhecida também em outros lugares do país.

As colaborações para divulgação das produções sul-mato-grossenses continuaram. Maria da Glória de Sá Rosa, no capítulo “A Literatura de Mato Grosso do Sul”, do livro *A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de Seus Construtores* (2011), aponta que a literatura estadual cresceu significativamente após a criação do Fundo de Investimentos Culturais de Mato Grosso do Sul (FIC/MS), Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

Art. 1º O Fundo de Investimentos Culturais do Estado de Mato Grosso do Sul - FIC/MS, criado pela Lei nº 2.366, de 4 de dezembro de 2001, é um dos instrumentos de execução da política estadual de cultura e tem como finalidade prioritária o apoio a projetos estritamente culturais de iniciativa de pessoas físicas ou jurídicas de direito público ou privado, a fim de estimular e fomentar a produção artístico-cultural do estado (MATO GROSSO DO SUL, 2013).

Com a lei supracitada, surgiram programas de valorização do livro, alguns incentivados por concursos literários. Por exemplo, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras promove o concurso de contos Ulisses Serra; a prefeitura de Campo Grande, em parceria com a União Brasileira de Escritores (UBE), promove o evento Noite de Poesia, dentre os lançamentos e relançamentos de vários livros, além da descoberta de autores da região.

Após a divisão de MT e MS, em busca de firmar sua identidade, muitas produções literárias produzidas em Mato Grosso do Sul estão ligadas às manifestações culturais e tradições do Estado, como o homem rural, a natureza, o pantanal, as etnias, a simplicidade, a história, os temas de fronteira, entre outros.

O boi, por exemplo, é uma das temáticas comuns nas produções sul-mato-grossenses. José Fernandes, no prefácio do livro *A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de Seus Construtores* (2011), afirma que a figura do boi está presente nas criações artísticas do estado, quer seja na pintura do artista plástico Humberto Espíndola, ou na constituição dos poemas de Orlando Antunes Batista e é objeto de estudo de Raquel Naveira em *Bovinocultura e Literatura* (2008).

Em seu ensaio sobre a criação de bois, Naveira apresenta a figura do boi como um animal sagrado para diversos povos antigos. Os gregos, por exemplo, imolavam-no em rituais religiosos; elegendo o boi como um importante elemento estético, o homem pré-histórico, na arte rupestre, representava a figura do bisão nas paredes das cavernas. E, no Mato Grosso do Sul, o animal é considerado um ícone cultural.

A autora aponta que alguns escritores de renome na literatura brasileira incluíram a figura do boi em suas obras, tais como: Guimarães Rosa em *Grande*

*Sertão: Veredas* (1956), também num conto do livro *Sagarana* (1974) e em outro conto publicado em *Primeiras Estórias* (1962); o poeta Jorge de Lima no poema *Invenção de Orfeu* (1952); Ferreira Gullar em sua obra *A Luta Corporal* (1954); Rubem de Aquino, no poema de tom surrealista *A Multidão e a Chuva Morta* (NAVEIRA, 2008); no mesmo clima surreal, Manuel Bandeira escreve o poema *Boi Morto* (1967).

Como em Mato Grosso do Sul o boi é considerado um símbolo de riqueza, não poderiam faltar manifestações artísticas literárias sobre essa temática. A autora Raquel Naveira destaca dentre os autores da região o professor Orlando Antunes Batista, com o poema *Noturno do Boi*; o advogado e acadêmico Eduardo Machado Metello, com o ensaio *A Cidade e o Boi*; a professora universitária Maria Adélia Menegazzo, também com um ensaio intitulado *Manifestações Culturais em Campo Grande*.

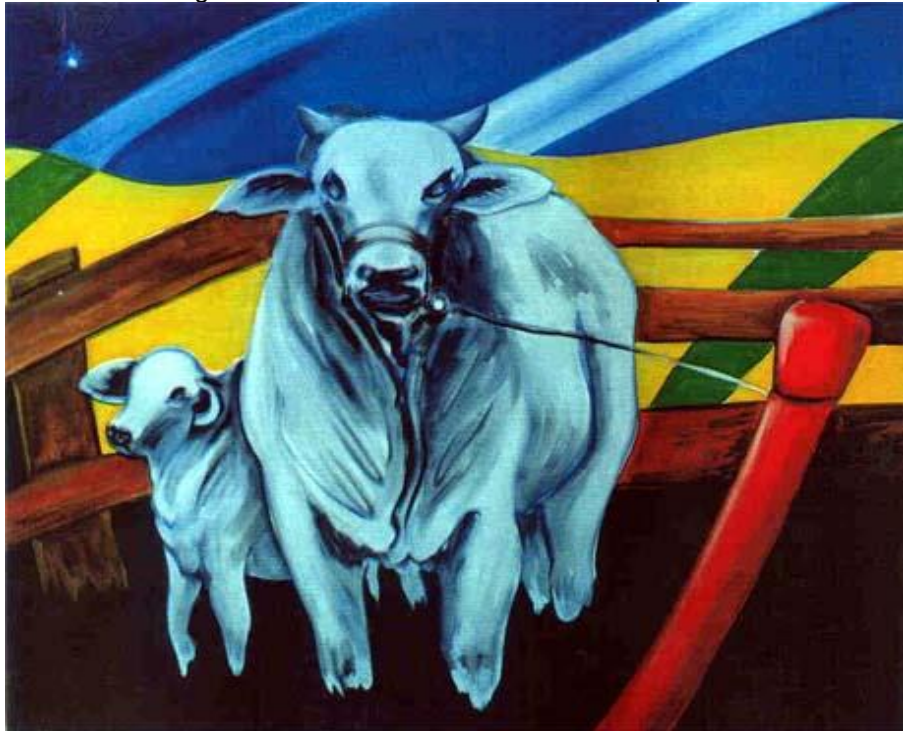
Porém, o destaque no ensaio feito por Naveira vai para o artista plástico Humberto Espíndola<sup>1</sup>, que elegeu o boi como temática de suas obras, conforme o excerto abaixo:

É um exercício de beleza e satisfação identificarmos símbolos de nossa identidade misturados aos bois de Humberto Espíndola: um couro tatuado com desenhos dos índios Guaicurus, uma roda de carreta, uma flor roxa de camalote, uma pele pintada de onça, um pedaço do manto da Virgem de Caacupê. Igualmente bela a sensação de encontrarmos os símbolos de outras culturas misturados aos bois de Humberto Espíndola: a egípcia Cleópatra, as colunas gregas, as harpas, o chapéu que recorda Carlitos. Sim, a beleza em estado cruel e puro está estampada nos trabalhos de Humberto. Beleza que nos perturba e fascina (NAVEIRA, 2008, p. 146-147).

---

<sup>1</sup> **Humberto Augusto Miranda Espíndola** (Campo Grande, 4 de abril de 1943) é um artista plástico brasileiro, criador e difusor do tema *bovinocultura*. Espíndola apresenta o tema *Bovinocultura* em 1967, no IV Salão de Arte Moderna do Distrito Federal, em Brasília. No mesmo ano é cofundador da Associação Mato-Grossense de Arte em Campo Grande, onde atuou até 1972. O artista realizou várias exposições, no Brasil e em outros países. Ganhou vários prêmios, incluindo o prêmio de melhor do ano da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Figura 1 - Bovinocultura de Humberto Espíndola



Fonte: <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2012/06/humberto-espindola-compositor-musico-e.html>

O autor José Couto Vieira Pontes (1982) também escreve em seu livro sobre esse importante aspecto econômico de Mato Grosso do Sul, a criação de gado como influência cultural e artística. Abaixo, o autor destaca o que pensa o historiador Demóstenes Martins<sup>2</sup> sobre a bovinocultura e sua influência na vivência do homem sul-mato-grossense.

Comenta nosso historiador Demóstenes Martins que a atividade humana dominante no Sul de Mato Grosso, desde os primórdios de seu desbravamento, capaz de moldar a feição do homem e detonar as primeiras manifestações sociais e psicológicas, foi a pecuária. “O boi criava o homem, essa é a verdade”. – diz ele, com sua lucidez - “Primeiro o couro para a comercialização com o exterior, depois a carne” (PONTES, 1982, p. 21).

Porém, Rosa e Nogueira (2011) discordam da opinião do historiador Demóstenes, citado por Vieira Pontes (1982). As autoras veem esse comentário como algo preconceituoso em relação ao que é produzido aqui no Estado.

Em Mato Grosso do Sul, no dizer de Demóstenes Martins, “o boi cria o homem”, a Literatura não ocupa seu merecido lugar. Com raras exceções é

<sup>2</sup> Demóstenes Martins - Nasceu na cidade de Goiana-PE, foi um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande. Em 1973 recebeu da Assembleia Legislativa, o título de Cidadão Mato-Grossense.

vista como algo supérfluo resultado da fantasia de intelectuais desligados dos problemas da realidade (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 321).

Arlinda Dorsa, em sua dissertação *As Marcas do Regionalismo na Poesia de Raquel Naveira* (2001), traça o perfil das personagens formadas na literatura sul-mato-grossense pelas marcas do regionalismo, também dando ênfase à figura bovina. Segue o excerto da obra de Dorsa:

O povoamento de Mato Grosso do Sul ocorreu a partir do espírito ambulatório dos sertanistas, que gradativamente foram formando posses, fazendas; (...) Delineia-se a partir de então o personagem central: o fazendeiro em seu espaço ambiente: campos, cerrados, furnas, pantanal e sua atividade principal: a criação de boi (DORSA, 2001, p. 20).

Além da figura bovina, dos aspectos culturais e geográficos de MS, Sá Rosa (2011) afirma que a literatura sul-mato-grossense sofre influência histórica, econômica e política desse contexto. Em seus estudos, Lemuel Diniz (2012) aponta que a literatura regional também tem influências desde o homem sul-mato-grossense até as águas rebentas do Pantanal, tudo contemplando as belezas naturais do Estado, que são representadas nas produções artísticas aqui criadas.

Os autores denominados sul-mato-grossenses recebem esse adjetivo, não somente por sua naturalidade, mas por viverem ou terem vivido nessa região, além de produzirem ou enfatizarem o regionalismo do MS em suas publicações, não se apartando do contexto universal ou ainda, utilizam esse artifício em suas produções.

É possível perceber, no entanto, que a região possui uma literatura bem diversificada, estando além de suas influências naturais, do cotidiano regional, é formada por diversas identidades vindas de diferentes regiões do país e do mundo.

Com a imigração ocorrida no Estado, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, as manifestações literárias, artísticas e culturais aqui produzidas passam a receber influências de outras culturas, tais como a cultura árabe, japonesa, portuguesa, espanhola e de outros imigrantes que vieram para cá.

A literatura que surge a partir dessas influências, das outras culturas do restante do país, e de outras partes do mundo alça voo e não fica apenas restrita no território pantaneiro, uma vez que vai além das fronteiras da Bolívia e do Paraguai, países vizinhos de MS.

É claro que a principal influência cultural vem desses dois países vizinhos, é possível perceber essa herança principalmente no vocabulário e na culinária que estão atrelados à cultura regional, até porque o maior número de imigrantes é oriundo

desses países. E, é no contexto dessa literatura diversificada, que se encontra o nome da escritora Raquel Naveira.

Naveira é uma das vozes femininas de Mato Grosso do Sul, ao lado de outras memoráveis representantes, como Maria da Glória Sá Rosa (1927 – 2016), uma aliada da educação e da cultura regional; Nely Martins (1923 – 2003), em suas produções, de forma subjetiva, dá enfoque à cidade morena; Flora Thomé (1930 – 2014), poetisa que demonstra pensamentos positivos e espiritualidade em seus haicais, entre outras autoras.

José Fernandes, Doutor em Letras e membro da Academia Goiana de Letras, no prefácio de *A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de Seus Construtores* (2011), faz uma síntese da produção da escritora Raquel Naveira, analisando-a sob o viés da diversidade da literatura do Estado.

Múltipla, como a cultura sul-mato-grossense, é a obra inteira de Raquel Naveira. Sua extensão se mede por uma poesia que caminha do ser humano ao ser das coisas e pela multiface em gêneros poético, prosa, drama, ensaio e infanto-juvenil. A passagem pelos vários gêneros compreende também a passagem por vários temas, [...] Sem dúvida, criadora de uma das composições literárias mais diversificadas da literatura sul-mato-grossense até este momento da história do hoje e do ontem. Diversificada e rica em realizações poéticas só possíveis em quem vê a linguagem por dentro (FERNANDES, 2011, p. 14).

Naveira, por meio de suas publicações, traz um enriquecimento literário para o Estado, em suas produções. Além do regionalismo, há poeticamente, paráfrases da literatura brasileira, literatura estrangeira e das diversas escolas literárias, assim como a literatura sul-mato-grossense, que também é influenciada por algumas escolas, como afirma Arlinda Dorsa (2001), “como se pode observar nos traços românticos e parnasianos presentes na maior parte da criação literária do estado e que mostram uma excessiva temática intimista e subjetiva”.

Antes mesmo de Dorsa (2001), José Couto Vieira Pontes destacou a influência de algumas escolas literárias em produções de Mato Grosso do Sul, “penetraram todas as escolas do país, desde o Classicismo e o Romantismo até as Vanguardas mais revolucionárias” (PONTES, 1982, p. 43). Sendo assim, a produção eclética de Raquel Naveira coloca-a como representante da literatura contemporânea brasileira.

## 1.2 Raquel Naveira por si mesma

Sou porta-voz de um povo e de um momento histórico. Escrevo minha própria história (NAVEIRA, apud ROSA e NOGUEIRA, 2011)

Em depoimento, Raquel Naveira se autointitula porta-voz de um povo e de um momento histórico. Em muitos de seus escritos, é possível encontrá-la nessa condição. Desde suas primeiras publicações, faz questão de manter viva a memória de Mato Grosso do Sul e os acontecimentos marcantes em sua vida, pois carrega em seus textos muito de sua memória familiar.

É possível conhecê-la apenas por meio de suas obras, pois são escritos embasados em suas próprias vivências. Nesse sentido, pode-se discorrer biograficamente sobre Raquel Naveira, desde a infância até a maturidade utilizando, na maioria das vezes, suas próprias memórias, que se eternizam em sua produção poética, quer sejam crônicas, poemas ou romances.

Em seus escritos sobre memória, Ecléa Bosi (1979) cita que Walter Benjamin descreve o narrador como aquele que narra suas experiências de vida, e que se tornam experiências para aqueles que os lê. Diante disso, é possível traçar as marcas da identidade de Naveira por meio de algumas de suas obras literárias, pois são praticamente autobiografias que recorrem às memórias vividas pela autora, presentes na voz do narrador naveiriano.

Para Stuart Hall (2005), a identidade do sujeito discursivo é algo que está sempre num processo de desenvolvimento desde o seu nascimento e vai se formando ao longo do tempo. A esse processo em andamento, o autor dá nome de *identificação*.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falha de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros (HALL, 2005, p. 39).

Uma teoria explicada pela psicanálise, a busca de “identidade” e a busca de uma biografia que apresenta o ser fantasiado e pleno.

Como a questão da identidade do sujeito discursivo é assunto de extensas discussões, Stuart Hall (2005) desenvolveu um estudo conceitual, explorando a questão da identidade cultural na modernidade tardia, o homem da modernidade possui sua identidade bem definida e centrada no seu mundo social e cultural. Hall (2005) ainda faz um levantamento estrutural sobre uma identidade de difícil



delimitação, fragmentada e deslocada. Para isso, distingue três concepções de identidade, do sujeito iluminista, sociólogo e pós-moderno.

A identidade do sujeito iluminista, que é baseada na pessoa humana, dotada de razão, centrada em si mesmo, individualista e apresenta-se sempre na figura masculina.

A identidade do sujeito sociológico, aquele que reflete sobre a complexidade do mundo moderno, autônomo e autossuficiente, interage entre o “eu” (figura masculina ou feminina) e a sociedade, a subjetividade do indivíduo contribui com a objetividade do mundo social e cultural.

Por último, a identidade do sujeito pós-moderno, aquele que não possui identidade fixa, possui múltiplas identidades, mesmo que temporariamente, são as identidades culturais, de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade num único indivíduo. Esse terceiro sujeito discursivo, apresentado por Hall (2005), assume diferentes identidades em diferentes momentos, por exemplo, uma mesma pessoa desempenha seu papel profissional, social, familiar, cultural, uma identidade para cada momento da vida.

Raquel Naveira, em suas publicações, permite que o leitor conheça suas múltiplas identidades, possibilitando acesso à sua imagem como profissional, no magistério, na desenvoltura com a escrita, à imagem de mãe, esposa, filha, memorialista, seus vários papéis na sociedade.

Sobre a autobiografia no texto literário ainda há muitas discussões, como, o que de fato é verdadeiro e o que é ficção em sua representação. Porém, é sabido que há o desejo de alcance da verdade pelo autor nas narrativas. Para Lejeune (2008):

A autobiografia se inscreve no ponto do conhecimento histórico (desejo de saber) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros) tanto quanto no campo da criação artística. [...] O fato de a identidade individual, na escrita como na vida passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de “identidade narrativa”. [...] É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los (LEJEUNE, 2008, p. 104).

Portanto, os acontecimentos da narrativa não são apenas ficcionais, contêm também as vivências do autor, porém, apresentadas por um narrador que almeja contar o melhor de si, aquilo que realmente deseja apresentar ao leitor, “o autor não desaparece, mas se mascara constantemente, atrás de uma personagem ou de uma

voz narrativa que o representa. A ele devemos a categoria do *autor implícito* (LUBBOCK apud LEITE, 2002, p. 13).

Raquel Naveira, em suas produções, constrói um narrador que revela muito da identidade de si mesma, da sua vida cotidiana, permitindo a construção de seu perfil identitário a partir de alguns aspectos observados em suas obras, aspectos relevantes que a autora possibilitou para que fosse possível enxergá-la.

Essa construção de si mesma através dos textos é denominada por Dominique Maingueneau (2008) de *ethos* discursivo, uma maneira de apresentar sua própria imagem ao mundo.

O termo *ethos* surgiu na Grécia, tendo como primeiro autor Aristóteles, e seria a imagem positiva criada e mostrada por um orador no momento da enunciação. Inicialmente, a etimologia era utilizada apenas nos discursos orais, uma forma de convencer o interlocutor por meio da oratória, a imagem do autor discursivo.

Atualmente, a terminologia se estende para os textos escritos. O *ethos* discursivo, segundo Dominique Maingueneau, não está explicitado no texto, porém, é construído pelas pistas deixadas pelo autor, o enunciador do conteúdo.

As obras de Raquel Naveira nos permitem ler sua própria história, a biografia da autora está incorporada nas narrativas fictícias. Com base nos levantamentos feitos sobre sua vida, percebemos resquícios autobiográficos em boa parte dos escritos neveirianos.

Diante disso, começaremos a construir o *ethos* da autora a partir de seu nome de batismo, Raquel. Além da identidade de Naveira, já discorreremos um pouco sobre a temática presente em suas publicações.

Na crônica intitulada “Raquel”, esse nome é descrito a partir de seu significado etimológico hebraico, *ovelha*. Naveira, por meio do narrador, carrega de sentido o étimo *ovelha*, não o assimila apenas ao animal manso e teimoso ao mesmo tempo, mas faz uma analogia ao discípulo obediente para com seu pastor, e assim se diz, considera-se a ovelha mais obediente do rebanho, que terá os devidos cuidados do pastor quando necessitar.

Sou mesmo a ovelha que segue o pastor. Meu pastor de olhos úmidos como o lago onde me leva para beber... Sei que meu pastor me ama e me chama sempre para seu redil: – Raquel, Raquel (NAVEIRA, 2017, p. 46).

Para os cristãos, metaforicamente, o pastor é Jesus Cristo, aquele que cuida e apascenta seu rebanho de ovelhas, e as ovelhas são os discípulos do Mestre.

Na mesma crônica, é relatada a história religiosa de Raquel, uma referência ao texto bíblico. De acordo com o texto original, a amada de Jacó, o qual precisou servir ao sogro Labão por quatorze anos para conseguir unir-se a essa mulher em matrimônio. O relacionamento entre os enamorados não é um romance ficcional, mas um ensinamento de amor e paciência. Conforme relata o narrador naveiriano:

Jacó, apaixonado, serviu sete anos ao pai da bela, Labão, em troca da promessa de se casar com ela. No dia do casamento, Labão, esperto, ofereceu-lhe Lia, sua filha mais velha, o rosto totalmente coberto por um véu. Consumado o casamento, vendo que se enganara, Jacó serve mais sete anos até poder se casar com Raquel. [...]

Raquel torna-se a favorita de Jacó, que só deseja ficar ao lado dela em seu tempo livre, viver intensamente aquele amor e raramente visita a tenda de Lia. Mas, enquanto Lia dá à luz vários filhos, Raquel, estéril, não pôde conceber por muitos anos. Chegou a oferecer, como era de costume na época, sua escrava Bila a Jacó, que com ela teve dois filhos. Finalmente, Raquel gerou José. Depois de algum tempo, engravidou de Benjamim e morreu em seu parto. Em meio às dores da agonia deu ao filho o nome de Benoni, “filho da minha dor”, mas Jacó chamou-lhe Benjamim, “filho da felicidade”. (NAVEIRA, 2017, p. 46 -47).

Além da abordagem religiosa encontrada no texto, o narrador construído por Raquel Naveira se orgulha de ter seu nome escolhido por alguns poetas de renome, como Camões, que reproduz a história bíblica do casal Jacó e Raquel em um de seus sonetos; e o romântico João de Deus, que escreve um poema em homenagem à querida amiga Rachel, nome com grafia diferente, mas de mesma pronúncia.

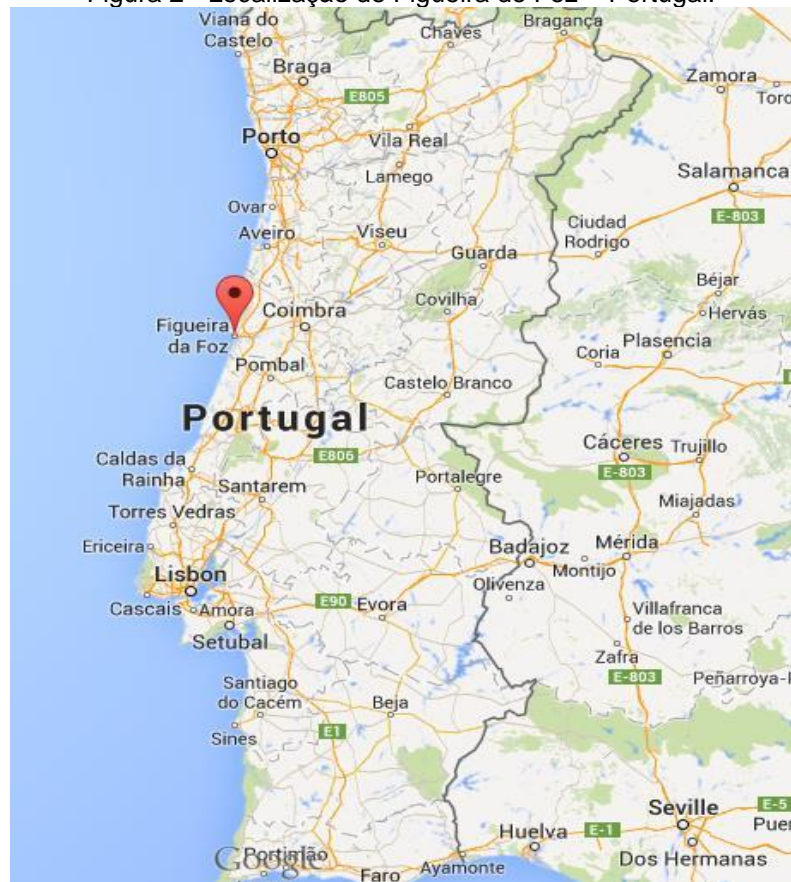
Este é o nome, Raquel Maria Carvalho Naveira, nascida em Campo Grande - MS, aos 23 dias do mês de setembro de 1957; mesmo ano em que foi iniciada a construção da capital brasileira, Brasília, inclusive, nesse mesmo período, o presidente do Brasil Juscelino Kubistchek, fez uma visita a Campo Grande.

Em 1957, também foi fundado o Colégio Auxiliadora, escola na qual Raquel Naveira estudou e lecionou algum tempo depois. Também foi o ano em que começou a pavimentação asfáltica nas principais ruas do centro de Campo Grande, como na Avenida Afonso Pena.

No romance histórico *Álbuns da Lusitânia* (2012), Naveira apresenta os vestígios de sua origem, escreve sobre a ascendência portuguesa. O ancestral desse narrador atravessou o oceano, deixando sua esposa grávida, buscando outra terra, novas oportunidades.

Quando bisavô Antônio veio de Portugal deixou a bisavó Maria José grávida de meu avô José. Moravam em Figueira-da-Foz, uma cidade da Província da Beira Litoral, no Distrito de Coimbra, situada na embocadura do Rio Mondego (NAVEIRA, 2012, p. 23).

Figura 2 - Localização de Figueira do Foz – Portugal.



Fonte: <http://www.worldeasyguides.com/europe/portugal/figueira-da-foz>

Além da descendência portuguesa, também corre em suas veias sangue indígena, como a autora descreve no mesmo romance histórico, sobre a origem da avó materna.

Minha avó Cecília nasceu em Aquidauana, na margem direita do rio que era conhecido como Aquidabã, na língua indígena, numa casa de pau a pique. Era filha de uma índia e de um gaúcho. [...] Logo depois do nascimento de vó Cecília, filha caçula e temporã do casal, mudaram-se para Ponta Porã, Ponta bonita, fronteira seca com o Paraguai [...] (NAVEIRA, 2012, p. 74-75).

Raquel Naveira orgulha-se muito de carregar consigo a mistura dos sangues lusitano e guarani, “Dentro de mim estão os meus antepassados, os meus descendentes, as raças todas, a terra inteira” (NAVEIRA, 2012, p. 164). Filha de Adahil Pereira da Silva, um oficial do exército e Marlene Carvalho, foi criada pelos avós maternos, José Dias de Carvalho e Cecília Carvalho, após a separação dos pais. Passou sua infância em São Paulo, num casarão antigo da Vila Madalena.

Raquel Naveira demonstra desde muito cedo seu interesse pela literatura, “Devia ter uns oito anos quando resolvi ser escritora. Escrevia histórias de fadas e

bruxas em cadernos. Era meio bruxa e meio fada” (NAVEIRA apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 211).

Por meio da fala da escritora, em entrevista à edição do livro *A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores* (2011), já se percebe um pouco do misticismo encontrado em algumas de suas produções. Quando criança, era incentivada pelo avô, um autodidata, conforme a neta relata, possuía uma rica biblioteca em casa.

Suas primeiras leituras foram as narrativas de Monteiro Lobato, o que levou Raquel Naveira a abrir as portas da imaginação, era encantada com as *Reinações de Narizinho*. Desde então, sua paixão pelo objeto livro só foi sendo alimentada até tomar a decisão de ser escritora.

Devido ao encantamento com as obras de Lobato, Raquel Naveira, na companhia do avô, visitou o Sítio do Pica-pau Amarelo, na cidade de Taubaté, interior de São Paulo. Retratando sua paixão pelo escritor, publicou em *O Avião Invisível* a crônica que leva o nome do autor, Monteiro Lobato.

No fundo da caixa de fotografias antigas, encontrei esta: meu avô e eu, de mãos dadas, no Sítio do Pica-pau Amarelo, em Taubaté. Foi um dia maravilhoso. Eu, uma criança apaixonada por Monteiro Lobato, que lera toda a coleção com encantamento e curiosidade, estava ali, no lugar em que ele nasceu; passou sua infância; brincou entre as árvores, os cafezais e a cachoeira. [...] Enfim, lá estava eu, de mãos dadas com meu avô, em frente ao coreto da casa de Monteiro Lobato, afirmando em meu espírito o quanto eu gostaria de me tornar uma escritora como ele (NAVEIRA, 2017, p. 224-227).

Lá no sítio, a autora participou de seu primeiro concurso literário sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato, evento patrocinado pela Petrobrás.

Quando retornou a Campo Grande, depois de passar parte da infância em São Paulo, estudou no Colégio Auxiliadora e na Aliança Francesa, uma vez que, tinha a França como sua segunda pátria.

Estudei no Madre Cabini e no Liceu Pasteur. As lembranças de cantarmos a Marselhesa e hastearmos, lado a lado, as bandeiras do Brasil e da França fizeram da França minha segunda pátria (NAVEIRA, apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 209).

Precocemente, com apenas 15 anos de idade, passou a dar aulas na Aliança Francesa, dando início a sua saga no magistério. Raquel Naveira foi influenciada a lecionar por Maria da Glória Sá Rosa<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Maria da Glória de Sá Rosa, cearense de Mombaça, que escolheu Mato Grosso do Sul como sua segunda terra, desempenhou papel fundamental na cultura – literatura, artes, cinema – graças ao seu

Em uma de suas mais recentes obras, *Menina dos Olhos* (2018), Raquel dedicou o poema de algumas páginas sobre sua inspiração pelo magistério, à professora Glória.

[...]  
 Quando entro em sala de aula  
 Para desempenhar minha docência,  
 Lembro-me de quem inventou em mim esse ofício:  
 Sou professora de Literatura,  
 Um sonho,  
 Uma ciência,  
 Um vício.  
 [...]  
 Por isso, a primeira linha  
 De cada livro meu  
 Lançado ao mundo  
 Pertence a ela,  
 À Glória,  
 À professora Glorinha. (NAVEIRA, 2018)

Aos 20 anos de idade, Raquel Maria Carvalho se casou com Adhemar Portocarrero Naveira, a quem a autora trata como, além de marido, um grande amigo, e tiveram três filhos: Augusto, Otávio e Letícia. “(...) nos sentimos cada vez mais próximos, unidos e testados pelas provas difíceis, que vencemos com a ajuda de Deus até aqui” (NAVEIRA apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 210).

No excerto da crônica abaixo, o narrador construído por Naveira descreve momentos de cumplicidade com o companheiro e a vinda dos filhos na vida do casal:

Tive medo, quase desfaleci sob as rendas de flores amarelas do meu vestido de noiva. [...] Agarramo-nos um ao outro. Sou carne de sua carne. [...] De-lhe filhos em partos com dor. Crescemos e sofremos juntos. A cada perda, a cada plano interrompido, a cada inverno, a cada sensação de cerco, de que o destino queria nos tirar tudo, vinha sempre o consolo:  
 - Ainda sou moça. E ele me acha bonita.  
 [...] Com os filhos adultos a maternidade é uma grande recordação (NAVEIRA, 2017, p. 83-84).

Sobre a vida acadêmica e profissional da autora, também é possível identificar seu *ethos*, por muitas vezes, Raquel Naveira utiliza a metalinguagem para escrever

---

talento, garra e sabedoria. Destacou-se brilhantemente através da sua escrita e permanente dedicação ao trabalho. Escreveu mais de dez livros e inúmeros artigos, ministrou centenas de palestras e participou de diversas conferências, inscrevendo definitivamente seu nome na história da literatura sul-mato-grossense. Glorinha, como era chamada pelos amigos, faleceu em Campo Grande no dia 27 de Julho de 2016. Recentemente, a família de Maria da Glória Sá Rosa doou à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) um acervo que pertenceu à escritora e crítica literária, um acervo bibliográfico e memorial, com materiais pessoais e muitos materiais de pesquisa, a maior parte relacionados ao estado. Estão à frente desse trabalho de preservação e organização da biblioteca a professora dr<sup>a</sup> Aline Saddi Chaves e o professor dr. Daniel Abrão juntamente com seus respectivos grupos de pesquisa.

suas experiências como pesquisadora, professora e escritora. Formou-se em Direito na antiga FUCMT, atual Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), depois em Letras na mesma universidade, instituição na qual também lecionou por muitos anos.

Doutora em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Nancy, na França. Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo – SP. Pertencente à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, atualmente exerce o cargo de vice-presidente na instituição, também faz parte da Academia Cristã de Letras de São Paulo e é membro do PEN (*Poetry, Essay and Novel* – Poesia, Ensaio e Romance) Clube do Brasil.

Depois dos 48 anos de idade, foi morar na capital carioca, Rio de Janeiro, para lecionar na Universidade Santa Úrsula, além de ter ido por motivos profissionais, tinha vontade de ampliar os horizontes e conhecer pessoas do meio literário; porém, parece que a autora não se adaptou muito à cidade; “Minha visão se mudou completamente: viver no Rio é conhecer a realidade brasileira com toda a sua dor e delícia” (NAVEIRA apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 210).

Dois anos depois, por motivos familiares, foi morar em São Paulo – SP. Lá também continuou seu ofício na docência, passando a ministrar aulas na UNINOVE (Universidade Nove de Julho). As duas cidades foram fontes de inspirações para o seu fazer poético. Atualmente, Raquel está de volta a sua terra natal, Campo Grande/MS.

Seu ofício, a docência, sempre andou aliado às suas produções literárias.

Escolhi como profissão o magistério. Uma espécie de extensão de minha vida de leitora e escritora. Uma forma de viver lendo, escrevendo e partilhando meu mundo. Uma dando suporte à outra. Uma dentro da outra. Talvez por isso mesmo, goste de adágio latino, que mistura “o útil ao agradável”. (NAVEIRA apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 212).

Além de ter vocação para a escrita, a autora sente-se pertencente ao mundo literário, tem um compromisso com a literatura. Em suas publicações, há muito de História e Memorialismo.

A Literatura é minha forma de ser e estar no mundo, meu canal de expressão, meu *habitat* natural. [...] Sempre me senti aceita e amada. Minha poesia ligou-me às pessoas de forma fraterna. Faço parte de um tecido feito com fios solidários da memória. Sou porta-voz de um povo e de um momento histórico. Escrevo minha própria história (NAVEIRA apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 212).

Na crônica intitulada “Herança”, o narrador naveiriano, com certo saudosismo, descreve a casa antiga, quase em ruínas que recebeu do pai, que além da velha casa,

deixou-lhe as heranças biológicas, algumas características físicas que a assemelham à figura paterna.

Alguns valores também lhe foram herdados, e buscando na memória o que recebeu do pai, acaba se dando conta de que tudo o que aprendeu nos livros foi trabalho de muitas gerações, e que do trabalho literário gostaria de tê-lo como patrimônio.

Amei, desde sempre, as linhas dos versos: a poesia. Dediquei-me ao estudo dos poetas e da literatura, percorrendo o Romantismo, o Simbolismo, o Modernismo, copiando poemas em cadernos grandes, absorvendo as lições daqueles manuais e antologias. Ainda meio inconsciente, apossava-me da herança do humanismo, da tradição, da busca da expressividade e beleza do idioma. Sentia em mim a vocação, a vontade de acrescentar a esse patrimônio os meus próprios poemas, a minha galáxia de estrelas e de letras (NAVEIRA, 2017, p. 143).

Como já mencionado, Raquel Naveira possui muitos textos metalinguísticos, em que expressa seu ofício de escritora, seu compromisso com a arte da escrita, a literatura. Na crônica *Fiandeiras*, o narrador naveiriano discorre sobre a arte de fiar, sobre o atento trabalho das fiandeiras mitológicas, Pandora que aprendeu o ofício com a deusa Atenas e desafiada por Ariadne na arte da tapeçaria foi transformada numa aranha.

E a mais famosa fiandeira da mitologia, Penélope que teve a união com o amado Ulisses interrompida em virtude da Guerra de Troia. Durante a ausência de Ulisses, Penélope foi importunada por vários pretendentes, porém, a mulher sábia, alegou que estava empenhada em tecer e comprometeu-se que ao terminar o trabalho, faria sua escolha por um novo marido.

Mas isso não aconteceu, porque durante o dia tecia e à noite desfazia o serviço. Finaliza a prosa comparando seu ofício com a escrita ao trabalho de tecer, “Sou Penélope escrevendo poemas e livros em telas de teares: trabalho infinito, que não se acaba de fazer” (NAVEIRA, 2010, p. 54). Por isso é conhecida por alguns estudiosos como fiandeira do Pantanal.

Raquel Naveira diz em entrevista que após sua primeira publicação, tornou-se missivista, enviou seu livro para diversas partes do Brasil e do mundo, a fim de tornar sua obra conhecida e reconhecida por muitos:

Enviei meu livro a centenas de pessoas: amigos, jornalistas, professores, instituições. Uma vida como a de Pablo Neruda na Isla Negra, aguardando o carteiro. Depois passei a viajar, fiz mestrado em São Paulo, visitava as bienais do livro, assistia a palestra de escritores. O círculo foi aumentando, como pedra atirada no lago, formando ondas. Cada livro tem história própria:



uma porta que se abriu, um “não”, um “sim”, um patrocínio, um destino, uma repercussão, tudo muito misterioso. Nunca solucionado. Sempre novamente batalhado. Essa decisão de fazer livros não tem fim. (NAVEIRA apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 211-212).

Na crônica “Escrever: Luta Vã”, a autora descreve a luta e sua vocação para escritora, comparando-se a um escriba dos povos egípcios, figura importante da Antiguidade, que tinha a função de escrever, “Fascinam-me os escribas dos povos antigos. Entre os egípcios, eles constituíam uma verdadeira casta, de considerável influência” (NAVEIRA, 2010, p. 37).

Compara-se a Pero Vaz de Caminha, escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral, aquele que escreveu a famosa carta considerada a Certidão de Nascimento do Brasil ao rei de Portugal Dom Manuel: “É isso, tenho vocação para escrivã de esquadra. Para fazer literatura de viagens” (NAVEIRA, 2010, p. 37).

No mesmo texto, traz duas importantes figuras femininas que desempenharam o ofício de escrivãs. Tecla, que escrevia as mensagens evangélicas do apóstolo Paulo e a freira Mariana Alcoforado, a escriba apaixonada, escreveu cinco cartas de amor e eróticas ao oficial francês Chamilly. Finaliza a crônica relatando a difícil tarefa de ser escrivã, um trabalho não valorizado, mas de extrema importância, que dá sentido à sua viagem.

Raquel Naveira demonstra um grande compromisso com a escrita. Dentre suas publicações, é possível citar: *Abadia* (1995), com temas religiosos e recriação de objetos sagrados, transitando também, além do religioso, entre o profano e o misticismo; *Casa de Tecla* (1998), livro de poemas líricos que traz a emoção e a expressividade da autora, ambos finalistas do Prêmio Jabuti na categoria Poesia. A seguir, de forma cronológica, discorrer-se-á sobre as obras publicadas por Naveira.

*Sonho a Quatro Remos* (1981); *Via Sacra* (1981), livro lançado de forma independente, numa gráfica em Campo Grande, primeiro livro de poemas, que já traz as principais temáticas trabalhadas pela escritora: a terra, o autoconhecimento, o fazer poético, a natureza, o amor e a morte, o Cristianismo e a Mitologia Greco-Romana.

*Fonte Luminosa* (1990), uma referência à fonte da Praça Ary Coelho, na Rua 14 de Julho, em Campo Grande – MS e ao próprio Deus; *Nunca Te Vi* (1991), merecedor do prêmio Jacaré de Prata, concedido pela Secretaria de Cultura e de Esporte de Campo Grande; *Fiandeira* (1992), livro pertencente ao gênero narrativo, no qual, de forma metafórica, Naveira fia algumas passagens literárias mesclando

prosa e poesia, inspirada na *Filosofia da Composição* de Edgar Allan Poe, quando explica a composição do poema *O Corvo*.

*Guerra entre irmãos* (1993), poemas inspirados na Guerra do Paraguai, em que a autora transita entre os gêneros épico, dramático e lírico, escrevendo a respeito da época em que o estado de Mato Grosso do Sul um dia foi Paraguai; *Sob os Cedros do Senhor* (1994), obra baseada no Livro de Lucas da *Bíblia Sagrada*, com a participação temática das etnias árabe e armênia em Mato Grosso do Sul; *Canção dos Mistérios* (1995).

No ano de 1996, publicou *Mulher Samaritana*, novela lírico-bíblica; *Caraguatá*, poemas inspirados na Guerra do Contestado, guerra litigiosa entre Santa Catarina e Paraná, por essa obra a escritora recebeu uma Menção Honrosa no prêmio Alejandro J. Cabassa, concedido pela União Brasileira de Escritores, no Rio de Janeiro, em 1998.

*Pele de Jambo* (1996), livro de categoria infanto-juvenil, tem como cenário a cidade Sul-Mato-Grossense Bela Vista, cidade fronteira com o Paraguai, livro que concedeu à escritora o 2º lugar no 8º concurso de Obras Publicadas (Academia de Letras e Ciências de São Lourenço – MG/1997). Em *O Arado e a Estrela* (1996), a autora faz uma reflexão sobre o fazer literário, traz sua biografia, descrevendo sobre sua formação, suas influências culturais e intelectuais.

*Intimidades Transvitas* (1997) ilustra quadros de Valdir Rocha por 20 poetas; *Senhora* (1999), livro de poemas ganhador do prêmio Henriqueta Lisboa, da Academia Mineira de Letras; *Stella Maia e Outros Poemas* (2001), poemas sobre a conquista do México pelos espanhóis; *Xilogravuras* (2001); *Tecelã de Tramas* (2004), com ensaios sobre interdisciplinaridade, revela a união entre a poeta e a professora.

*Portão de Ferro* (2006), *Literatura, Drogas e outros ensaios* (2007), o narrador naveriano faz relatos sobre o encontro entre as drogas e a literatura na vida e na obra de vários autores; *Sangue Português: Raízes, Formação e Lusofonia* (2012), nesse trabalho, a partir da sua herança portuguesa, a escritora rememora em forma de poemas o caminho percorrido por seus antepassados até o Brasil, livro ganhador do Prêmio Guavira, da Fundação de Cultura do Mato Grosso do Sul.

Ainda em 2012, publicou o romance histórico *Álbuns da Lusitânia*, obra que surge a partir de um álbum de fotografias, recheado de memórias, o livro escrito em primeira pessoa relata as origens de Raquel Naveira, a ida de seus antepassados de Portugal para Campo Grande, com seus sonhos, expectativas e a forma com a qual

contribuíram na construção histórica da cidade, pois chegaram alguns anos após ter sido fundada por José Antônio Pereira.

*Caminhos de Bicicleta* (2010), ganhador do prêmio Lygia Malaguti, concedido pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE/RJ), e *Quarto de Artista* (2013) são obras constituídas por crônicas e poemas, em que a escritora insere de forma interessante um gênero textual ao outro, alternando-os no decorrer dessas obras.

*Jardim Fechado: Uma Antologia Poética* (2015), nesse livro, Naveira reúne alguns poemas dos seus anos de escritora. *O Avião Invisível* (2017), coletânea de crônicas que será analisada nos próximos capítulos desta pesquisa; finalizando, os mais recentes trabalhos publicados pela escritora, o livro de crônicas *Mar de Rosas* (2018) e o livro de poemas *Menina dos Olhos* (2018), com uma das principais temáticas da autora, a religiosidade.

Naveira é bem eclética e passeia por diversos gêneros literários, além dos livros de poemas, crônicas e ensaios, também já publicou literatura infantil como *Guto e os Bichinhos 1 e 2* (2012) e *Dora, a menina escritora* (2014).

Além dessas obras, possui publicações em várias revistas nacionais e estrangeiras, incluindo o poema “Lavoura”, do livro *Nunca Te Vi* (1991), na revista *Táira*, da Universidade Stendhal, em Grenoble, França.

Possui ainda obras adaptadas para o cinema e para o teatro, com o documentário *The World Social Forum*, (canção Fiandeira, de Raquel Naveira e Tetê Espíndola) e o curta-metragem *Cobrindo o Céu de Sombra*, inspirado na obra *Caraguatá* (1996). Em peças teatrais, *Você Conhece Raquel Naveira?*, encenada pelo GETEC, no Centro Universitário de Aquidauana/MS.

No ano de 1986, *Hoje Tem Espetáculo Conceição Ferreira*, monólogo de Haroldo Garay baseado em poema de Raquel Naveira, encenado em 1996, no SEBRAE; e o espetáculo *Rosa de Portugal*, inspirado no poema de Naveira sobre Conceição Ferreira.

Para a concepção de todas essas obras, a autora se apropria de um lugar especial. Em *Quarto de Artista* (2013), texto de mesmo nome de uma coletânea de poemas, ensaios e crônicas, o narrador naveriano discorre sobre o lugar apropriado para o trabalho árduo de escritora e a necessidade de o ter.

O meu também é quarto de artista. Nele me trancafo. Sento-me numa cadeira tão firme quanto aquela em que o primeiro homem se sentou num

tronco qualquer de floresta imemorial. À minha frente, uma mesa, como aquela que se assentaram os filósofos [...]. Sobre ela, coloquei um abajur de luz forte, alaranjada, pois gosto de tudo muito claro. [...] Exulto de alegria: tenho um teto, um espaço meu. Abro a porta com esforço para encontrar brecha no difícil cotidiano. Penetro na clareira do bosque. Vejo uma fonte em meio ao meu quarto (NAVEIRA, 2013, p. 11).

O quarto da artista é comparado a outros quartos importantes para conceber algumas obras. Como Elias, o profeta da Bíblia, acolhido por uma sunamita num quarto aconchegante, onde poderia usufruir do conforto para seu descanso, para escrever e para ler à luz de lamparina. O quarto do pintor impressionista Van Gogh foi retratado por ele mesmo, no famoso quadro intitulado *Quarto em Arles*.

Enfim, todas as produções naveirianas foram concebidas num lugar especial, apropriado para a autora, num quarto de artista.

Acabamos de esquadrihar a biografia de Naveira, sua possível autobiografia por meio das próprias obras literárias. Diante de tantas publicações, a seguir trataremos a recepção crítica de Raquel Naveira, alguns estudos feitos sobre a escritora e suas publicações.

### 1.3 A recepção crítica de Raquel Naveira

Como Raquel Naveira é uma autora que está em evidência na literatura regional, é proposta uma reflexão sobre a sua recepção crítica, dando destaque a quatro pesquisas acadêmicas, três delas dissertações de Mestrado defendidas em Universidades de Mato Grosso do Sul e uma tese de Doutorado do Estado do Ceará, sendo esta, a mais recente pesquisa feita sobre a escritora e suas obras.

A dissertação de mestrado intitulada *As Marcas do Regionalismo na Poesia de Raquel Naveira* (2000), de Arlinda Cantero Dorsa, em que são analisados os poemas de Raquel Naveira nas seguintes vertentes poéticas: na historicidade, no misticismo, nas lembranças de Campo Grande e no mundo pantaneiro. A pesquisa de Dorsa foi de suma importância para a literatura regional de MS, tanto que se tornou um livro publicado pela editora UCDB (Universidade Católica Dom Bosco).

Lemuel de Faria Diniz, em sua dissertação intitulada *Vertentes histórico-regionais-culturais na poética de Raquel Naveira* (2006), fez uma análise da poética naveiriana e como os monumentos que marcaram os primórdios de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, encontram-se presentes na obra da escritora,

constituindo-se arte literária. Nesse trabalho, o pesquisador coloca em evidência as memórias da autora.

De um modo geral, em todas as etapas dessa pesquisa, presenciamos a presença das vertentes histórico-regionais-culturais na poética da artista campo-grandense, seja partindo do regionalismo ou da poesia confessional, seja partindo das guerras ou das imigrações, ou, ainda, partindo da memória e da infância de Naveira, ou melhor, nesse último caso, ao tentar evidenciar a relação entre a vida e a obra da escritora. Denota-se, assim, o caráter dialógico que a obra de Naveira mantém com o *locus* de enunciação e com os contextos socioculturais que serviram de base para o seu surgimento (DINIZ, 2006, p. 140).

Em sua pesquisa acadêmica, Grazielli Alves de Lima apresentou a dissertação intitulada *Chão cultural naveiriano: composições da paisagem pantaneira* (2012), analisando a prosa poética da escritora, focando as relações entre literatura e pintura, abordando sob esse prisma os estudos interartísticos contemporâneos como vertente do campo dos estudos de Literatura Comparada. Conforme podemos observar no trecho em destaque:

[...] ao compor alguns textos poéticos, Raquel Naveira demonstra grande sensibilidade plástica, com significativo conhecimento pictórico, unindo cores e letras num só processo artístico. São vários os poemas em prosa que nos transportam às obras plásticas, proporcionando uma gama de imagens que representam obras primas de pintores regionais. Deste modo, a relação entre literatura e pintura disposta na poética de Raquel Naveira se tornou tema-chave de nossa pesquisa. Assim, procuramos acentuar o encontro entre essas artes, também co-irmãs [sic] pela perspectiva de uma cor local (LIMA, 2012, p. 124).

O mais recente trabalho acadêmico é a tese de Doutorado intitulada *Construção de identidade na produção residual de Raquel Naveira* (2018), defendida por Mary Nascimento da Silva Leitão, na Universidade Federal do Ceará. A tese é uma análise das poesias e prosas da escritora, porém, com enfoque na poesia. Mary Leitão apresenta Naveira a partir dos conteúdos encontrados em seus textos, seu *ethos* residual, fazendo um estudo sobre os resíduos inseridos em diferentes imaginários perceptíveis, a partir das memórias descritas em obras naveirianas.

Além dessas pesquisas, outros autores destacaram em suas divulgações a literatura sul-mato-grossense e a escritora Raquel Naveira, dando-lhe destaque entre os principais autores regionais e apresentando-a como uma promessa a ser reconhecida nacionalmente.

Desde seus primeiros escritos, Naveira já demonstrava ser uma grande representante da literatura regional, nas palavras de José Couto Vieira Pontes, na obra *História da literatura sul-mato-grossense* (1982):

É uma das promissoras expressões da poesia moderna de Mato Grosso do Sul. (...) Jovem ainda, já começa a dominar os segredos da poética de vanguarda. Seus primeiros poemas foram publicados no “Correio do Estado”, merecendo desde logo a atenção da crítica (PONTES, 1982, p. 142).

No excerto acima, Pontes (1982) destaca a autora como uma promessa da poesia sul-mato-grossense. Hoje, 37 anos depois dessa afirmação, percebe-se que Raquel Naveira demonstra sua habilidade também na produção de outros gêneros literários, além dos livros de poesias, também é autora de crônicas, romances, peças teatrais, entre outros, como apontado anteriormente.

Edna Menezes, professora e pesquisadora de autores sul-mato-grossenses, em um de seus estudos sobre a poesia de Raquel Naveira, publicado no *Jornal da Poesia*, ressalta a constante presença da escritora nas mídias, sua participação ativa em programas de rádio e televisão.

Como outros estudiosos, Menezes também destaca a autodefinição de Naveira por meio dos seus textos, a metalinguagem presente no poema *Fiandeira*, em que a arte de fiar é comparada à arte de escrever, aponta as temáticas do regionalismo, do Cristianismo, do misticismo, do universo feminino e do diálogo com outras artes. Assim temos na análise de Menezes:

Intelectual compromissada cada vez mais com seu ofício docente e literário, Raquel Naveira prossegue na sua sina de aranha, de fiandeira, tecendo com fios preciosos e frágeis de memória, lirismo e fraternidade, uma obra única e dinâmica. Uma larga e fina teia que se espalha pelo universo (MENEZES, [200-?], p. 23).

Menezes, num outro trabalho, uma pesquisa acadêmica intitulada *Quatro expoentes da literatura sul-mato-grossense: Lobivar Mattos, Manoel de Barros, Raquel Naveira e Visconde de Taunay* (2002), contribui também com a fortuna crítica literária de Mato Grosso do Sul. Numa ordem cronológica, salienta quatro escritores importantes, representantes da literatura do Estado, sendo eles: Visconde de Taunay, Lobivar Mattos, Manoel de Barros e Raquel Naveira.

O primeiro deles, Visconde de Taunay, mesmo não tendo suas raízes em Mato Grosso do Sul, sua obra de maior destaque, *Inocência* (1872), tem conteúdos inteiramente ligadas ao Estado. Em *Retirada da Laguna* (1871), o autor relatou um dos maiores e mais importantes episódios ocorridos na região, a Guerra do Paraguai, isso o tornou um dos precursores da literatura regional sul-mato-grossense.

Em seguida, apresenta o poeta Lobivar Mattos, um dos pioneiros do Movimento Modernista de Mato Grosso do Sul, o qual ganhou destaque por ter produzido obras

sobre sua cidade natal, Corumbá. Em suas poesias construiu significados para a Cidade Branca, escrevendo sobre os bairros e as peculiaridades da fronteira.

Depois, Manoel de Barros, considerado um dos maiores poetas contemporâneos brasileiros, o qual desenvolveu um notável trabalho com a linguagem, o inventor de palavras. Enfim, ao lado desses três grandes nomes, Menezes coloca, enfaticamente, Raquel Naveira como representante feminina da literatura do Estado, destacando o valor notável de resgate histórico em suas poesias.

Naveira publicou poemas épicos relacionados, principalmente, a fatos ocorridos em Mato Grosso do Sul, além de abordar a imigração armênia e árabe na região, a Guerra do Contestado e a famosa Guerra do Paraguai.

Em seus poemas, a autora dá ênfase aos heróis dessas lutas, que envolveram o povo sul-mato-grossense, transmitindo ao leitor a vivência, as dores, os sentimentos dos que participaram das batalhas. Por exemplo, em *Guerra entre irmãos* (1993), Naveira exalta a expedição conhecida como *Retirada da Laguna*<sup>4</sup>, dando destaque para, além do escritor francês Visconde de Taunay, também aos heróis participantes desse momento, o Coronel Carlos de Moraes Camisão e ao guia expedicionário José Francisco Lopes, como visto nos trechos abaixo.

Nunca vou te esquecer meu francês  
De cabelos encaracolados  
Teu jeito distante  
De quem vive escrevendo,  
Perdido num país de sonho.  
[...]  
Adentra com o coronel Camisão o teatro da guerra,  
Conduzidos pelo guia Lopes  
Entre brenhas e banhados  
Chegam à laguna:  
Fome  
Fogo,  
Febre  
Era preciso retroceder  
Retirar não é fugir,  
É preciso marchar. (NAVEIRA, 1993, p. 51)

Em *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores* (2011), a escritora é apresentada como autora de outros gêneros, além dos poemas e, de forma sucinta, é dito que Naveira se movimenta na prosa com a mesma segurança com que se movimenta na poesia. Uma das primeiras críticas literárias do Estado a cita como produtora de diferentes gêneros textuais.

---

<sup>4</sup> Retirada da Laguna foi um episódio da Guerra do Paraguai, ocorrida entre os anos 1864 e 1870.

O domínio da escrita de Raquel Naveira é comparado ao de João Cabral de Melo Neto, pois sua obra é construída na consciência de quem se sente dona do texto, que parece brotar de outras épocas e possui liberdade de criação em todos os temas e assuntos. Naveira é descrita como uma fiel discípula dos mestres franceses *Mallarmé* e *Baudelaire*, com autoridade no processo de criação e análise metalinguística da poesia.

A obra destaca ainda que, por seu ecletismo, Naveira “como Riobaldo, ‘bebe água de todo rio’” (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 218), ou seja, tem facilidade de construir versos de todos os temas, mitos gregos e latinos, das civilizações árabe, romana, latino-americana, em um processo rico de intertextualidade.

Revelando que Raquel Naveira opera um universo linguístico complexo, resgatando memórias, fazendo renascer história dos ancestrais, garantindo que o mundo árabe e armênico não desapareçam, pois estão assegurados na poética da autora. “Seus poemas, arquivos de memória, retêm, pelos anos afora, segredos que se perdem e renascem imunes aos ventos da morte” (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 218).

A obra de Raquel Naveira possui uma significativa fortuna crítica, como apresentado no *site Jornal da Poesia*. É reconhecida e apreciada por escritores e críticos, tais como Artur da Távola, advogado, jornalista, radialista, escritor, professor e político brasileiro, um dos fundadores do PSDB, que diz: “Como é possível produzir tanto e tão bem... Ensine-me o segredo” (TÁVOLA, [200-?]).

Afonso Romano de Sant'Anna (2006), escritor e poeta brasileiro, relata: “Sua obra vai assim se afirmando cada vez mais”; Moacyr Felix, poeta, escritor e editor depõe:

Li *Mulher Samaritana* e *Maria Madalena*. Foi um enriquecimento ao meu sentir a vida a leitura dos mesmos. Desde os seus livros anteriores, que guardo com afeição, cada vez mais se confirma dentro de mim a certeza de sabê-la como uma das melhores autoras de poesia (verdadeira e autêntica e original) da nossa literatura contemporânea (FELIX, 2006, p. 119).

Antônio Houaiss, filólogo, crítico literário, tradutor, diplomata e enciclopedista, confessa: “Reconheço-lhe sua capacidade verbal e mental e sou-lhe muito grato por isso” (HOUAISS, 2006, p. 119); Lygia Bojunga Nunes, atriz e escritora, testemunha: “Que emoção encontro com tua poesia!” (BOJUNGA, 2006, p. 119). Além desses nomes citados, há outros envolvidos com a literatura que comentam e avaliam criticamente as produções naveirianas.



Guimarães Rocha (2018) destaca a publicação *O arado e a estrela* (1996), de Raquel Naveira, desde a dedicatória feita pela autora ao padre João Mohana “que lhe ensinou a regaçar as mangas, colocar as mãos no arado, à luz da estrela ideal” (ROCHA, 2018, p. 299), diz que essa obra é composta por quatro partes, quatro temas (regional, histórico, místico e o fazer poético), formada por poemas e prosas em poesia decifra terra e céu, cimo e chão, numa perspectiva divina.

Diante dos levantamentos críticos sobre a Raquel Naveira, um item do qual os autores não fogem, e é impossível de passar despercebido, é o memorialismo, uma temática recorrente nos textos da escritora, que se apoia nessa dialética da memória para a construção das suas narrativas, tanto em prosa quanto em versos. Esse tipo de conteúdo memorialístico dá ao leitor a sensação de reviver algo aparentemente inalcançável, mas possível diante das lembranças resgatadas pela autora.

Numa base histórico-sociológica, Lúcia Castelo Branco (1991) afirma que a memória possui uma afinidade com a escrita feminina, isso porque a escrita autobiográfica parece ser uma maneira da mulher expressar sua vida íntima, além dos desejos e fantasias. Essa boa relação entre o universo feminino e o universo memorialístico também acontece pela forma como são ditas as memórias, num tom de nostalgia, tentando resgatar a origem do vivido.

À memória feminina, Branco (1991) dá o nome de *desmemória*, ato que consiste na apresentação dos esquecimentos, dos lapsos e do caráter de invenção e criação, na qual a escrita feminina se articula, pois consiste na perda, mas sem negá-la, exibindo-a.

A *desmemória* feminina é comparada pela autora ao mito de Penélope, que durante a ausência do marido, guardou-lhe total fidelidade. A moça tecia sua tapeçaria durante o dia e, por meio do gesto feminino, destecia o trabalho durante a noite, na tentativa de se livrar dos pretendentes. Com esse ato, torna-se a guardiã fiel das memórias de Ulisses, construindo um novo texto.

Em seus estudos antropológicos, Joel Candau (2018) traz a definição de memória diferenciando-a de história, que tem um compromisso com a exatidão do que é falado, a outra pretende a verossimilhança carregada de paixões, emoções e afetos. Trazendo ainda suas manifestações compartilhadas, tais como memória familiar, memória genealógica, memória coletiva, entre outras, fazendo uma relação entre este conteúdo e identidade, como os dois assuntos dialogam entre si. Conforme Candau (2018):

[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: “a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele” (CANDAU, 2018, p. 9).

Utilizando suas memórias, Raquel Naveira compartilha com o leitor certos aspectos da realidade social e cultural em que vive e viveu, até mesmo momentos bem particulares, inclusive por isso foi possível traçar sua identidade por meio de seus escritos, pois o memorialismo está interligado à identidade.

O ato do indivíduo tentar verbalizar sua memória, que exteriorizada torna-se compartilhada numa inferência feita por metáforas – memória coletiva, comum, social, familiar, histórica, pública – é nomeado por Joel Candau (2018) de *retórica holista*. Dessa forma, ordena um reagrupamento de indivíduos, bem como suas representações, crenças e, ainda, elementos reais ou imaginários, numa configuração narrativa, esses elementos não possuem inverossimilhança.

Essa retórica holista mostrada pelo autor é o que sustenta as configurações narrativas para dar conta da realidade demonstrada pelo narrador do texto literário. O autor defende que, desde sempre, o homem sente a necessidade de deixar marcas, de “fazer memória”, o que é percebido antes mesmo do surgimento da escrita, uma vez que o povo pré-histórico deixava nas paredes das cavernas seus registros em forma de gravuras.

Candau (2018) destaca a importância da narrativa para manter vivas as memórias, não permitindo a morte do autor e da história. Diz ainda que o memorialismo é um recurso importantíssimo no processo identitário do autor, uma forma de torna-lo guardião de seu tempo.

[...] a escrita – e ainda mais o impresso – permitiu, sem dúvida, a socialização da memória e da possibilidade de estocagem de informações cujo caráter fixo pode fornecer referenciais coletivos de maneira bem mais eficaz que a transmissão oral. Com os grandes textos, os princípios autorizados de inteligibilidade do mundo social se tornam disponíveis não apenas para a população de letrados, mas para todos os que possuem a possibilidade de escutá-los por ocasião das grandes narrações, pregações, sermões, exortações de toda natureza que se nutrem de textos fundadores (CANDAU, 2018, p. 108).

Denominando-se guardiã das histórias de sua família, do seu Estado e de seu povo, Naveira dá importância ao compartilhamento das lembranças. As produções escritas são uma maneira de transmissão das lembranças que permitem a

sobrevivência, a conservação da memória e colaboram em sua socialização, além de preservar a memória oralizada.

Os textos narrativos guardam grandes memórias, até mesmo por sua boa organização, uma das principais narrativas é formada pela tradição judaica, é o modelo narrativo para reconstrução memorial da experiência. A constituição da doutrina cristã adquiriu força devido à sua inserção numa trama narrativa, esse tipo de texto fortemente estruturado é conhecido como pedra angular da memória, pois contribui no interior de um grupo ou sociedade “para orientar duravelmente as representações, crenças, opiniões e para manter a ilusão de seu compartilhamento absoluto e unânime” (CANDAUI, 2018, p. 12).

Além do fio memorialístico, de todos os estudos feitos sobre Raquel Naveira e suas obras, é perceptível entre os autores, o destaque que dão à poesia naveiriana. E embora, a escritora seja reconhecida de forma significativa para a poesia de Mato Grosso do Sul, esta pesquisa terá como foco de análise outro gênero produzido por ela, a *crônica*; especificamente, as crônicas da coletânea *O Avião Invisível* (2017).

No próximo capítulo será abordada a origem da crônica, suas primeiras aparições, a forma como esse gênero ganhou espaço no Brasil e, em seguida, as crônicas publicadas em Mato Grosso do Sul e Raquel Naveira como cronista lírica.

## 2 A CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO

“A crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte.”

(Carlos Drummond de Andrade)

Segundo Angélica Soares (2007), os gêneros literários surgiram da necessidade de classificar um texto ou determinada obra de acordo com o conjunto de características predominantes em cada um. A primeira divisão básica dos gêneros literários foi feita por Aristóteles da seguinte forma: gênero lírico, de conteúdo subjetivo e expressivo; gênero dramático, texto para ser encenado, sem narrador; e o gênero épico, que por meio de cantos narra histórias com fatos extraordinários, fabulosos, envolvendo feitos heroicos.

O gênero épico, por alguns, é também conhecido como gênero narrativo, devido algumas de suas características, como, por exemplo, a existência de um narrador, personagens, tempo e espaço. Porém, alguns autores discordam dessa tese e classificam o texto narrativo como um quarto gênero literário.

Por exemplo, Soares (2007) afirma que o gênero narrativo de maneira alguma se aproxima do gênero épico, sendo que este existiu na Antiguidade, e o outro teve sua primeira aparição na Idade Média em romances de Cavalaria. A narrativa começou a se modernizar em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, mantendo-se expressiva até os dias atuais.

O gênero narrativo, diferente do gênero épico, narra ações ficcionais ou não na estrutura da prosa, podendo ser em primeira pessoa, não somente na terceira pessoa. Além de ter características dos outros gêneros literários, pode ser objetivo ou subjetivo, como o gênero lírico, ou utilizar diálogos, como o gênero dramático. O texto narrativo possui subgêneros, um deles é a crônica, a respeito do qual será discorrido a seguir.

Os gêneros descritos são os principais, mas não os únicos. A partir dos gêneros primários estudados na Antiguidade, manifestam-se os secundários e assim por diante. Os secundários surgiram com a mistura de características dos primários. De acordo com Bakhtin (1992), os gêneros são infinitos, pois as atividades humanas são inesgotáveis, os gêneros surgem de acordo com a necessidade diária de cada ser.

## 2.1 A origem da crônica

Segundo Jorge Sá, em seu livro *Crônica* (1985), o subgênero narrativo, a crônica possui seu sentido etimológico ligado à palavra que se origina do grego *khronos* e/ou do latim *chronos*, que significam ‘tempo’. Inicialmente, o gênero textual recebeu esse nome por se tratar de uma história contada em uma determinada ordem e/ou sequência cronológica. Eram acontecimentos históricos, verídicos, narrados na ordem em que aconteciam, sem a pretensão de interpretação.

Antônio Cândido explica, no artigo intitulado “A vida ao rés-do-chão” que, “antes de ser crônica propriamente dita foi ‘folhetim’, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias” (CÂNDIDO, 1992, p. 7).

Na Europa, mais precisamente na França, o aparecimento desse gênero, ocorreu no ano de 1799, publicado no *Journal de Débats*, por Julien-Louis Geoffroy, nasceu nos folhetins, local disponibilizado para as primeiras publicações desse gênero textual.

Os folhetins apareciam no final da página do jornal, ao *rés-do-chão*, um espaço “vazio” dedicado ao entretenimento; ali eram publicados capítulos de romances, anedotas, comentários sociais, poemas e as próprias crônicas. Um espaço livre, o que proporcionou ao texto certa liberdade quanto ao seu conteúdo, deixando de ter um tom documental/histórico, passando a ser uma escrita diversificada e jornalística ao mesmo tempo.

Porém, antes das crônicas chegarem aos folhetins, André de Freitas Simões, em seu artigo *A evolução da crônica como gênero nacional* (2009) afirma que Heródoto, grego considerado o pai da história, foi o primeiro grande cronista. E antes do período Medieval, na *Bíblia Sagrada*, o livro *Crônicas* escrito por Esdras<sup>5</sup>, trata da genealogia dos hebreus, resgatando a história desse povo. As primeiras crônicas mantinham um caráter de relato circunstancial, um olhar do narrador sobre fatos considerados importantes.

Depois, Júlio César, o imperador romano, também escreveu notáveis crônicas sobre guerra. Esses primeiros cronistas eram, antes de tudo, documentaristas de sua época, faziam registros históricos e sociais das façanhas ocorridas na ordem em que

---

<sup>5</sup> Esdras – um personagem da tradição judaico-cristã que liderou o segundo grupo de retorno de israelitas que retornaram da Babilônia em 457 a.c. Descendente de Arão, o primeiro sumo sacerdote de Israel. Esdras era escriba entendido na lei de Moisés.

aconteciam sem a intenção de se aprofundar ou interpretar um determinado assunto, todas essas narrativas com um toque peculiar do autor.

Esse mecanismo de inserção da história no texto tornou a crônica uma precursora da historiografia moderna. Segundo Jorge Sá (1985), a “carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel de Portugal” é classificada como uma crônica, o registro é considerado a certidão de nascimento do Brasil, o início da Literatura Brasileira, a Literatura de Informação, retrata detalhadamente o “achamento” do país na ótica de seu escritor.

Caminha, assim como seus precursores “documentaristas”, estabeleceu em seus escritos o princípio básico da crônica, registrou de forma engenhosa o momento histórico de sua viagem, o circunstancial, que é a característica mais forte e comum desse gênero textual.

José Couto Vieira Pontes (1982) define a crônica como um gênero que nasceu da necessidade das pessoas de narrar, contar, relatar e preservar a memória dos fatos, o que é possível observar desde as primeiras produções do gênero.

Mundialmente, a crônica ainda está vinculada ao seu modo mais primitivo, às narrativas cronológicas, ao registro documentarista, jornalístico do cotidiano, um modo comum também no Brasil; porém, ao se desprender do seu fator inicial cronológico, as crônicas sofreram uma evolução e ampliaram suas possibilidades literárias.

O gênero que “nasceu” nos folhetins como meros relatos jornalísticos, após somar-se à literatura, ganha sua riqueza e floresce no país. Para José Marques Melo, em seu estudo intitulado *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório* (1985), somente no Brasil, a crônica se parece com um relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária.

Para Massaud Moisés (1995), a crônica é considerada um gênero tipicamente brasileiro, devido à forma como se consolidou no país, parece não ter igual em outra literatura. Acrescenta ainda que é um gênero genuinamente carioca, não que outros lugares do país não tenham esse tipo de produção, mas o Rio de Janeiro foi o berço do seu nascimento no Brasil.

Em 02 de dezembro de 1852, Francisco Otaviano inaugurou o *Jornal Comércio* do Rio de Janeiro, juntamente com o surgimento do jornal, na perspectiva de alguns estudiosos, também surgiram as crônicas brasileiras em seus folhetins, na seção *A Semana*.

Mais adiante, o período modernista de 1922 colaborou para a consolidação da crônica no país, permitindo-lhe maior liberdade com a escrita, liberando os escritores a usar o coloquialismo em suas produções. Na década de 1930, Rubem Braga dá um tom de conversa fiada ao gênero.

[...] depois de Rubem Braga, “a crônica passou a ser o espaço livre do cronista, que o usava para escrever poemas em prosa, poesias, contar histórias, fantasias, fazer ensaios. Passou a ter grande liberdade” (MOISÉS, 1995, p. 112).

A liberdade adquirida pela crônica obteve uma maior aceitação do público, fazendo com que desse adeus aos folhetins e ganhasse seu próprio espaço nos jornais.

Com o passar do tempo e o lugar garantido nos jornais brasileiros, o sentido cronológico da palavra crônica é modificado, o gênero é afetado por certa dinamicidade, própria dos veículos de comunicação, então a crônica assume a significação de ser um texto lido num curto espaço de tempo, na correria rotineira, numa ida de ônibus de casa ao trabalho, numa parada para o café, etc. Porém, uma coisa é certa, seja a crônica ligada ao seu sentido original ou não, seu enfoque é sempre no circunstancial, no cotidiano, no dia a dia, retomando a sua proposta inicial.

O gênero que ganhou as páginas dos jornais com temas corriqueiros da época, devido à sua relação entre a ficção e a história, é considerado de caráter híbrido, ora com um tom mais literário, ora com um tom mais jornalístico. Para alguns autores, a crônica se enquadra em um gênero jornalístico e para outros, em um gênero literário.

Afrânio Coutinho, em *Ensaio e Crônica* (1994) classifica as crônicas como um gênero literário, diz que na literatura brasileira elas se dividem de acordo com o teor do assunto. Por exemplo, a crônica-narrativa conta uma história, o que a aproxima muito do conto. A crônica-metafísica é constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens. A crônica-poema é escrita em prosa, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos. Já a crônica-comentário traz ponderações a respeito dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes (apud COUTINHO, 1994), “o aspecto de um bazar asiático”, acumulando muita coisa diferente ou díspar.

Porém, Luiz Beltrão, em seus escritos sobre a teoria da crônica, intitulado *A opinião do jornalista* (1980), considera a crônica um gênero jornalístico, para isso aponta duas classificações necessárias.

A primeira classificação é feita quanto à natureza do tema, crônica geral é aquela que tem seu espaço no jornal com assuntos variados. Crônica local, conhecida como urbana, possui temas do cotidiano da cidade e a crônica especializada, em que o autor é um *expert*, trata de assuntos referentes a um campo específico de atividades.

A segunda classificação é dada quanto ao tratamento dado à temática, classificando-as em analítica e dialética, os fatos são breves e objetivos, possui características de um pequeno ensaio científico.

Depois, a crônica sentimental possui uma linguagem poética com fatos comoventes que sensibilizam o leitor. Por último, a satírico-humorística, crítica, ironiza, ridiculariza fatos ou pessoas com a intenção de divertir ou entreter o leitor, possui feição caricaturista.

Para Beltrão (1980), o cronista se utiliza da crônica para interpretar um tema de seu ponto de vista, na mesma estrutura da notícia com argumentos, ora lógicos, ora sugestivos que levam o leitor à conclusão de um determinado assunto, por isso um gênero jornalístico.

Diante dos expostos, verificamos que o gênero pode ser considerado ambíguo, transitando entre o jornalismo e a literatura. Não é produzido de uma única forma, é considerado jornalístico quando busca sua compreensão em fatos reais, possui um tom de notícia; é literário quando se permite a recriação do cotidiano por meio da fantasia, quando utiliza recursos próprios da literatura, tais como, os estilísticos, principalmente as metáforas.

As crônicas podem aparecer publicadas como textos argumentativos, poemas em prosa, pequenos contos, memórias ou reflexões; devido a essa diversidade, à liberdade em suas publicações, muitos ainda as confundem com outros gêneros narrativos.

Ao assumir seu caráter literário, a crônica deriva muito para o conto ou para o poema. Aproxima-se do conto quando possui uma prosa fictícia, com ênfase na objetivação de um mundo recriado pela imaginação e assemelha-se ao poema, quando se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo. Davi Arrigucci, em *Fragmentos da crônica* (1987), afirma o seguinte: “que mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo” (ARRIGUCCI, 1987, p. 55).



A crônica ainda é um texto difícil de ser classificado ou identificado pelo leitor ingênuo. Diante dessa situação, o cronista Fernando Sabino (apud ÂNGELO, 2016) diz que “crônica é tudo aquilo que o autor chama de crônica”.

Davi Arrigucci também transcreve a fala de Sabino no texto *Fragmentos sobre a crônica* (1987, p. 56), “é... crônica. Foi o que levou Fernando Sabino a repetir sobre ela a famosa piada de Mário de Andrade a propósito do conto: tudo que o autor chamar assim”. No entanto, o que a difere de outros gêneros textuais, principalmente do conto, seria o registro do circunstancial, as temáticas aparentemente corriqueiras.

Com a aceitação da crônica como gênero literário no Brasil, as produções que eram apenas publicadas nos jornais são transportadas para os livros e passam a ter seu lugar nas prateleiras das livrarias e bibliotecas.

Um progresso e tanto para esse tipo de texto que nasceu como um gênero menor, como afirma Cândido (1992), pois não possui a grandiosidade do romance, mas, o que é bem melhor para o seu público, pois tem uma linguagem mais simples, muito próxima do leitor.

Jorge Sá (1985) afirma que as crônicas publicadas em jornais têm uma vida curta, possuem a duração de 24 horas, o mesmo tempo que dura esse veículo de comunicação. Já nos livros, os textos se tornam duradouros, prolongando-se no tempo, deixando de atender àquele público de leitores apressados dos jornais, atendendo então leitores mais seletivos, que escolhem um momento propício para sua leitura, que analisam e refletem sobre o conteúdo abordado nos textos, isto é, leitores mais criteriosos.

As crônicas publicadas em livros são preservadas do esquecimento e ganham um olhar crítico-literário, ultrapassando as barreiras de seu suporte inicial, uma vitória para cronistas e leitores.

A crônica tornou-se então um gênero significativo para os dias atuais, pois permite, num curto espaço de tempo, uma descoberta de experiências vividas ou imaginadas, com um tom de conversa e uma linguagem mais despojada, a apresentação do cotidiano constituído pelo olhar do cronista.

## 2.2 A crônica sul-mato-grossense e o lugar de Raquel Naveira

No Brasil, em Mato Grosso do Sul, a crônica moderna teve suas primeiras aparições nos jornais locais. Esse suporte de comunicação contribuiu para o importante papel de divulgar os trabalhos dos homens letrados do Estado.

As primeiras crônicas publicadas pelos autores sul-mato-grossenses traziam as temáticas do cotidiano, característica comum desse gênero textual, como já foi citado anteriormente, tratando principalmente de conteúdo regional, sobre as tradições do Estado, preservando a memória e a cultura de MS.

Atualmente, as crônicas produzidas em Mato Grosso do Sul, devido à influência de diversas culturas trazidas de outros Estados e, até mesmo de outros países, além dos assuntos regionalistas, passaram a abordar conteúdos mais diversificados, nacionais e internacionais. Essa diversidade acabou conquistando e atingindo diferentes leitores.

O fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Ulisses Serra, é um dos nomes mais citados por estudiosos da literatura regional de Mato Grosso do Sul, como figura representativa e um dos primeiros cronistas da região. Suas crônicas eram publicadas em revistas e jornais locais, tendo lugar de destaque no jornal *Correio do Estado*.

Nas produções de Ulisses Serra são encontradas, de forma poética, o registro de fatos corriqueiros da região, são crônicas memorialísticas que apresentam suas lembranças, principalmente as da sua infância. Uma das maiores obras do autor foi a coletânea de crônicas *Camalotes e Guavirais* (2004). Na obra, o escritor retrata a capital sul-mato-grossense, Campo Grande e suas belezas, assim como o registro de homens e heróis que aqui fizeram história.

Além do autor Ulisses Serra, existem outros cronistas de renome que se destacam na literatura sul-mato-grossense, como citou Pontes (1982), são eles, Elpídio Reis, Inah Machado Metello, Adair José Aguiar, Henedina Hugo Rodrigues, José Maria de Barros Vasconcelos, Oliva Enciso, Licurgo de Oliveira Bastos, Jorge Antônio Siufi, Abel Freire de Aragão, Alcindo Moreira de Figueiredo, Luís Alexandre de Oliveira, Francisco Ayres, Severino Ramos de Queirós, Pe. José Luís Valentim, Bernardo Elias Lahdo, Oliva Faria Rolim, Geraldo Ramón Pereira e Fauze Maluf.

Há pouco tempo, a Editora *Life*, ao comemorar dez anos de edição e publicação, lançou a coletânea *Nossas Crônicas* (2019), reunindo cinco consideráveis

cronistas da terra, sendo: Theresa Hilcar, jornalista e cronista; André Alves, que escreve sobre figuras e mitos do Estado; Lucilene Machado, que faz parte do grupo de cronistas do Jornal *Correio do Estado*; Maria Adélia Menegazzo, que além de cronista é crítica literária e, por último, Raquel Naveira, cronista da qual tratamos nesta dissertação.

Além de poetisa, a cronista sul-mato-grossense, Raquel Naveira é eclética como a literatura do Estado, escreve sobre diversos temas e produz diversos gêneros textuais, atendendo a diferentes públicos.

Figura 3 - Raquel Naveira



Fonte: Fotografia de Ezio José da Rocha.

Raquel Naveira passeia pela crônica com a mesma habilidade que caminha pela poesia, e não deixa nem um pouco a desejar, pois possui a mesma dedicação pela arte da escrita em qualquer que seja sua produção, continuando com muitas das temáticas cantadas em versos.

Naveira recria o cotidiano com a poética das palavras, o que faz o leitor se sentir representado no universo do texto.

O cronista que consegue reproduzir o significado de um momento, de uma cena, assim como Naveira faz, é chamado de narrador-fotógrafo por Ana Maria Andrade (1992), pois, para a autora, a crônica resgata com a mesma sensibilidade de uma fotografia o registro do que é aparentemente banal diante de muitos olhares.

No ensaio *Crônica fotográfica do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX* (1992), Ana Maria Andrade inicia o seu texto com a seguinte pergunta: Mas será

que uma imagem não vale mais que mil palavras? Porém, no decorrer de seus escritos, ela comprova que os registros, fotografias e narrativas, visivelmente diferentes, tornam-se parecidos, nas mãos habilidosas do fotógrafo ou do escritor.

Destacando os pontos comuns entre os dois gêneros, o dado aparente, o momento exato, a conjugação de significados precisos, o toque pessoal, e assim por diante; tanto a fotografia quanto a crônica, apresentam uma cena a partir da perspectiva do autor, que mostrará o que lhe chama mais a atenção, o que realmente pretende expor, o que o público aprecia é o recorte de um contexto feito pela sensibilidade do autor.

Raquel Naveira, por meio desse “recurso fotográfico”, consegue transportar o leitor de sua narrativa para o acontecimento relatado. É possível, por exemplo, visualizar o momento de uma cena na crônica “Violeta”, na qual o narrador naveiriano discorre sobre a flor preferida de sua avó e como um gesto tão delicado daquela senhora para com as amigas poderia tornar-se uma lembrança inesquecível. Conforme podemos observar no trecho em destaque:

Violeta era a flor preferida de minha avó.  
 - É a flor que representa a humildade – explicava ela.  
 [...] Certa vez, num aniversário, ela reuniu as amigas e lhes deu de lembrança um pequeno frasco de perfume num estojo amarrado com uma fita de cetim e colocou uma minúscula violeta entre as pontas do laço. Achei aquele gesto tão fino, de uma beleza singela e inesquecível aos meus olhos de menina. (NAVEIRA, 2017, p. 53).

Perfeita retratação da cena, é viável projetar na mente o presente dado pela avó e o quão encantador deve ter sido aquele momento narrado por essa personagem.

Para Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade* (2006), além da arte, a literatura é também um produto social, que influencia o meio e o leitor, e surge a partir do espaço em que vive ou viveu seu autor.

Desse modo acontece nas crônicas de Raquel Naveira, possuindo como principais assuntos suas vivências, suas experiências, suas memórias, lugares por onde andou, sua infância, pessoas que fizeram e fazem parte de sua vida, o urbanismo, o regionalismo, entre outros assuntos. Pode-se afirmar que a autora escreve esses conteúdos sob influência do seu meio social.

As crônicas disponibilizadas em livros pela autora Raquel Naveira não são totalmente inéditas, algumas já foram publicadas anteriormente no jornal *Correio do Estado*, suporte de comunicação para o qual a escritora se dedicou durante anos.

Transportando suas narrativas para as coletâneas, Naveira acaba eternizando e valorizando seu trabalho de intensa dedicação à escrita.

E, apesar de terem sido publicadas anteriormente em um jornal, não são crônicas de teor jornalístico, possuem sim as características que o gênero pede, com assuntos aparentemente corriqueiros, mas que, nas mãos de Raquel Naveira, tornam-se verdadeiras produções literárias, possuindo um viés lírico. Esse tom poético manifesto em algumas crônicas já foi destacado por Davi Arrigucci, conforme podemos observar a seguir:

[...] às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta instantâneo, que mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar do simples, fazendo palavras banais alçarem voo (ARRIGUCCI, 1987, p. 55).

Abaixo, uma citação da crônica “Até onde a literatura nos levar”, da coletânea *O Avião Invisível* (2017), provando o tom lírico presente na narrativa de Raquel Naveira, texto em que o narrador naveiriano faz uma reflexão sobre literatura em meio à descrição de seu encontro com o autor Moacyr Scliar. Pelo excerto, percebe-se a linguagem simples e intensa ao mesmo tempo encontrada nas produções naveirianas.

Para que serve a literatura? Para ouvirmos a voz dos ausentes, dos sábios, dos bardos, dos antepassados e guardá-la na memória? Para incorporar entidades como Alegria, Amor e Arte? Para exercermos o instinto da luta e combatermos até o triunfo? Para fazer renascer dentro de nós o prazer de jogar com as palavras como se fossem peças de xadrez, cavalos e obeliscos? Para despertar de novo em nós a criança que fomos e seus tesouros? Para fugir da realidade? Para vomitar paixões? Para compensar a dor e a desilusão? Para sermos espremidos como cana passada na roda dentada da moenda, soltando sumo doce? Para que nossos pensamentos honrem a nação e o idioma que aprendemos com o leite materno? Para nos tornarmos clássicos, amplos, projetados no tempo e no espaço? Ou para nos defrontarmos com a Indiferença, a Fome, o Frio, o Desconforto, a Doença, a Morte? A Morte? Que importa... (NAVEIRA, 2017, p. 206).

Nesse excerto, utilizando a metalinguagem e a linguagem emotiva ao mesmo tempo, o narrador naveiriano, um escritor, faz uma reflexão, questionamentos sobre o próprio fazer literário. São relatados os anseios e as angústias desse narrador-personagem. Seria possível, por meio da literatura, um reencontro com o passado para refletir o novo, pensando em todos os problemas e soluções do mundo? No fim, nada disso importa realmente, a literatura seria despreziosa.

### 2.3 O lirismo presente nas crônicas naveirianas

Salvatore D'Onofrio (1995) descreve que a etimologia da palavra Lírica possui relação com *Lyra*, instrumento musical de corda utilizado pelos gregos para acompanhar os versos poéticos.

Os antigos gregos manifestavam em versos líricos várias atividades: o sentimento religioso (*hino*), a disputa esportiva (*epinício*), a exaltação do homem ilustre (*encômio*), a celebração das núpcias (*epitalâmio*), a dor pela morte de um ente querido (*treno*), o gracejo obsceno (*jambo*), os preceitos morais e os sentimentos da pátria e do amor (*elegia gnômica*, *guerreira* e *erótica*) (D'ONOFRIO, 1995, p. 58).

Na mesma obra, D'Onofrio (1995) traz a definição de lírica feita por Aristóteles, a lírica como palavra cantada, na poesia épica ou na narrativa era chamada de palavra recitada e na poesia dramática, era palavra representada.

Em princípio, a lírica era um gênero pertencente apenas à poesia, tendo seu passado atrelado à música, destinava-se especificamente aos cantos. Devido à sonoridade trabalhada nos poemas, passou para a poesia.

Conforme Octávio Paz (1982), música, poesia e a dança eram um todo, a música era composta para o poema. Atualmente, as duas artes juntas se perdem, “toda vez que se tenta reunir ambas as artes, a poesia se perde como palavra, dissolvida nos sons” (PAZ, 1982, p. 340).

O início da imprensa contribuiu significativamente para a separação de ambas, a poesia deixou de ser algo que se diz e que se ouve, passou a ser algo que se lê e se escreve. Como descreve Octavio Paz (1982) no excerto abaixo.

A imprensa, por outro lado, tornou supérflua a arte da caligrafia e da ilustração e iluminação de manuscritos. Embora a tipografia conte com recursos que não são inferiores aos da pena e do lápis, poucas vezes conseguiu-se uma verdadeira fusão entre o que o poema diz e sua disposição tipográfica na página. É verdade que são muitas as edições ilustradas; quase sempre as ilustrações sacrificam o texto ou o inverso. A ideia de representar com letras o que elas mesmas significam tentou muitas vezes os poetas; o resultado foi desnaturar igualmente o desenho e a escritura. Não sei se as linhas falam (às vezes creio diante de certos desenhos); em compensação estou certo de que as letras de imprensa não desenham (PAZ, 1982, p. 340).

Segundo Cristovão Tezza (2003), a poesia está ligada à Antiguidade, pois a própria literatura se iniciou em forma de poesia acompanhada de ritmo e musicalidade, características naturais desse gênero. Num processo evolutivo, a poesia se converteu em prosa, um gênero mais tardio que remete à contemporaneidade.

Com a decadência do poema narrativo (texto épico) e do verso dramático, segundo José Guilherme Merquior, em *A natureza da lírica* (1997), lírica e poesia passaram a ser confundidas, podendo um termo ser utilizado no lugar do outro sem problema, permitindo-se utilizar a terminologia lírica no lugar de poesia e vice-versa. Essa difusão entre os termos acabou tornando a lírica característica específica de uma determinada função linguística.

Segundo Roman Jakobson (2003), o gênero lírico, por meio do emissor/locutor do processo comunicativo, ativa-se à função emotiva da linguagem humana, a chamada função poética, se combinada à linguagem emotiva ou expressiva, focalizada na atitude do emissor. Seja essa atitude fictícia ou real, o conteúdo da mensagem é chamado de lírico e possui seu enfoque na primeira pessoa do discurso, no emissor/locutor da mensagem.

O célebre esquema de Jakobson sobre as funções da linguagem explica a inserção da poesia na prosa e vice-versa. O texto lírico carrega consigo os sentimentos, as emoções, as impressões subjetivas do autor literário, por isso possui a função emotiva da linguagem.

O termo lírico utilizado como adjetivo de um texto pode ser notado como um estado de alma, uma disposição sentimental do eu poético, uma explosão de sentimentos, sensações e emoções. Assim, a lírica pode ser partilhada por todo gênero, dito propriamente literário, e não necessariamente uma característica do poema, pois a literatura é a imitação de tudo, inclusive das ações da vida humana, é a verossimilhança com o real; e, “A lírica é, por conseguinte, uma forma de imitação” (MERQUIOR, 1997).

Trata-se aqui da mimese literária, a imitação genérica constituída por símbolos linguísticos que atingem um plano de ficção igualmente universal, por meio de uma reprodução do concreto e particular, o fingimento de mundo que distingue o texto literário dos outros textos.

Poesia e lírica se difundem, não apenas nas terminologias, que podem ser substituídas uma pela outra sem qualquer problema, mas se difundem nos seus significados. Merquior (1997) define a lírica como imitação, e Paz (1982) define poesia como imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da ideia. Volta-se, no entanto, à definição de lírica e poesia como sendo mimese literária.

Octavio Paz, em *O Arco e a Lira* (1982), apresenta o distanciamento entre poema e poesia. O autor revela que poema é uma criação, uma obra, o texto com

mecanismo retórico, estrofes, metros e rimas, e que a poesia pode estar contida ou não no poema, sendo que nem todo poema que contém sua forma métrica, estilística correta possui poesia, a qual pode existir em outras formas, nas paisagens ou até mesmo nas pessoas, no olhar de quem a enxerga.

O excerto abaixo revela a distinção entre poema e poesia de forma filosófica, feita por Aristóteles, o qual afirma que nem tudo o que se denomina poesia se constrói sob as leis que regem a métrica.

Perguntando ao poema pelo ser da poesia, não confundimos arbitrariamente poesia e poema? Já Aristóteles dizia que “nada há de comum, exceto a métrica, entre Homero e Empédocles; e por isso com justiça se chama de poeta o primeiro e de filósofo o segundo” (PAZ, 1982, p. 12).

Somente por meio da poesia é possível distinguir criação e estilo, obra de arte e utensílio, ela transforma a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens. Se a poesia for reduzida aos poemas, o que há de ser da prosa? Lembrando que, de acordo com seu étimo grego, poesia indica todo fazer artístico em qualquer criação literária. A poesia não precisa estar necessariamente num poema, pode estar contida em outros gêneros literários, conforme o excerto em destaque:

Por que não gosto de poesia pura? Pelas mesmíssimas razões que me levam a não gostar de açúcar “puro”. O açúcar é coisa deliciosa quando se toma no café, mas ninguém se poria a comer uma pratada de açúcar – seria demais. E em poesia o excesso cansa – excesso de poesia, excesso de palavras poéticas, excesso de metáforas, excesso de nobreza, excesso de depuração e de condensação, excessos que assimilam os versos a um produto químico. (GOMBROWICZ apud TEZZA, 2003, p. 68)

O trecho acima foi retirado do ensaio *Contra os poetas* (1947) e, inicialmente, proferido em uma palestra na livraria Fray Mocho, em Buenos Aires pelo escritor Witold Gombrowicz, num primeiro momento parece ser uma afronta à poesia, porém, não são palavras contra à poética, é uma fala que procura expressar de forma metafórica uma dosagem de equilíbrio entre a poesia e os outros gêneros, uma mesclagem entre prosa e poesia por exemplo, talvez fosse um equilíbrio saboroso para o leitor, tornando-se agradável a mistura do sabor amargo do café (o elemento prosaico, a realidade pura) com o sabor do açúcar (sentimento poético ou lírico).

Além disso, repensando o ideal poético, um ar de superioridade, de que a sofisticação da linguagem exista apenas na poesia, de que somente o belo seja poético. Deixando de ser algo aparentemente inacessível para chegar ao acesso ou compreensão de muitos por meio da prosa.



Giorgio Agamben, em *O fim do poema* (2002), traz justamente essa discussão, a questão de identidade entre prosa e poesia. Para o autor, os questionamentos surgem porque a poesia vive na tensão entre o som (semiótica) e o sentido (semântica), o choque entre os dois gêneros acontece devido à metáfora filosófica que está presente na prosa. Diante disso, Marcos Siscar, em *Figuras da prosa* (2015) diz o seguinte: “a prosa é uma questão da poesia” (SISCAR, 2015, p. 3).

O texto de Agamben (2002) foi publicado no momento em que se anunciam o fim das vanguardas, momento de discussão sobre a crise da arte, o autor aproveita o instante para tratar da transposição da poesia para outro gênero literário.

A partir de então traz a definição de poema e prosa, este é definido como um discurso de oposição entre recursos métricos e sintáticos, em que as rimas são antagonistas do som e do sentido das palavras, já aquele, é definido como um discurso no qual não cabe essa oposição entre métrica e sintaxe, pensamento construído diante de todos, local despossuído do ideal messiânico da revelação associado à palavra poética. O poema é visto como o impedimento da vinda de Cristo, como visto na carta do apóstolo Paulo aos Tessalonicenses (II, 2:7-8).

Giorgio Agamben (2002) relata um critério de distinção entre prosa e poesia, o *enjambement*, uma maneira de identificar o verso em relação à prosa, terminologia que define o hibridismo de todo discurso humano, a oscilação entre esses dois tipos de textos.

O *enjambement* é considerado um gesto ambíguo que anda em direções opostas. Quando caminha para trás, num gesto de retrocesso, segue em direção ao verso, quando segue para frente, avançando, em direção à prosa.

Para trás porque para compor o campo das “Belas Artes”, em séculos anteriores a narrativa se apresentava em versos, os conhecidos textos épicos, e para frente, pois o texto em prosa está ligado à contemporaneidade, o que permite a utilização dos recursos da poesia na narrativa.

O fim do poema não significa seu extermínio, mas uma crise que o permeia, pois, a mesma tensão que o ameaça, é a mesma tensão que o mantém, permanecendo então, resistente ao tempo.

Porém, no momento em que o texto poético se finda, no seu último verso já não se pensa mais em *enjambement*, o que implica a possível transposição para o texto em prosa. Segundo Agamben (2002), o verso final do poema arruína a si próprio, perdendo toda a essência da poesia, como se o texto não tivesse final, dando assim,

lugar à prosa. O poema se interrompe, na maioria das vezes, de forma brusca, parecendo perder o fôlego, caindo no silêncio.

A escritora de poemas e prosas, Raquel Naveira, em algumas de suas produções apresenta o mesmo conteúdo, porém, é perceptível que, apesar de nos textos em prosa serem encontrados elementos da poesia, a narrativa explica o poema. Abaixo o poema da autora intitulado *Palhaço* (2018).

Palhaço  
 O palhaço fascina,  
 Aponta para a outra face.  
 Esconde um drama,  
 Uma discordância,  
 Uma traição assassina.  
 Perdeu mulher,  
 Família,  
 Dura sina.  
 Sentiu a derrota,  
 O reverso da medalha  
 Presenciou o incêndio  
 Atrás da cortina.  
 Que esquisitice  
 As lágrimas escorrendo  
 Na face do palhaço! (NAVEIRA, 2018, p. 44)

A crônica da escritora também intitulada *Palhaço* (2017), disponível no Anexo A, preenche lacunas que são decifráveis pelo leitor do poema, ou seja, no texto em prosa estão explícitos os pensamentos do narrador sobre o mesmo conteúdo. É claro, na crônica, o texto abrange a ideia transmitida de modo amplo e genérico; enquanto que, no poema, o texto contempla uma forma estrutural e a necessidade de ser conciso na forma, porém, amplo por meio das palavras e termos selecionados para transmitir a riqueza poética.

A prosa não possui as mesmas obrigações sonoras da poesia, sua essência é a compreensão, ela será dissolvida de forma imediata pelo leitor, substituindo a imagem pela convenção da linguagem.

No primeiro verso do poema, o eu lírico diz que o palhaço fascina, pode fascinar qualquer um, enquanto, na crônica, o narrador diz “A figura do palhaço me fascina”, sendo assim, o palhaço fascina o narrador-personagem. No segundo verso, o verbo aparece no presente “aponta”, mas não se sabe para qual direção, enquanto na crônica, o verbo está no pretérito “apontava para a outra face da realidade”,

explicitando para a direção do apontamento e justifica o motivo da direção “Porque todo palhaço esconde um drama íntimo”.

No poema subentende-se o drama vivido pelo palhaço, enquanto, na crônica, fica explícito o sofrimento desse personagem, “Foi abandonado pela mulher, traído, perdeu a família num incêndio, recebeu golpes do destino, sentiu a derrota, sofreu na carne o ridículo e a zombaria, conheceu o reverso da medalha”. No texto narrativo explica-se o motivo das lágrimas do palhaço:

Mas quando se senta em frente ao espelho e retira as camadas de cal e maquiagem, vai aos poucos encontrando a si mesmo, a sua consciência dilacerada. As lágrimas escorrendo por sua face cor de estopa (NAVEIRA, 2017, p. 201).

É notável que no texto em prosa está contido o que é incompreendido no poema, e o narrador naveiriano expõe na crônica seu amor pela figura do palhaço, diz que por muito tempo colecionou palhaços, na forma de estatuetas, quadros, bonecos e fantoches.

O narrador ainda se lembra do filme assistido, *O palhaço* (2011), dirigido e estrelado pelo diretor e ator Selton Mello, e do poema de Cruz e Souza publicado no livro *Broquéis* (1893), texto no qual o poeta compara seu coração ao de um palhaço desengonçado, “Coração, tristíssimo palhaço”. O narrador naveiriano finaliza o texto dizendo a respeito da descoberta de seu fascínio por palhaço, pois acredita, assim como o poeta Cruz e Souza, ter o coração triste como o de um palhaço.

Na crônica de Raquel Naveira, percebe-se a presença da subjetividade utilizada pelo narrador diante do palhaço, assim como no poema da autora, no texto em versos há uma preocupação comum ao próprio gênero. Elementos como a métrica, como a estrutura textual, como a sonoridade das palavras e como o ritmo.

O som chiado e assoprado dos fonemas /f/ e /s/ é repetido por diversas vezes na pronúncia das palavras palhaço, **f**ascina, **f**ace, **e**sconde, **d**iscordância, **t**raição, **a**ssassina, **f**amília, **s**ina, **s**entiu, **r**everso, **p**resenciou, **i**ncêndio, **a**trás, **e**squisitice, **a**s, **l**ágrimas e **e**scorrendo, o recurso de repetição das consoantes é chamado de *aliteração*, figura de som.

Toda essa preocupação estrutural não se tem na narrativa, mas o uso de metáforas e a mensagem subjetiva por vezes carregada de sentimentalismo são as mesmas. Marcos Siscar (2015) denomina o texto em prosa como o “novo lirismo”.

Um aspecto interessante do trecho acima, retirado da crônica *Palhaço*, de Naveira, é a sonoridade utilizada, esse recurso é típico da poesia, seria o que difere a

poesia da prosa, de acordo com o estudo feito por Cristovão Tezza, na obra *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo* (2003), no poema existe musicalidade, algo que não é da natureza da prosa.

Na prosa poética de Naveira foi possível perceber esse recurso na repetição do fonema /s/ na grafia e pronúncia das palavras, **mas**, **se**, **senta**, **espelho**, **as**, **camadas**, **aos**, **poucos**, **si**, **mesmo**, **sua**, **consciência**, **dilacerada**, **lágrimas**, **escorrendo**, **face** e **estopa**. O mesmo recurso utilizado no poema naveiriano, está presente e constata-se que a autora teve essa preocupação sonora na escolha dos termos utilizados para compor sua crônica.

Portanto, as crônicas chamadas líricas são consideradas a poetização do cotidiano, explorando a temática do “eu”, o “eu” como assunto e narrador ao mesmo tempo. Uma das marcas da crônica lírica é a subjetividade, a linguagem emotiva, a visão pessoal do cronista, sem formas de impessoalidade, o texto se apresenta como um monólogo, uma conversa com o leitor implícito, essa subjetividade fica clara na aquisição do narrador com foco em primeira pessoa.

Compagnon (1999) apresenta o leitor como um elemento extraliterário da obra em si, é aquele que dá sentido à sua experiência com a leitura, é o que preenche as lacunas literárias, reformulando as expectativas e reinterpretando o texto. E ainda, diz que o leitor implícito é calcado pelo seu autor também implícito, autor que nunca se reitera totalmente de seu trabalho, mas sempre deixa um substituto controlando sua ausência.

Na construção textual, o leitor implícito é percebido como uma imposição feita pelo leitor real, o intruso no texto que define um ponto de vista para composição do sentido da leitura. Sendo guiado pelo leitor implícito, o leitor real é considerado o ato estruturado do texto, enquanto o implícito é percebido como estrutura textual, pois é aquele que concretiza a visão esquemática do texto, imaginando os personagens, os acontecimentos e preenchendo as lacunas da narrativa.

O leitor é comparado a um viajante, só percebe os seus próprios aspectos em relação ao texto, relacionando tudo o que vê à sua memória, estabelecendo uma determinada coerência ao conteúdo escrito, pois o que o leva para dentro do texto é sua bagagem, a vivência de mundo.

A crônica de Naveira é o tipo de narrativa que carrega consigo os elementos da poética, a emoção do narrador, seus vários sentimentos em um relato curto e

direto. Nesses textos é perceptível o lirismo por meio da subjetividade, do tom poético e das relações entre o sentimento do presente com as recordações do passado.

Para demonstrar esse tom de poesia, a autora mune-se de recursos literários, usando figuras de linguagens, principalmente as metáforas e a analepses, figura de sintaxe, que consiste na retomada de ideias ou pensamentos. Como comprova o trecho abaixo, retirado da crônica “*Vinho*”.

Não bebo vinho. Fiz um voto comigo mesma de não tomar nada forte. Quero alcançar um espírito livre de todos os laços na mais completa sobriedade. Não vou a adegas, nem a tavernas, mas jorra dentro de mim uma alegria, que brota como água transformada em vinho. [...] Preciso de evasão como todo mundo. A realidade é cruel demais, não dá para engolir a seco. O fardo do tempo e das decepções tem quebrado as minhas costas. Sorvo em longa taça goles de poesia, de religião, de filosofia, de arte, de virtude. Não bebo vinho, mas vivo embriagada (NAVEIRA, 2017, p. 49-50).

O narrador naveiriano descreve nessa crônica algumas das principais temáticas produzidas pela autora Raquel Naveira, dentre suas produções há assuntos relacionados à religião, à filosofia e à arte. Dentro da perspectiva religiosa é possível fazer um paralelo com um versículo bíblico encontrado em Efésios, “E não vos embriagueis com vinho, em que há contendas, mas enchei-vos do Espírito” (Ef. 5:18).

No Cristianismo, o vinho pode representar um significado positivo, relativo às bênçãos, ligado ao sangue de Cristo, e outro negativo, associado às bebidas fortes, como a embriaguez. No versículo da *Bíblia*, o apóstolo Paulo faz um alerta à igreja de Éfeso sobre se embriagar com o vinho, uma sensação temporária de bem-estar e que é melhor se encher do Espírito, pois este produz uma permanente alegria.

O narrador da crônica relata ter feito esse voto, não tomar vinho, o que o deixaria em um breve contentamento, mas ser sóbrio e se encher de um espírito que lhe daria melhor sensação que a bebida. E, além disso, para enfrentar problemas cotidianos que o desgasta, até mesmo fisicamente, metaforicamente se embriaga de poesia para trazer alívio, algo comparado à elevada e duradoura sensação de cura na alma. A poesia é associada à mesma sensação causada pelo Espírito ao qual o apóstolo Paulo se refere.

Outro aspecto importante a se destacar no trecho dessa crônica é que a autora mais uma vez utiliza-se da sonoridade, o recurso da aliteração, quando reproduz a repetição do fonema consonantal /v/ nas palavras **vinho**, **voto**, **livre**, **vou**, **tavernas**, **evasão**, **sorvo**, **virtude** e **vivo**.

Ganhadora de muitos prêmios na categoria de poesias, Raquel Naveira relatou em uma entrevista à rádio Senado, que não abre mão da poesia em seus textos e de um trabalho profundo com a linguagem, assumindo assim, um compromisso com a poesia em todas as suas publicações, seja qual for o gênero produzido. Numa roupagem diferente do poema, nas crônicas, a escritora traz alguns dos elementos naturais da poesia.

No próximo capítulo, analisaremos especificamente as crônicas do livro *O avião Invisível* (2017).

### 3 O AVIÃO INVISÍVEL DE RAQUEL NAVEIRA

“Nunca se negue a voar junto com os cronistas, geralmente a viagem é boa, acalma a alma, transforma-se num redemoinho de intenso prazer”.  
(Life Editora, 2019)

Neste último capítulo da pesquisa, fizemos uma análise das principais temáticas abordadas pela escritora Raquel Naveira na coletânea composta por 76 crônicas, intitulada *O avião invisível* (2017), e buscamos as estratégias utilizadas pela autora em suas composições, elementos naturais da poesia nesses textos em prosa.

O livro selecionado para *corpus* da pesquisa foi publicado em 2017, porém, as crônicas apresentadas já haviam sido publicadas anteriormente em um jornal de circulação do Estado de Mato Grosso do Sul, para o qual Naveira escreveu por mais de 30 anos.

O título dado à obra já induz o leitor a um convite metafórico para o embarque numa viagem a bordo desse avião invisível. Já no título da coletânea, a escritora utiliza um recurso próprio da poesia, a sonoridade. Percebe-se o uso de aliterações, quando são repetidos os sons consonantais /v/, misturando-se com o fonema /z/ representado pela letra -s, O AVIÃO INVISÍVEL.

O fonema /v/ lembra o zumbido feito pela turbina do avião, mais ou menos um “vvvvvvv”, um som que parece ganhar força juntamente com o barulho crescente da ignição “zzzzzzz”. Esses sons são bem perceptíveis no momento em que o motor da aeronave se prepara para a decolagem. Em seguida, o ruído diminui, dando início à viagem.

Embarcando em um suposto avião invisível, que existe, mas não o vemos, apenas o sentimos; “Por muito tempo, aquele avião foi invisível para mim... Que surpresa! O avião estava ali o tempo todo, e eu não tinha reparado” (NAVEIRA, 2017, p. 17). O meio de transporte está ali esperando que alguém inicie a leitura e comece imediatamente a tal viagem.

A crônica inicial que dá título ao livro, *O Avião Invisível* (anexo B) inicia-se com o despertar do narrador ao se deparar com um tributo ao herói Carlo Del Prete, algum tempo depois, essa personagem central encontra-se com uma enorme reprodução da aeronave do piloto, que estava escondida em meio às folhas de fícus.

Nessa crônica, é interessante a forma como a autora desenvolve o trabalho com as palavras. Numa primeira leitura, de modo mais inocente, a estratégia utilizada por Naveira passa até despercebida, no entanto numa leitura mais atenta, é descoberto um importante recurso utilizado, a sonoridade na narrativa.

O mesmo som presente no título da obra e do texto inicial está bem constante no decorrer da crônica. Depreende-se um trecho abaixo para exemplificar.

Um belo dia, quando fazia a travessia perigosa do viaduto em direção à praça. Deparei-me com um avião. Sim, acima da estátua de Del Prete, meio coberto pelas folhas de fícus, havia um avião, uma reprodução da aeronave usada pelo aventureiro. Que surpresa! (NAVEIRA, 2017, p. 17).

Além dos sons replicados do motor pelos fonemas /v/ e /z/, há também um sopro emitido pelos fonemas /f/ e /s/ nas palavras **fazia**, **travessia**, **perigosa**, **direção**, **praça**, **avião**, **sim**, **acima**, **pelas**, **folhas**, **fícus**, **reprodução**, **aeronave**, **usada**, **aventureiro** e **surpresa**.

Durante a narrativa, o narrador construído por Naveira traz à memória muito mais que um monumento histórico em um bairro do Rio de Janeiro, traz também a mensagem de que devemos ficar atentos ao que nos cerca e ao que passa despercebido na correria do cotidiano, o avião só é visto se olharmos para cima, olharmos além do que os nossos olhos alcançam.

Em um único texto, pode-se sair de onde está, talvez da zona de conforto do leitor, e viajar na leitura de Naveira, desde as primeiras caravelas que chegaram ao Brasil até o avião de Antoine de Saint-Exupéry na obra *O pequeno Príncipe* (1943).

A narrativa, além de envolver emocionalmente o leitor, apresenta momentos importantes da história, o monumento citado no texto é a escultura do aviador Carlo Del Prete. Ainda diz suas impressões sobre a estátua, o narrador conta um pouco dessa história:

[...] o pioneiro que arriscou sua própria vida fazendo voos sem escalas entre Montecélio perto de Roma, até o Rio Grande do Norte, em 1928. No mesmo ano... caiu na Baía de Guanabara. Morreu alguns dias depois, no hospital, em meio a muito sofrimento (NAVEIRA, 2017, p. 17).

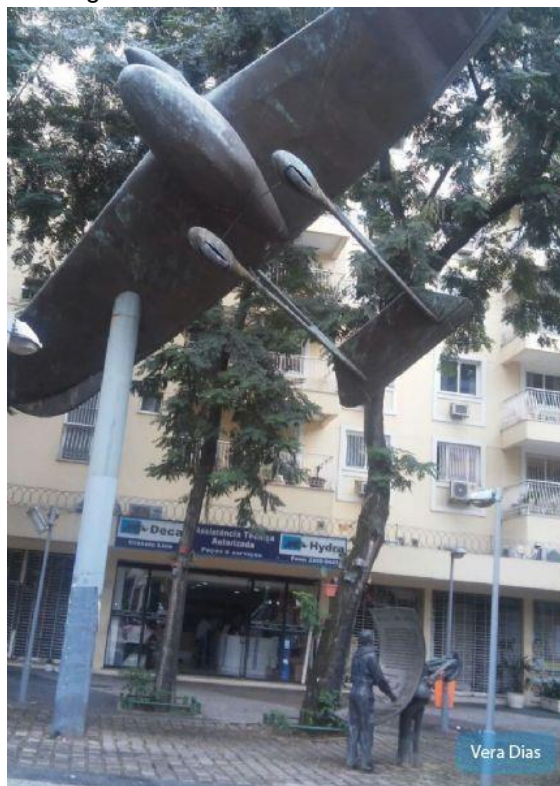
A falha ao não perceber o avião esculpido em bronze é comparada ao mesmo campo de visão dos nativos brasileiros que só perceberam as caravelas chegando ao Brasil quando estavam bem próximas à praia. Caravelas que trouxeram consigo algumas novidades aos habitantes desta terra, na época, tão cheia de inocência.



No texto, ainda há princípios religiosos sobre esse campo de visão que incomodam o narrador-personagem, “O avião estava ali o tempo todo: matéria compacta, mas não passava de um imenso vazio atômico não captado pelo meu pensamento e pela minha vontade” (NAVEIRA, 2017, p. 18).

O trecho é uma descrição do fenômeno *Maya*, termo utilizado pelos budistas que significa ilusão não projetada no campo de visão. Ilusão que é comparada à fé, somente sentida e não vista. Abaixo, a imagem da escultura que inspirou a escrita desta crônica.

Figura 4 - Monumento Carlo Del Prete



Fonte: Fotografia de Vera Dias. Disponível em: <https://bit.ly/2YzcJAR>.

O narrador naveiriano que nunca percebeu o avião presente na escultura de Carlo Del Prete até o momento, quando o percebe, perde-se em seus pensamentos, lembrando-se das primeiras caravelas chegadas ao Brasil, da passagem bíblica que relata a história de São Tomé, aquele que precisa ver para crer. Depois que Cristo ressuscitou, apareceu aos seus discípulos, porém, Tomé, conhecido por Dídimos, não estava presente no momento.

Então, disse: “Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos (...) de maneira nenhuma o creerei” (João 20:26). Após oito dias, Jesus apareceu novamente aos discípulos e comprovou a Tomé que vivia, mas deixou as seguintes palavras: “Porque

me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram!” (João, 20:28). A atitude do discípulo ao duvidar e compartilhar seu sentimento, não o guardando para si, permitiu que Cristo o levasse ao caminho da fé.

No texto, ainda há, por parte do narrador, a lembrança do desaparecimento do piloto do avião de *O Pequeno Príncipe*, vale ressaltar que o autor deste clássico da literatura infanto-juvenil, Antoine de Saint-Exupéry, viveu parte da história que narrou. O escritor, assim como o protagonista do conto que sofreu um acidente aéreo e caiu no meio do deserto do Saara, também era piloto de avião e quando participava de uma corrida aérea, enquanto sobrevoava o deserto do Saara à noite, sofreu um grave acidente com o avião, entre outras situações vividas na infância que são relatadas na ficção.

Depois dessa digressão, um percurso por vários lugares, o narrador retorna seu pensamento ao avião “invisível” e conclui com uma aprendizagem para si e para o leitor que refletirá sobre o assunto; “O avião invisível me provou que há coisas que estão ao nosso lado, que a fé é maior do que tudo que o universo nos esconde” (NAVEIRA, 2017, p. 19).

### **3.1 O foco narrativo e a intertextualidade presentes nas crônicas de *O Avião Invisível***

Sobre a estrutura das crônicas apresentadas neste livro, sabe-se que um dos elementos importantes de uma narrativa é o narrador, pois ele é o articulador do texto, esclarecedor e organizador que dará o desenrolar à trama.

Iniciemos, portanto, pela perspectiva do narrador naveiriano, uma característica comum a todas as crônicas presentes na obra em análise. São produções narradas na 1ª pessoa do singular, ou seja, possuem, predominantemente um narrador-personagem, a narração é feita no foco desse narrador-autor, o qual relata e participa da história ao mesmo tempo.

Diante desse aspecto narrativo, muitos autores desenvolveram teorias sobre a classificação do narrador conforme seu posicionamento no texto. De acordo com Ligia Chiappini Leite, em *O foco narrativo* (1985), pode-se dizer que o narrador das crônicas de Naveira (2017) é considerado um narrador-protagonista, pois narra de um ponto fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos, sem onisciência.

Já para Gérard Genette (1995), de acordo com as características apresentadas pelo narrador naveiriano, este seria um narrador homodiegético, aquele presente como personagem da história que a conta; no entanto, o narrador homodiegético pode apresentar-se de dois posicionamentos: autodiegético, aquele que aparece narrando sua experiência pessoal, na posição de uma personagem principal da história ou numa posição secundária, narrando uma experiência da qual faz parte, não no papel principal, mas no papel de observador ou de testemunha da narrativa. Portanto, o narrador presente nas crônicas desta obra assume o posicionamento de autodiegese, na perspectiva de personagem principal.

Jean Pouillon (*apud* LEITE, 1985), num aspecto fenomenológico do mundo, apresenta a teoria das *visões* na narrativa, articulando-as à questão do tempo; com três possibilidades na relação narrador-personagem, a *visão por trás*, o narrador sabe tudo sobre a personagem e seu destino. O narrador é onisciente, tem saber absoluto na narrativa, uma espécie de “Deus”; a *visão com*, o narrador se limita ao próprio saber da personagem sobre si e sobre os acontecimentos, submete-se ao destino dos seres ficcionais e reais, aceitando-o de forma pacífica, renunciando a visão de um “Deus”. E, por último, a *visão de fora*, o narrador renuncia a si mesmo, limitando-se a descrever as ações, falando de fora (do exterior) do texto, sem que o leitor possa adentrar nos pensamentos e emoções das personagens.

Por muito tempo, aquele avião foi invisível para mim. Atravessava a Rua Pinheiro Machado, no coração do bairro de Laranjeiras, entre elevados e árvores de fícus, e observava a escultura em bronze, do tamanho natural de um homem, do aviador Carlo del Prete. Com os olhos baixos, li os dizeres da placa. Descobri que se tratava de um tributo a um herói (NAVEIRA, 2017, p. 17).

Para se apresentar ao leitor, o narrador naveiriano utiliza um narrador-protagonista para o discurso, e/ou autodiegético para a história. Narra de dentro do texto, num monólogo interior, tratando dos próprios pensamentos e sentimentos.

Essa forma de apresentação é uma estratégia utilizada pelo narrador naveiriano. Ao posicionar-se como centro da trama, traz uma maior proximidade dos fatos narrados, recurso bem comum nas crônicas, pois remete àquele bate-papo entre amigos.

Para que o leitor não seja inocente e tenha uma compreensão satisfatória diante dos textos de Raquel Naveira, é preciso ter certa bagagem de leituras literárias, um bocado de conhecimento histórico, artístico, bíblico, cinematográfico e até mesmo

filosófico, pois as crônicas naveirianas se comunicam com todas essas temáticas, através da *intertextualidade*.

A intertextualidade é o diálogo de um texto com outro texto ou um texto tomado por outros textos. Esse fenômeno de sincronia e/ou diacronia ocorre de diferentes formas e em diferentes graus.

Das diferentes formas intertextuais, temos a intertextualidade interna, uma relação entre dois textos de mesmo campo discursivo. A intertextualidade externa, relação entre textos de discursos distintos. Ainda, a intertextualidade explícita, em que o autor utiliza uma fonte clara de outro texto como uma citação ou referência, por exemplo e, por fim, a intertextualidade implícita, ocorre por meio de alusão ou paráfrase, tornando perceptível ao leitor a conversa com outro texto.

Já os graus de intertextualidade são: mínimo, médio e máximo. O grau mínimo é marcado por características formais, como ritmo, estrutura textual e tipos de personagens. No grau médio, têm-se reflexões discretas de um texto em outro. E, no grau máximo de intertextualidade, um texto se altera ou não pela presença de epígrafes, citações ou referências.

Há cinco critérios básicos para medir os graus de intertextualidade nos textos. O primeiro é a referência, um texto se espelha em outro pela temática abordada. O segundo é a comunicação, utilização de termos ou expressões de outros textos. Terceiro, estrutura que é a semelhança estrutural entre os textos. Quarto, a seletividade, proporção de palavras usadas no decorrer dos textos. Por fim, o quinto critério é o diálogo, quando o contexto dos textos se relaciona entre a tensão semântica e o pensamento.

Enfim, quanto mais elementos o leitor puder identificar dentro do texto da escritora sul-mato-grossense, maior será sua interpretação frente ao conteúdo, a leitura será enriquecedora, pois ler é reinterpretar o trabalho reescrito.

Pode-se dizer que a intertextualidade funciona de forma cumulativa na memória do interlocutor, quanto maior for a experiência literária, mais fácil será fazer analogias dentro de um texto cheio de sentidos.

A intertextualidade das crônicas de Naveira está presente justamente numa estratégia utilizada pela autora, na *digressão*, um elemento de efeito de sentido textual empregado para manter o leitor ativo durante a leitura, este será provocado intencionalmente para refletir sobre a temática abordada em diversas vertentes, todas as temáticas citadas no início deste subitem.

No caso da crônica que dá título à obra, por exemplo, o narrador parte de um fio condutor, o encontro com o monumento em homenagem a Carlo del Prete para dialogar com outras histórias, como a chegada dos portugueses ao Brasil, com a literatura, com as credences indígena, budista, até chegar à fé cristã. Sem ruptura de coerência textual, o narrador-personagem retoma o assunto inicial e conclui seu texto.

A intertextualidade é uma característica muito comum na obra de Raquel Naveira, a autora leva para dentro de seus escritos boa parcela de sua memória intelectual. É perceptível, em suas crônicas, o cruzamento, um diálogo entre outros textos e/ou gêneros textuais.

Para Bakhtin (2000), nenhum texto é único, pelo contrário, é carregado de outros textos. Uma produção é uma ressignificação, desconstrução ou reconstrução de algo que já foi dito, ou seja, um texto, seja qual for, nunca será puramente inédito, apenas possuído do olhar, da peculiaridade de quem o publicou.

Resumindo, todo texto é um intertexto, outros textos estão presentes nele, mesmo que em diferentes níveis ou graus. Por exemplo, na crônica de Raquel Naveira intitulada “Gato de Botas”, o narrador se imagina conversando com o próprio Gato de Botas do conto de fadas do autor Charles Perrault.

— Não fique triste por ter recebido de herança da vida um gato. É certo que aquele moleiro deixou para o filho mais velho o moinho com o qual ele poderia fazer farinha; para o do meio, um burro para o serviço pesado de transportar cargas e para o caçula, um gato. Mas era um gato mágico, de uma esfera superior, de um nível mais elevado da consciência, como eu. Vá, junte suas forças, compre-me um par de botas e você não vai se arrepender por ter me acolhido quando caí de uma janela do edifício Copan e me dado carinho. (NAVEIRA, 2017, p. 43).

A cronista, por meio do narrador naveiriano, conta que quando seu gato de estimação se aninha em seu peito, com olhos amarelos lhe fitando, pensa que ele se parece muito com o personagem do conto de Perrault, e chega a iniciar uma conversa com o felino como se fosse realmente um gato mágico, narrando para o leitor o enredo do conto, fazendo uma analogia com a sua própria vida e a do bichano.

Assim veremos as crônicas de Raquel Naveira, entrecruzando-se com outros textos, em diferentes graus de intertextualidade, de forma implícita ou explícita. Essas alusões feitas pela autora corroboram para a coerência textual, é um fator relevante para própria interpretação do leitor.

Nos subitens a seguir, serão tratadas as abordagens temáticas desenvolvidas por Naveira, percebendo, principalmente, a interrelação feita com outras produções,

além de algumas estratégias poéticas empregadas pela autora nas crônicas de *O avião invisível* (2017).

Faremos, portanto, um passeio por algumas crônicas selecionadas da coletânea para demonstrar a interação da escritora com quatro das temáticas principais abordadas por ela, o regional sul-mato-grossense, local de origem de Raquel Naveira. Serão discutidos ainda aspectos urbanos da capital e as peculiaridades interioranas do Estado. Além das figuras femininas presentes nas crônicas naveirianas e, por fim, duas temáticas que se entrelaçam, o religioso e humanístico.

### 3.2 Passeio pelo religioso e humanístico

“Quero lhe confessar um segredo: sou noiva e tenho a cabeça coroada. Uma coroa entretecida de flores, de louros e de alguns espinhos também”.

(Raquel Naveira)

A epígrafe que emoldura este item já apresenta duas temáticas que se entrelaçam por algumas vezes nas crônicas de Raquel Naveira, o Cristianismo e o mitológico.

No Cristianismo, a terminologia “noiva” significa igreja, a igreja que espera pronta pela chegada do “noivo”, Jesus Cristo. Naveira, por meio de seu narrador, diz ser uma noiva já coroada, ou seja, está pronta para receber o noivo. Sua coroa, além de flores, possui entretecidas as folhas de louro que remetem aos pensamentos greco-romanos e os espinhos que representam a coroa colocada em Jesus um pouco antes de ser crucificado.

Raquel Naveira tem, de forma intensa, uma fonte de inspiração bíblica nas suas produções; da leitura de textos da *Bíblia*, compõe boa parte de sua obra, colocando seu narrador como protagonistas dessas histórias.

Analisando do prisma religioso a obra de Naveira, Arlinda Dorsa, em *As marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naveira* (2001), afirma o seguinte:

[...] perceber em vários poemas a sua linguagem bíblica, que prenuncia uma linguagem messiânica. O “eu” poético apropria-se da situação para refletir, questionar, para se fazer ouvir, para buscar; assume o papel de profeta poético que indaga, procura, indica o caminho do Senhor e da fé (DORSA, 2001, p. 59).

Naveira possui uma visão humanista baseada na formação da civilização ocidental cristã, a qual se alicerça em dois pilares, de um lado o Cristianismo, englobando o antigo pensamento judaico. Pois os cristãos adotaram algumas práticas judaicas, a mistura desses termos vem do conjunto de crenças adotados pelo *Antigo e Novo Testamento da Bíblia* cristã.

Dorsa (2001) ressalta que o Cristianismo adotado por Raquel Naveira não é limitado, mas uma forma de realização em busca de Cristo e suas verdades. Da Bíblia Sagrada, retira inspiração para muitas de suas publicações.

Nunca me esquecendo de que minha leitura de todos os dias é a *Bíblia*. Tudo está lá: oráculos, ensinamentos, poesia pura como ouro de Ofir. Com destaque para os Salmos, o Eclesiastes, os cantares de Salomão e as cartas de Paulo (NAVEIRA apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 212).

Na crônica *Bairro de judeus* (Anexo C), é notável esse resquício da herança judaica na fé cristã. O narrador naveiriano relata um pouco de sua experiência, período em que morou num bairro de judeus em São Paulo, lá começa a descrever que mesmo fora de sua terra natal, os judeus mantêm seus costumes.

Aponta curiosidades sobre as vestimentas dos homens e mulheres, sobre as festividades, sobre a maneira de se alimentar e sobre a fé daqueles que viviam lá. A forma como essas pessoas parecem estar em plenitude com Deus é o que mais chama a atenção da personagem.

O narrador impressiona-se com as terminologias utilizadas por esse povo, principalmente na forma como um garotinho em seu triciclo chama pelo pai.

No meio da quadra, o menino voltou-se e gritou: “— Aba, aba.” Fui colhida por aquele grito, “Aba”, “Papai” em hebraico. Que forma carinhosa de chamar o pai. (...)O menino repetiu: “— Aba, aba.” A emoção tomou conta de mim e me cobriu como um *talit*, aquele xale de franjas (NAVEIRA, 2017, p. 37).

A terminologia utilizada pelo garotinho é a mesma que Jesus utilizou para falar com Deus, o Pai eterno, momentos antes de ser crucificado. Pediu a seu *Aba* que, se possível, livrasse-o do destino que o aguardava.

O fio condutor das temáticas presentes nas crônicas naveirianas se desembaraçam por vários caminhos. Na crônica intitulada *Pesca* (Anexo D), a autora utiliza o paradoxo, por meio do narrador-personagem para explicitar suas experiências com a pescaria. Inicia o texto expondo sua prática de pesca nos rios do Pantanal e no mar.

A pescaria nos rios do Pantanal é segura, sem surpresas, os sinais de segurança são dados pela natureza “o voo rasante das aves; os pés levemente apoiados perto das pedras limosas, dos troncos submersos, dos tufos de capim; o som das cachoeiras” (NAVEIRA, 2017, p. 95), é o momento propício. Enquanto a pescaria no mar é arriscada, pois a natureza nesse lugar é incerta, de uma hora para outra o tempo se transforma, da calmaria surge uma tempestade. É uma ousadia para o narrador-personagem.

Sua experiência ao mar conduz o leitor a uma viagem na narrativa de Ernest Hemingway em *O velho e o mar* (1952). O narrador expõe seu ponto de vista diante desse romance, dizendo ter sido uma pesca fantástica, pois o imaginário e o real se misturam, tudo o que ocorre em alto-mar com Santiago, pescador do romance, não tem testemunha ocular.

Seguindo pelo pensamento cristão diante do ato de pescar, descreve a cena da pesca maravilhosa dos discípulos de Jesus. Estes não pescavam nada, estavam desanimados, até que Jesus lhes disse para lançar a rede do outro lado, os discípulos ficaram espantados com a quantidade sobrenatural de peixes que conseguiram pegar.

Jesus disse aos discípulos que não pescariam mais peixes, mas homens. De forma metafórica, o Mestre pediu a esses homens que abandonassem o comércio produtivo de peixes e que fossem evangelistas (pescadores), que atraíssem seguidores para Jesus, assim como pescadores atraem os peixes com as suas iscas.

Concluindo o texto, explanando seu gosto pela pesca em rios ou no mar, o narrador dessa crônica, se diz também um pescador, utilizando a metalinguagem, compara o ofício da escrita ao da pesca, porém utiliza palavras como isca, além das metáforas presentes no texto, há também o recurso sonoro utilizado pelo narrador-personagem, a repetição do fonema /p/.

Sempre gostei de **p**escar. Lá no **P**antanal a **p**escaria é **p**erfeita. Há sinais **p**ara a melhor **p**esca: o voo rasante das aves; os **p**és levemente **a**poiados **p**erto das **p**edras limosas, dos troncos submersos, dos tufos de **c**apim; o som das cachoeiras. A hora de que mais gosto é o final da tarde, o sol se **p**ondo, o silêncio **p**ontilhado de **p**equenas estrelas e vagalumes. Tenho **p**rática e **p**aciência: tiro o enrosco, conserto linha estourada, afio o anzol. **D**epois, com um **p**ouco de sorte, coloco no cesto um **p**unhado de traíras, **p**iraputangas e um **p**intado cor de **l**ápis-lazúli (NAVEIRA, 2017, p. 95, grifo nosso).

As palavras parecem que foram escolhidas de forma meticulosa, para justamente levar essa musicalidade ao texto, repetição do mesmo som presente no título da crônica **P**esca. O narrador, como pescador que utiliza palavras como iscas



diz: “A benção é um marlin azul” (NAVEIRA, 2017, p. 97). Ao lançar as palavras tem como recompensa uma bênção, como no texto cristão, que é um marlim azul, mesmo peixe que Santiago, de *O velho e o mar* (1952), tenta fisgar em uma briga de tirar o fôlego em alto-mar.

Além de textos bíblicos, a autora também retira inspiração na filosofia, nas histórias, na literatura, na mitologia greco-romana, o outro pilar da base humanista de Raquel Naveira, “sou fascinada pela Roma Antiga e pela mitologia greco-romana” (NAVEIRA apud ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 212).

Comprovando a afirmativa acima, temos a crônica *Fauno* (Anexo E). Nessa narrativa descritiva, a personagem central expõe um pouquinho sobre esse ser mitológico. O protagonista se depara com a estátua do fauno em plena Avenida Paulista, no parque Trianon.

Perguntei-me: “O que faz aqui esse fauno vindo da Roma Antiga? Lá ele protegia as culturas de trigo, velava os rebanhos, a coroa de folhas de pinho na cabeça. Seguia Baco, deus do vinho, num cortejo formado por panteras, sátiros, silenos e bacantes. E o que faz agora, entre os cedros e os jequitibás? Ouve o piado das rãs e o canto do sabiá? Examina o voo rasante das borboletas amarelas e pretas que chispam como pequenas caudas de tigres? Vê ao longe as crianças brincando nos balanços?” (NAVEIRA, 2017, p. 208).

Fauno estava naquele local urbano devido ao escultor Victor Brecheret, um importante artista modernista, conforme a própria crônica. O artista nasceu na Itália e veio para o Brasil ainda pequeno. Abaixo a obra do autor.

Figura 5 - Escultura Fauno



Fonte: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/6d467503/fa5d/4490/b08d/5c783922ec69.png>

De acordo com *As 100 melhores histórias da mitologia* (2007), Fauno foi terceiro rei da Itália que foi transmutado em um deus e sofreu diversas modificações como descreve o narrador naveiriano, um ser com o corpo de um homem, cabelos encaracolados, porém de pés e chifres de bode, envolvido com hábitos noturnos, luxúria e o sombrio. Diante das características do ser, o narrador-personagem se sente seguro por tê-lo encontrado à luz do dia, seria arriscado encontrar o fauno na escuridão da noite.

Na crônica *Elisa* (Anexo F), a autora traz em digressão o mito de Dido, apelido de Elisa. O narrador-personagem entra numa livraria e se depara com o dono da loja e sua netinha chamada Elisa. Nesse momento, a personagem central do texto conta ao seu leitor o mito de Elisa, musa do poeta Virgílio no livro *Eneida*.

Dido fugiu de seu irmão Pigmalião devido a uma herança, fugida desse irmão, fundou uma cidade chamada Cartago, onde Eneias, sobrevivente da Guerra de Troia procura abrigo. Enfim, esses dois jovens acabam ficando juntos, mas esse romance não é bem-visto por alguns. Então, o deus dos deuses prepara uma viagem para Eneias, Elisa é contra essa missão do amado.

Mesmo assim, o guerreiro decide partir; a amada que não pretende ficar longe de seu amor acaba cometendo suicídio. Diante desse mito, o narrador naveiriano continua refletindo, questiona-se, “Teria havido amor verdadeiro entre Elisa e Eneias?” (NAVEIRA, 2017, p. 236).

Como dito inicialmente, os fios que conduzem as narrativas de Naveira, na maioria das vezes se entrelaçam entre perspectivas diferentes, no caso da crônica *Elisa*, o narrador conclui sua reflexão sobre o amor mitológico de Dido e Eneias com uma passagem bíblica:

A leitura de Coríntios 13: 4 - 7 me iluminou quando diz que o amor é sofredor, bondoso; que não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se agrada da injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Que lindo ideal (NAVEIRA, 2017, p. 236).

Há nesse texto a mistura, sem qualquer problema, entre o Cristianismo e paganismo. No texto retirado da *Bíblia Sagrada*, o narrador encontra resposta para seu questionamento, acaba de chegar à conclusão de que entre esse casal não havia amor, apenas paixão, foram egoístas, não suportaram as ciladas do destino.

Nessa crônica também há a utilização de paradoxo, o narrador inicia a narrativa dizendo sobre as características fortes do nome Elisa, da sogra que tinha esse nome e foi uma mulher digna de admiração. No entanto, a personagem do mito, Dido, acabou se acovardando diante da circunstância e cometeu suicídio, “atravessa o corpo com a lâmina de uma espada, emitindo um longo e derradeiro grito” (NAVEIRA, 2017, p. 236).

Essa característica é comum nas crônicas de Raquel Naveira, utilizar mais de um caminho para tratar da temática abordada, raramente um texto naveiriano se conduz por uma única vertente, puramente religioso ou puramente mítico. Um mesmo assunto passeia por duas ou mais vertentes.

Na crônica *Azeite*, por exemplo, a autora trata desse óleo, como algo precioso; o narrador fala do líquido como algo de valor sentimental para sua família, de ascendência portuguesa, “O azeite vindo da aldeia de Figueira da Foz, pertinho de Coimbra, se misturava em nossas refeições à salada, ao pão, ao vinho, ao peixe, às lembranças da terrinha” (NAVEIRA, 2017, p. 152).

A personagem perpassa pelo significado religioso do azeite aos cristãos, o óleo utilizado para ungir representa uma total pureza; por ser de um alto custo, demonstra valor significativo àquilo que é ungido. Como descreve o narrador naveiriano, lembrando que o rei Davi foi ungido com esse óleo e destaca a história do profeta Elias. Conforme podemos observar no trecho em destaque:

Gosto da passagem bíblica que conta a história da viúva de Sarepta. Essa mulher sem nome, do povoado de Sarepta, é um exemplo de humildade, fé, coração bom e hospitaleiro. Era tempo de seca. O profeta Elias foi enviado por Deus à casa da viúva, onde ela vivia com seu filho único. O profeta pediu que ela preparasse um bolo para ele. Ela explicou que só tinha um punhado de farinha de trigo e um pouco de azeite para fazer um bolo para ela e seu filho que comeriam e, depois, morreriam de fome. Súbito, ela sentiu nos olhos do profeta uma doçura estranha. Foi tomada por uma reverência, um reconhecimento de santidade. O Deus de Elias não era seu deus. Ela era pagã e pobre. Decidiu com sabedoria e coragem dividir o pouco que tinha com aquele peregrino do deserto. Apostou. Correu o risco. E nunca mais a farinha da panela se acabou nem faltou o azeite da botija, até que a chuva descesse sobre aquela terra (NAVEIRA, 2017, p. 153).

Quando a viúva da história bíblica conheceu Elias, pensou que faria sua última refeição com o filho, mas para que isso não acontecesse, teve fé e seguiu as instruções do profeta, então um milagre lhe foi concedido, nunca mais faltou-lhes o que comer.

Além disso, o narrador naveiriano também leva para a crônica o significado do azeite para a mitologia greco-romana, “Os gregos acreditavam que era um presente

da deusa Atena ou Minerva, deusa da sabedoria, que trazia a prosperidade e a luz que alimentava as lâmpadas” (NAVEIRA, 2017, p. 153).

Conforme a mitologia grega, Atena numa disputa com Poseidon sobre quem seria o novo patrono de uma cidade da Grécia, “o Deus das águas” bateu seu tridente no chão e ofereceu ao povo uma fonte de água salgada. A deusa da sabedoria bateu seu tridente e do chão nasceu uma oliveira, esta foi a vencedora da disputa, pois seu presente teria mais utilidade para aquele povo, o ouro líquido, como é conhecido por muitos, serviria de alimento, remédio, entre outras coisas. Assim a cidade recebeu o nome de Atenas.

Em Roma, a oliveira nasceu com Minerva, num mito parecido com o dos gregos. A deusa da guerra tem como planta de estimação a oliveira, e do fruto ensinou aos romanos a fabricação do azeite. Depois da digressão pelo religioso e pelo mítico, o narrador naveiriano retoma a importância do óleo sagrado para sua família, finalizando a narrativa.

Assim estão as bases humanísticas de Raquel Naveira, numa ponta o Cristianismo judaico e na outra, a literatura, a filosofia e a mitologia greco-romana.

### 3.3 Passeio pelo regional sul-mato-grossense

“Minha terra, o Mato Grosso do Sul, é cheia de rios. Para cada uma de suas cidades existe um rio, ou mais de um rio. Campo Grande foi fundada na confluência de dois córregos, mais tarde denominados “Prosa” e “Segredo”.”

(Raquel Naveira)

Raquel Naveira, em muitas publicações retrata o amor por Campo Grande, por Mato Grosso do Sul e as belezas desses lugares. Quando a autora se refere à capital sul-mato-grossense, ressalta os aspectos urbanos, quando se refere às cidades interioranas, ressalta os aspectos naturais.

No entanto, na crônica *Árvores da Minha Cidade* (Anexo G), o narrador naveiriano descreve as belezas naturais de Campo Grande, apresenta a paisagem natural misturada ao urbanismo, uma capital com jeito de interior, com um ar de fazenda por ter uma grande diversidade de árvores esparramadas por suas largas avenidas.

A crônica é embasada no título que a capital ganhou por meio de uma pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2010, a

capital mais arborizada do país. Com riqueza de detalhes são descritas algumas espécies de árvores, verdadeiros cartões-postais desta cidade. Conforme a descrição em destaque:

Os ipês com suas copas abertas e arredondadas vestem-se de cores. As flores formando tapetes roxos dramáticos. (...) Os Flamboyants, que dão nome a um bairro inteiro, flamejam em chamas de um vermelho alaranjado. (...) Por toda a parte espalham-se figueiras, a cada esquina, a cada quintal. Figueiras que crescem enérgicas, lenhosas, rebeldes e retorcidas, prenhes de látex, de larvas e vespas. Abrigam aves, símios e morcegos presos a pequenos figos em forma de seios. (...) Em minhas antigas recordações, não podem faltar as mangueiras com seus corações amarelos, como está junto ao grande e luminoso shopping, as jaqueiras com seus frutos enormes, pesados, ovários de flores, bagos grudentos na casca que lembra um tatu; os ingás com suas longas vagens e caroços com polpa branca e adocicada. Tive uma infância de árvores carregadas, de um mundo tão rico que apodrecia ao meu redor (NAVEIRA, 2017, p. 134-135).

Subjetivamente, o narrador naveiriano, com base em algo aparentemente banal, corriqueiro, expressa suas percepções de forma intensa sobre a paisagem formada pelas árvores de sua cidade, descreve a vegetação do lugar como numa pintura impressionista, um retrato com pinceladas soltas para demonstrar o movimento, o frescor das flores e frutos.

Dando vida a essas árvores, com algumas características próprias dos seres humanos, utiliza o recurso retórico chamado de prosopopeia. Além da sinestesia, há uma mistura de sensações que envolve o leitor pelo passeio entre as árvores.

O trecho destacado acima faz uma intertextualidade explícita e em um grau máximo com o conto *Amor*, de Clarice Lispector, do livro *Laços de família* (1998), pois o narrador naveiriano faz citação clara a trechos do texto clariciano.

Quando a personagem do conto, a dona de casa Ana, volta de sua epifania, perde o rumo e vai até o jardim botânico do Rio de Janeiro, nesse lugar, descreve as árvores que a rodeiam.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. (...) Ao mesmo tempo que imaginário — era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega — era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante. As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia (LISPECTOR, 1998, p.16).

É certo que o texto da autora sul-mato-grossense faz uma analogia ao texto de Clarice Lispector. A crônica de Naveira se finda com a mesma antítese presente no

conto clariciano, “um mundo tão rico que apodrecia”, além da antítese, uma crítica, talvez social, um lugar tão rico e podre ao mesmo tempo, com vida e morte (apodrecimento).

Assim vive o campo-grandense, reside em um lugar que entre o cinza do crescimento urbano, o verde das folhas e o colorido das flores das árvores ainda predominam.

Outra crônica que retrata Campo Grande, em meio às aliterações utilizadas pela autora, é a crônica *Trem* (Anexo H). Os fonemas que se repetem nesse texto são /s/, /t/ e /v/, demonstrados no trecho a seguir:

Nasci em outra **civilização**. Tenho alma ferroviária. Minha **cidade** era entrecortada pelos **trilhos** da Noroeste do Brasil. **Seu** traçado ia de Bauru, **São** Paulo, até Corumbá, fazendo **integração** com a Bolívia. O **Trem** do Pantanal ou **Trem** da Morte levava **passageiros** a **Santa** Cruz de la **Sierra**. Um dia, de repente, removeram **os** trilhos dos **cruzamentos** do **centro** comercial. **Restou** apenas uma linha **turística** que **faz** o **trajeto** Campo Grande, Aquidauana e Miranda (NAVEIRA, 2017, p. 187, grifo nosso).

O narrador naveiriano, além de utilizar esse recurso sonoro no texto, descreve sua melancolia diante dos trilhos de trem que foram retirados de sua cidade do dia para a noite. Os trens, que faziam grandes viagens, levavam consigo sonhos, esperanças, expectativas, trabalhos, enfim, tantas coisas; atualmente já não existem mais.

Deixando vivas as lembranças de quem viveu naquela época e levando história para os mais novos, a prefeitura da cidade faz um resgate daquele tempo através de um passeio turístico a bordo de um trem, o chamado Trem do Pantanal.

O fim das linhas férreas em Campo Grande serviu, de certa forma, como um amadurecimento para o narrador, com a partida do trem também partiu sua infância. Metaforicamente, esse narrador observa a retirada do trem pelo lado bom, pelo menos não ocorreu algo grave para que o trem parasse com sua viagem pelos trilhos da capital sul-mato-grossense.

Na crônica *Boi de piranha* (Anexo I) é narrado um ritual interessante e um tanto peculiar que ocorre no Pantanal. Num passeio com algumas pessoas pelo interior de Mato Grosso do Sul, o narrador-personagem é obrigado, juntamente com essas pessoas, a estacionar o carro à margem de uma estrada, pois naquele momento passava por ali uma comitiva pantaneira, os boiadeiros estavam levando os bois para atravessar um trecho do rio Paraguai.

Então, esse narrador descreve o ritual realizado pelos boiadeiros, uma necessidade para tornar possível a travessia do rebanho num rio cheio de piranhas, os temidos peixes carnívoros, conforme podemos observar no trecho em destaque:

Quando a comitiva chega à beira de um rio infestado de piranhas, os peões abatem um boi já velho ou doente e atiram seu corpo, sangrando, na água, para atrair essas criaturas carnívoras, enquanto seguem a nado com o resto do rebanho. O espetáculo é de uma crueldade chocante: espumas, bolhas em ebulição, as piranhas frenéticas, excitadas pelo cheiro do sangue e, depois de um ou dois minutos, o esqueleto flutuando na superfície calma. [...] As piranhas devoraram o boi para abrir caminho, para que o grupo inteiro pudesse ir além, sãos e salvos. Um único boi padeceu por todos. Ele foi o substituto (NAVEIRA, 2017, p. 198-199).

Realmente, uma cena chocante para quem não está habituado aos costumes pantaneiros, assim se sentiu o narrador naveiriano, em choque, com o que presenciou. Nesse texto é feita uma alusão ao sacrifício de Jesus Cristo, o cordeiro que foi ao madeiro para salvar todo o seu povo.

Assim é descrito o Cristo, para os cristãos como um cordeiro, submisso às vontades de Deus, que foi sacrificado para que os pecados das pessoas fossem perdoados. Mas antes mesmo de Jesus ser crucificado, os judeus já utilizavam cordeiros como sacrifícios em rituais, derramavam o sangue de um animal inocente para poupar o povo dos seus castigos.

Dessa forma aconteceu com Jesus Cristo, um sangue inocente foi derramado em favor dos pecadores. Na crônica é construída uma analogia com o texto de *Levítico* da *Bíblia* quando o narrador diz: “Que a vida da carne está no sangue” (NAVEIRA, 2017, p. 200).

Porque a vida da carne está no sangue. E esse sangue, Eu o tenho dado a vós, para cumprirdes o ritual de expiação sobre o altar, pelas vossas vidas; pois é o sangue que faz expiação pela vida (LEVÍTICO – 17:11.).

O trecho acima reforça a ideia de que um sangue inocente ofertado no altar, a imolação, levaria à absolvição do pecador por seu ato de infração cometido. Para o boi de piranha do Pantanal aconteceu assim também, ele teve que morrer para que um rebanho inteiro pudesse sobreviver, escapar daquelas piranhas.

Com suas crônicas, Raquel Naveira apresenta costumes comuns aos sul-mato-grossenses. Na crônica intitulada *Sobá* (Anexo J), a autora apresenta um prato típico da região. O prato que é considerado uma iguaria, teve sua origem com os imigrantes japoneses que se instalaram no Estado há alguns anos.

Hoje quero comer Sobá. Aquele macarrão japonês de trigo sarraceno, mergulhado num molho de shoyo e gengibre, com pedaços de carne, ovos

mexidos, salsinha e cebolinha picadas. Tudo numa cumbuca funda e fumegante. O Sobá foi trazido pelos imigrantes originários da ilha de Okinawa, que chegaram ao sul de Mato Grosso em 1908 (NAVEIRA, 2017, p. 238).

A narrativa, por meio da sinestesia, aguça no leitor a vontade de saborear essa iguaria, despertando a sensação olfativa e gustativa, “Quando eu comer o Sobá, farei uma viagem de volta ao passado pelo cheiro e pelo gosto (...) Nesta noite de chuva, quando o macarrão temperado de shoyo e gengibre tocar meu paladar, estremecerei” (NAVEIRA, 2017, p. 239-240). Além disso, também descreve um pouco sobre a imigração japonesa, mais precisamente do povo okinawano.

Esse prato, inicialmente, era servido nas feiras locais, atualmente muitos restaurantes já servem o Sobá. Como tornou-se uma tradição em Mato Grosso do Sul, todos aqueles que passam pela capital vão até à feira central da cidade, um famoso ponto turístico, para saboreá-lo.

Nesse ponto turístico da capital, o prato regional ganhou até um monumento produzido pelo artista plástico Cleir; para demonstrar aos visitantes a importância do Sobá, a simbologia vai além do seu sabor, mostra a parceria que deu certo entre os imigrantes japoneses e o povo sul-mato-grossense.

O narrador-personagem desse texto fala com saudosismo do seu local de origem, bem mais que saborear um prato, a personagem lembrará da sua cidade, da sua infância e de suas histórias, pois no momento, encontra-se na capital paulista, terá que fazer um longo percurso para degustar o prato.

Uma outra paixão sul-mato-grossense não poderia ficar de fora das temáticas de Raquel Naveira, a música regional, uma maneira de transmitir poesia e a saudade da terra de origem.

Para a personagem que viveu na fronteira entre Brasil e Paraguai, as músicas paraguaias são bem representativas, cheias de significados, cantam os amores, os desencontros amorosos, as belezas e as dores do lugar. É justamente esse retrato que o narrador demonstra na crônica *Música Paraguaia* (Anexo K), seus sentimentos diante desse tipo de música.

Logo no início do texto, a personagem já diz ser uma alma de fronteira, que nasceu “onde o Brasil foi Paraguai”, este trecho remete à música *Sonhos Guaranis*, composta por Almir Sater e Paulo Simões.

Essa canção, assim como as músicas paraguaias, além de cantar grandes paixões, também remetem a fatos históricos à percepção do eu-lírico da música. A



música descreve a guerra entre Brasil e o seu vizinho, o Paraguai. Mato Grosso do Sul, na época ainda era Mato Grosso, sofreu a violência desse conflito, pois foi motivo da briga, o Paraguai desejava parte do território sul-mato-grossense, como demonstrado na letra abaixo:

Mato Grosso encerra  
 Em sua própria terra  
 Sonhos guaranis  
 Por campos e serras  
 A história enterra  
 uma só raiz  
 Que aflora nas emoções  
 E o tempo faz cicatriz  
 Em mil canções  
 Lembrando o que não se diz  
 Mato Grosso espera  
 Esquecer quisera  
 O som dos fuzis  
 Se não fosse a guerra  
 quem sabe hoje era  
 Um outro país  
 Amante das tradições  
 De que me fiz aprendiz  
 Por mil paixões  
 Sabendo morrer feliz  
 Cego é o coração que trai  
 Aquela voz primeira  
 Que de dentro sai  
 E às vezes me deixa assim  
 Ao revelar que eu vim  
 Da fronteira  
 Onde o Brasil  
 Foi Paraguai (SATER; SIMÕES, 1982)

Por um momento, parte do território brasileiro pertenceu aos paraguaios, mas, de acordo com o narrador naveiriano, esse conflito não arrasta rivalidade entre os países, pelo contrário, os idiomas chegam a se misturar na entoação das canções. Inclusive esse narrador se orgulha da origem fronteiriça.

Sou uma alma da fronteira. Meio bugra, meio índia, que não vê saída para o mar. Trancafiada dentro de mim a saudade é uma sensação de sempre e de nunca mais (NAVEIRA, 2017, p. 233).

No trecho destacado, há mais uma revelação que justifica a importância para o Paraguai ter território do Mato Grosso do Sul, pois com parte dessa terra teria passagem para mar.

Além dos apontamentos históricos, da linguagem emotiva presente no texto, é possível destacar em alguns trechos da crônica a aliteração utilizada pela autora, repetindo os sons consonantais dos fonemas /p/, /s/, /t/, /v/ e /z/.

Ouvir as canções paraguaias, o som das violas, das guitarras e das harpas encharca meu peito de recordações. Como são lindas as músicas que formaram o meu imaginário: a índia de cabelos negros caídos pelos ombros e lábios de rosa; a força do primeiro amor, dos primeiros beijos e confissões; a desilusão das perdas e dos desencontros; a beleza do lago de Ypacaraí; as borboletas, panambis de asas brilhantes, vagando pelos bosques; os caminhos explorados nos lombos dos cavalos; as paisagens de camalotes e chalanas do rio Paraguai entrecortando o Pantanal, formando canais, alcançando Assunção, onde marinheiros vestidos de azul desciam a Bacia do Prata (NAVEIRA, 2017, p. 231, grifo nosso).

Se bem atento ao recurso sonoro da autora, o leitor pode até declamar o texto escrito em prosa.

### 3.4 Passeio pelo universo feminino

“Nasci mulher. A feminilidade expressa em minha poesia me faz fantasiar com figuras romanescas nascidas da história e das lendas: sou princesa, esfinge, árvore, flor, pedra, nuvem, infanta, castelã, monja...”.

(Raquel Naveira)

Neste subitem apresentamos algumas representações de múltiplas identidades femininas de crônicas da obra *O avião invisível*. Teremos o feminino pela ótica peculiar da mulher, a retratação da mulher pela mulher, por meio da escritora Raquel Naveira.

Por muito tempo a mulher foi silenciada, mas devido às suas lutas e conquistas, atualmente, possui voz e escrita ativas, tanto que, Naveira se tornou uma representante da literatura feminina sul-mato-grossense.

Na perspectiva da mulher, a autora apresenta na coletânea diferentes imagens de mulheres, com ênfase no processo de insubmissão dessas personalidades que se mostram guerreiras e protagonistas de suas histórias.

Iniciamos o estudo do viés feminino nas crônicas naveirianas pela imagem de mulheres bíblicas, que são aparentemente frágeis e dependentes da proteção do homem, um padrão criado pela própria igreja por meio do discurso religioso, pois, segundo a *Bíblia Sagrada*, a mulher nasceu do homem e não o contrário.

Nos relatos religiosos, primeiro Deus criou o homem, Adão; e depois criou a mulher, Eva. Retirando desse homem, enquanto ele dormia, uma costela para transformá-la em sua companheira para o resto da vida. Assim nasceu o discurso religioso de que a mulher é submissa ao companheiro e deve-lhe devoção até seu último instante.

Porém, Naveira, por meio das próprias imagens bíblicas, comprova a braveza e a insubmissão dessas mulheres que, por algumas vezes, tiveram suas histórias interpretadas num discurso patriarcal.

Começemos pela figura de Maria, uma imagem marcante da religiosidade, fundamental para a concepção de maternidade, conhecida para os cristãos como mãe por excelência.

Na crônica intitulada *Ceia de Natal* (Anexo L), logo de início, já nos deparamos com uma imagem forte, a mulher-mãe, a representação do sagrado, uma intertextualidade com a narrativa bíblica sobre Maria, a mãe de Jesus. Vejamos:

O momento quando soube que estava grávida. Um anjo anunciou a notícia em meu ouvido. Foi um presságio, uma revelação, uma certeza que encheu o quarto e a minha vida. Ele me disse que eu geraria um filho e me falou o Augusto nome que eu lhe deveria dar.

Jovem e insegura fui para a casa de uma prima, que me recebeu com carinho. Ali passei três meses e tecemos os fios, os grãos, os dias e as noites daquele tempo de espera.

O parto foi natural. Meu corpo era uma gruta e você foi saindo devagar como um sol nascendo entre minhas coxas. Limpei a placenta e o envolvi com faixas. Seu pai ficou ao meu lado, silencioso, atônito diante do mistério.

Recuperei-me logo. Você estava forte, alimentado do leite de meu seio. Vestimos você com uma camisola branca de linho. Subimos a escada do templo e o apresentamos no altar (NAVEIRA, 2017, p. 210).

O texto nos remete a tudo que Maria passou quando esperava Jesus, diante de um paradoxo, vemos a maternidade como um privilégio doloroso, as dores e os prazeres vividos por Maria podem ser compreendidos por todas as mães.

Maria de Nazaré recebeu a visita do anjo Gabriel dando-lhe a notícia de que carregava em seu ventre uma criança (o Messias), a qual se chamaria Jesus. Na passagem bíblica, o anjo diz à moça: “Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres” (Lc, 1:27). Maria parece ter um valor único, pela forma como o anjo se dirigiu a ela, nas palavras agraciadas, aquela que recebeu graça (dom divino) e bendita, aquela que foi abençoada.

A narradora da crônica, assim como Maria, também teve a revelação da gravidez e do nome do filho, Augusto (primogênito da autora Raquel Naveira). Por ser jovem, a narradora demonstra insegurança e vai para a casa de uma prima, assim como fez a jovem Maria, foi se abrigar na casa de sua prima Isabel, outra importante figura religiosa, que também esperava um filho, João Batista. As duas, Maria e Isabel, passaram meses juntas cuidando uma da outra.

Marcando a força e a coragem da mulher, a crônica narra o parto natural, um misto de dor e prazer, nas cenas vemos a mulher como protagonista, aquela que teve seu ventre abençoado, que gerou e sofreu em meio às dores do parto.

Enquanto a figura masculina aparece como amparo à mãe, personagem central dessas histórias, o companheiro não tem voz ativa, é silenciado diante desse momento que pertence à figura feminina.

Continuando a intertextualidade entre a prosa naveiriana e a história bíblica, assim como o menino Jesus, Augusto também foi levado ao templo para ser apresentado a Deus no altar.

Mais adiante, a personagem continua descrevendo situações que remetem à saga de Maria como mãe de Jesus, quando percebe seu filho crescendo e tornando-se independente. Conforme observamos no excerto abaixo:

Não sei porquê, mas uma espada atravessou minha alma naquela hora. Uma opressão. Você cresceu entre parentes e amigos. Tornou-se adolescente. Um adolescente causa aflições. Um dia você sumiu. Eu e seu pai o procuramos por toda parte. Você disse depois que já queria ser independente, andar sozinho, cuidar de suas próprias coisas. Doe. Os filhos não nos pertencem. Sabia que você tinha uma missão, um ideal, uma estrela (NAVEIRA, 2017, p. 210-211).

Esse trecho remete ao momento em que Jesus, no início da adolescência, aos doze anos de idade, desaparece das vistas de seus pais que passam então a procurá-lo, mas quando o encontram, o menino diz que já cuidava das coisas do Pai, ou seja, começava a percorrer o caminho que o esperava.

Maria, mãe do Messias, com o passar do tempo, vendo seu filho crescer e sabendo que ele tinha uma missão a cumprir, sentiu que “uma espada transpassará também tua própria alma” (Lc, 2:35). O privilégio de ser mãe traz muitas preocupações, ao ter que deixar o filho independente, pronto a trilhar seus próprios caminhos, a seguir seu destino. No caso, o destino de Jesus, filho da bendita, não seria nada agradável.

Maria foi modelo e representante de todas as mães. Essa crônica apresenta a sina da maternidade, a decisão da mulher que escolheu gerar, doar-se ao outro, um termo que significa vocação.

Na crônica *Ceia de Natal*, além da linguagem emotiva transmitida pela personagem central sobre os caminhos da maternidade, a autora também faz uma seleção de palavras que dão ênfase ao fonema consonantal /m/ e à nasalização do

grafema -n acompanhado de uma vogal, sons que são emitidos na palavra **mãe**. Como observado no trecho abaixo:

Quem pode recompensar as obras, sofrimentos, penitências, lágrimas e virtudes de **uma mãe**? De **alguém** que errou só **tentando** proteger, livrar, poupar o filho e não **conseguiu**? Não queria **anulá-lo com** esse **meu** papel de **mulher universal**, de rainha, de **medianeira** que se **intromete em** seus assuntos. Que **intercede** por tudo e por todos. Queria apenas **enobrecer minha natureza**. Cabe-**me** agora, **com** humildade, dizer: — Sou apenas **mãe** dele (NAVEIRA, 2017, p. 212, grifo nosso).

O recurso sonoro, as aliterações, não ocorre apenas neste trecho do texto, há uma continuidade no decorrer da crônica, desde a primeira linha produzida.

Na crônica intitulada *Abelha* (Anexo M), texto que finaliza a coletânea, é apresentada outra figura bíblica feminina, de perfil expressivo. Mas antes de chegar a essa figura, o texto que também traz as principais temáticas abordadas por Raquel Naveira, inicia-se por uma simples apreciação de diversos tipos de mel e que, apesar da diversidade, a narradora escolhe o mel silvestre, o mais puro mel produzido pelas abelhas, ainda no favo.

De sua escolha, do néctar extraído das flores, a narradora faz uma digressão e relata sua experiência literária quando adolescente, a leitura do romance *Desirée*, narrativa que relata sobre a Revolução Francesa e sobre a abelha como emblema da França, uma escolha feita por Napoleão Bonaparte. Como comprova o excerto abaixo:

Napoleão desenrola, diante de sua “pequena noiva de outrora”, uma folha de desenhos. No ângulo superior, se via traçada uma enorme abelha e, no centro, um quadrado repleto de abelhas sem distâncias iguais (NAVEIRA, 2017, p. 256).

O romance lido pela narradora apresentava-se na forma de diário e revelava o extraordinário destino da burguesinha, filha de um comerciante de sedas de Lion, a primeira noiva de Napoleão, que acabou como rainha da Suécia. Napoleão escolhe o inseto porque a abelha era um dos símbolos da maçonaria, e Bonaparte estaria iniciando seu rito maçom.

Além de percorrer por esse assunto histórico, a narradora retrata sua feminilidade por meio da abelha, inseto que precisa do macho apenas para sua reprodução, pois são autossuficientes e organizadas na produção do mel, trabalham como em uma cooperativa, operárias e rainha. Nesse momento, percebe-se a forte característica da imagem feminina abordada, mulheres que optam pela produção independente, donas de suas escolhas e de seus corpos.

Novamente, a figura masculina é uma personagem secundária e a imagem da mulher é exaltada mesmo que seja numa função designada pela natureza feminina. Esses aspectos são demonstrados como algo de igualdade ou superioridade em relação ao seu oposto, o masculino.

Todo esse passeio até chegarmos à personagem bíblica, Débora, cujo significado do nome é *abelha*. Débora foi uma mulher de liderança do exército israelita, em meio a vários juízes homens, no Antigo Testamento, uma mulher é escolhida por Deus para combater e ditar regras aos soldados, ao seu povo.

O lugar em que Débora chegou foi conquistado pela luta, assim como todas as conquistas femininas, todas as vitórias, a emancipação, o empoderamento da mulher, tudo aconteceu por meio de muitas batalhas travadas.

A personagem não se sujeitou ao jugo do qual foi predestinada, para estar na posição de juíza, possuía todas as habilidades para a função, mediadora, conselheira e guerreira.

Débora foi uma juíza descrita no Livro de Juízes do Antigo Testamento da Bíblia. Liderou os israelitas contra o domínio de Canaã. Defendeu uma nação errante, sedenta de espiritualidade. Pessoas vinham de longe consultá-la e resolver contendas. Com autoridade e firmeza ela aconselhava, ao lado de sua tenda, debaixo das palmeiras. Abelha e sacerdotisa, Débora tinha a alma pura dos iniciados purificados pelo fogo e entranhados da doçura do mel (NAVEIRA, 2017, p. 256-257).

Mesmo numa cultura totalmente patriarcal, Débora esteve no papel de mãe e esposa, mas não permitiu que os afazeres destinados à mulher lhe fossem um obstáculo para lutar pelos israelitas. “E Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo” (Jz, 4:4).

Como descrito antes, as principais temáticas de Naveira se entrelaçam nessa crônica, saindo do conteúdo histórico, da figura bíblica, deparamo-nos com o mito de Melissa, cujo nome significa “*filha do mel*” ou “*abelha*” em grego. A personagem mitológica foi uma ninfa que cuidou de Zeus quando bebê, seus pais tentaram sacrificá-la aos deuses, mas de seu corpo brotaram abelhas. Por meio de analogias, é oferecido ao seu leitor um passeio por diversos conteúdos, numa única crônica.

A sonoridade também é explorada nesta crônica por meio de aliterações e assonâncias. A assonância ocorre na repetição da vogal -a de *abelha* e na vogal -e, em dois tons, num /e/ fechado com a pronúncia de ê, e num som aberto (é) como na palavra *mel*. Já a aliteração ocorre da recorrência das consoantes -p, -b,-t e -d. Conforme se observa no trecho a seguir:

**Sobre a prateleira, frascos de vários tipos de mel. Leio os rótulos: de café, de eucalipto, de laranjeira e de limão. Cada fluido tem um tom, um sabor, uma viscosidade diferente. Escolho o pote de mel silvestre mergulhado na forma bruta dos favos, recheado de própolis e pólen. Imagino o enxame de laboriosas abelhas que sublimaram o perfume das flores. O prado inteiro de rosas amarelas, focos de incêndio que cabem agora neste único pote. Em breve esse mel pousará sobre meus lábios, a cera derreterá entre meus dentes. Minha alma ficará embriagada de inteligência, brilho e poesia (NAVEIRA, 2017, p. 255, grifo nosso).**

Além dos recursos sonoros, a autora utiliza outra figura de linguagem, a sinestesia, despertando os sentidos humanos, tais como: visão ao ler os rótulos dos vidros de mel, retratar a cor da rosa, e por sinal, amarela como a abelha. Desperta a sensação do paladar ao descrever o sabor dos diferentes méis, o olfato ao sentir os perfumes das flores.

A narradora finaliza a crônica com uma metalinguagem, comparando-se à abelha, pois, assim como o inseto, também é incansável no seu sacerdócio; as abelhas, incessantemente, fabricam mel e Raquel Naveira produz poesia em toda sua obra, em qualquer gênero.

Depois de passar pelo religioso, com enfoque em duas heroínas bíblicas, por meio das personagens Maria e Débora, vamos à outra figura feminina presente na coletânea de crônicas naveirianas, uma imagem mais abrasadora que usa e preocupa-se com o seu poder de sedução, mulher que utiliza de sua feminilidade como artimanhas.

Na crônica de título *Cabeleira* (Anexo N), Raquel Naveira, por meio do narrador, descreve o que representa a força do cabelo para essa personagem. Personifica os cabelos, dando-lhe poder, como se tivessem vida própria, aquele que pode elevar a autoestima feminina.

Conforme o narrador, muitos poetas escreveram sobre essa temática, citando a sensualidade transmitida pela cabeleira das musas. Como é apresentado na própria crônica, fazendo uma intertextualidade com Baudelaire. Vejamos:

Baudelaire, o poeta maldito, escreveu um poema chamado “A Cabeleira”, versos tórridos e eróticos em que ele canta os cabelos negros da mulata Jeanne Duval, a sua “Vênus Negra”. Diz que o cabelo dela é toção deslizando até a nuca; que, de noite, enche de êxtase e perfume o quarto inteiro; que é mar de ébano, contendo um sonho de remadores, naus, bandeiras e mastros; que é pavilhão de trevas. O poeta se embriaga das essências de “vago óleo de coco, almíscar e alcatrão” exaladas dos cabelos da musa. Semeia pérolas, rubis e safiras pelas mechas ondulantes (NAVEIRA, 2017, p. 41).

Para a realidade de algumas mulheres, os cabelos são significativos, representam sua força física, sua vaidade, uma moldura para o rosto, uma arma

feminina de sedução. A narradora conta que um dia, convencida por alguém, resolveu cortar os cabelos mais curtos, porém, no mesmo instante, arrependeu-se, pois, de certa forma, perdera a autoestima que estava atrelada aos cabelos, a sua feminilidade.

Sou romântica, amo cabelos compridos. Lamentei então minha juventude perdida, quando eu sacudia a crina como égua musculosa. Lamentei não ser mais princesa usando tiaras, arrastando o cabelo como a cauda de um cometa. Lembrei-me daquele véu natural, pura potência, com que eu penetrava câmaras ardentes. Sim, arrependi-me de ter cortado o cabelo (NAVEIRA, 2017, p. 42).

No texto de Naveira é possível perceber o aspecto da mulher feminina, a figura descrita por Lúcia Zolin (2009) como sendo aquela oposta ao masculino, que ressalta suas características biológicas. Na perspectiva feminista, esses atributos biológicos da mulher são vistos como superioridade, o corpo visto como textualidade, uma forma de imaginação para si e para o outro.

Na crônica, Raquel Naveira utiliza a assonância como recurso sonoro, dando ênfase às mesmas vogais que compõem o título **Cabeleira** e sua variante, o termo **cabelo**. Como observado no trecho abaixo:

Não é à toa que na história bíblica de Sansão, ele perdeu toda a sua força quando Dalila cortou os seus cabelos. Uma cabeleira como essa tem poder de sedução e, com certeza, essa jovem sente confiança para amar e ser amada (NAVEIRA, 2017, p. 41, grifo nosso).

Além do destaque dado à figura sonora no excerto acima, pode-se extrair, apesar de ser um texto que retrata a autoestima da mulher em sua característica biológica e padrões estabelecidos pela sociedade, de que a mulher, para se sentir confiante e feminina, precisa ter cabelos compridos, um diálogo com um texto religioso, a história de Sansão e Dalila, por meio da digressão.

Diante da mesma ótica, sobre a feminilidade, na crônica intitulada *Moça* (Anexo O), apresenta-se a transição da menina para a adolescente, seguindo para fase adulta, o momento em que a personagem se torna uma mulher, é um texto ligado aos conflitos da puberdade e da iniciação sexual, até mesmo um tabu, ainda nos dias atuais.

Há algum tempo atrás, uma menina só era chamada de moça depois da menarca, estava a um passo de se tornar mulher e constituir família, um sonho para muitas meninas. Não ser mais virgem seria um caminho para a maturidade feminina.



A narradora da crônica compactua com o leitor seu momento mais íntimo, de forma erótica e inocente.

Amar seria ocasião sublime para amadurecer, exigência, escolha, chamado para longe. A realização da sexualidade difícil que me foi imposta pela natureza. Minha vocação era amar o amor, o amor de duas criaturas humanas, por muito tempo, pela vida afora, aprofundando cada vez mais o auxílio mútuo. Tornar-me um mundo para o outro. Solidões que se saúdam. Tive medo, quase desfaleci sob as rendas e as flores amarelas de meu vestido de noiva. Depois representei como ninguém o papel de sedutora. Você foi o fiador dos meus sonhos. Não fugiu de mim, bem precioso. Rubi escarlata (NAVEIRA, 2017, p. 83).

O trecho exposto na narrativa sobre a noite de núpcias do casal demonstra, de forma romantizada, a mulher que se completa com a presença masculina e sente-se realizada como mulher que seduz e é seduzida ao mesmo tempo.

Nessa crônica, voltamos a um item inicial sobre a criação do homem, conforme a história bíblica descrita no livro de *Gênesis*. No excerto abaixo, a narradora faz uma intertextualidade com a passagem em que Adão e Eva foram lançados fora do jardim do Éden.

Agarramo-nos um ao outro. Sou carne de sua carne. Você me alimenta com ervas da terra, me trata e me sustenta, enquanto caminhamos entre espinhos e abrolhos, comendo pão com suor. Meu desejo me impeliu a você. Fui dominada. Dei-lhe filhos em partos com dor (NAVEIRA, 2017, p. 83).

Em *Gênesis*, depois de, o primeiro casal, ter comido do fruto proibido, Deus diz a Adão que a partir daquele momento, comeria ervas do campo e o pão diário com o suor de seu rosto. E para Eva disse que, por causa do seu pecado, sua dor seria intensa quando tivesse filhos, sofreria em meio às dores do parto. Uma suposta condenação religiosa pelo erro cometido.

Na crônica, Raquel Naveira utiliza a repetição dos fonemas /k/, /s/ e /f/. Abaixo o destaque desse recurso.

— Pois não, moça...

Tremi. A moça era eu? Então eu não era mais uma menina? Já era reconhecida como moça? Como ele poderia saber que há pouco tivera a minha primeira menstruação? Que eu era agora cíclica, lunar? Que todo mês aquele fenômeno se repetiria: o plasma, o sumo, o mar vermelho entre minhas pernas de ser mamífero, fêmeo e quente? Que aquela placenta escoava como um fluxo de rio? Que eu era feita de uma substância líquida? Que minha existência era miserável e precária? Que minha consciência nada poderia fazer contra esse ritmo que me abatia? Que meu corpo se transformara numa máquina indiferente à minha vontade, imperfeito, complexo, purgando estrelas sanguíneas? (NAVEIRA, 2017, p. 82, grifo nosso).

Numa mesma ruptura, entre a menina e a mulher, na crônica *Fadas* (Anexo P), o narrador-personagem rompe com a inocência da infância para se tornar mulher, começa dizendo sobre sua admiração por esse ser místico e fantasioso “São representações dos sonhos e desejos mais profundos de nossa alma” (NAVEIRA, 2017. p. 166), fazendo uma intertextualidade com o poeta Camões, que chegou à conclusão de que não se pode lutar contra o Fado. Continua com Shakespeare, o qual amava as fadas e as representou em *Sonhos de uma noite de verão* (1605).

Quatro amantes entram na floresta povoada por elfos, fadas e duendes. Titânia é a rainha das fadas. Por causa do poder de uma flor mágica, apaixonou-se por um burro. Ação, movimentação, encontros, desencontros, pontos ridículos, rupturas de imposições patriarcais, equívocos sociais. Tudo se resolve com os casamentos, mas fica exposto o lado escuro da paixão, feito de trevas, sortilégios e dificuldades (NAVEIRA, 2017, p. 167).

Num processo de digressão, o narrador continua discorrendo sobre fadas, lembrando que a poetisa uruguaia Marosa Di Giorgio conta uma história em que uma menina é apaixonada por fadas, mas sua mãe cortou relações com esses seres fantásticos. O que nos leva a entender que essa fantasia está por conta das crianças, e depois de adultas, com a maturidade, não se tem mais intimidade com as fadas, a fantasia infantil é desfeita.

Nesse texto voltado ao fantasioso mundo das fadas, Naveira recorre ao recurso sonoro de repetição do fonema /f/, já pronunciado desde o título e o fonema /v/ presente no título da coletânea.

Mamãe disse: — Acabou o reino das fadas. E se foi pela casa. E eu implorei: — Não, não; fiquem! Eu sou a dona da casa; sou a Menina. (...) As fadas se foram, seus vestidos diluindo no vento. E nos olhos violetas, gravado o porvir.”

Eu fui menina. Andei com desenvoltura pelo reino das fadas. Elas caminhavam envoltas em perfume de maçãs e baunilha, sempre em trio. Chamavam-se Fé, Esperança e Caridade. Fauna, Flora e Fonte. Força, Inteligência e Bondade.

Amo os contos de fadas. Creio num poder sobrenatural que muda situações contrárias. Essa é minha têmpera de fada (NAVEIRA, 2017, p. 168, grifo nosso).

Num discurso de classe média mais conservador, o narrador naveiriano demonstra estar bem confortável nessa situação. Numa fala mais pacífica carregada de uma linguagem poética, defende a formação da família de acordo com o modelo estabelecido, principalmente, pelo cristianismo e pelo judaísmo, religiões que consolidaram o androcentrismo. A narrativa demonstra apoio à instituição familiar tradicional e à formalização do amor.

Os patriarcas apresentam novas formas de naturalizar os papéis designados às mulheres ao longo da história, tais como: a imagem da família contemporânea vem desfazendo os moldes da família tradicional, pai, mãe e filhos, em que cada um desempenha o seu devido papel. Esse tipo de família é conhecida como patriarcal, em que o homem tem a palavra de maior peso e leva o sustento para a casa, enquanto a mulher tem a obrigação dos afazeres do lar e de educar os filhos.

Mesmo que esse modelo familiar venha se desfazendo, não de forma negativa, pois mulheres e homens independentes não precisam um do outro para manter-se financeiramente ou até mesmo por aparência. Ainda assim, nos dias atuais, existem mulheres que prezam por essa estrutura familiar tradicional, essa situação passa a ser uma escolha de vida, e não uma condição, como fica bem claro na crônica naveriana intitulada *Gigliola* (Anexo Q).

Nesse texto, a narradora conta sobre uma personagem cinematográfica, que é totalmente romântica e sente a falta de seu par, uma mulher dependente de uma paixão. E assim se constrói a narradora da crônica, uma apaixonada que acredita “no amor como experiência universal, aspiração espiritual e não apenas como atração carnal. Como síntese de sexualidade e transcendência mística” (NAVEIRA, 2017, p. 221), uma mulher que almeja constituir uma família nos moldes tradicionais. Como observamos no trecho abaixo:

[...] gerar filhos num lar de afeição, de gentileza, de união abastecida por uma piedade profunda e extensa. A resolução firme e determinada de contribuir para a felicidade do outro. Esse ideal envolvia todo meu caráter: desejo de ser bela, terna, solidária, animada, compreensiva para meu querido. Convidar alguém especial para compartilhar todos os momentos e exercer com alegria o ato de estarmos vivos, de sermos homem e mulher (NAVEIRA, 2017, p. 221- 222).

No excerto acima, a narradora encontra sua plenitude num sonho de menina, na constituição da família de maneira tradicional, na qual se baseiam os papéis sociais segundo o gênero de cada um, as expectativas de felicidades parecem presentes na escolha acertada do cônjuge.

Porém, tudo isso representado por uma escolha, pois a mulher atual não precisa mais constituir família por obrigação, o casamento realiza-se por amor, a mulher é dona de seus desejos, em tempos passados, não lhe era permitido nem falar de sexo, conforme visto na crônica.

O homem não possui mais soberania na sexualidade feminina, é dela o poder de escolha, o sexo demonstrado pela narradora deve ser fonte de prazer para ambos

e não apenas para o homem, há no texto a demonstração da valorização das relações afetivo-sexuais. Na crônica, a visão conservadora naveiriana não está baseada na hierarquia de gêneros, mas na igualdade entre eles.

Segundo a escritora Lygia Fagundes Telles, em sua publicação intitulada *Mulher, mulheres* (2004), a mulher passou a se emancipar, sair da sua condição de cuidadora do lar durante a Segunda Guerra. Enquanto os chefes de famílias foram para os campos de batalhas, as mulheres foram “à luta”, assumindo os postos dos homens nas fábricas, nos escritórios, inclusive nas Universidades, assumiram responsabilidades, que até o momento, eram próprias do primeiro sexo.

As mulheres passaram a exercer as funções masculinas com a mesma desenvoltura que os homens, ou até mesmo com mais habilidade e dedicação que eles. Ainda segundo Lygia Telles (2004), durante muito tempo, a mulher foi explicada pelo sexo masculino, atualmente, a própria mulher se explica. O feminismo permite-lhe o direito de fala.

Diante das considerações da autora, é possível perceber que a mulher conquistou autonomia para ditar suas próprias vontades e desejos, alcançando a igualdade entre os gêneros, como vimos na crônica *Gigliola*.

Nas crônicas naveirianas há uma variedade de imagens femininas, num processo de libertação daquelas erigidas pelos moldes patriarcais. Os movimentos feministas garantiram um progresso às mulheres, mas, como ainda estamos num processo de reeducação social, a figura da mulher patriarcal ainda ecoa na sociedade contemporânea.

Na crônica *Vassouras* (Anexo R), há uma representação estereotipada da mulher, uma imagem associada às forças (sobre)naturais, algo elevado. A voz feminina do narrador descreve, de forma meticulosa, o afazer doméstico ligado à figura feminina, associação que ocorre desde o período medieval, o ato de varrer seu lar, ligado também aos padrões religiosos impostos à mulher.

Nessa crônica, não há necessariamente um discurso conservador, mas o ato de varrer é exposto como uma obrigação e, ao mesmo tempo, um serviço que, para ser bem feito, deve ser realizado pelas mãos cuidadosas de uma mulher.

No texto, o narrador-personagem descreve de forma prazerosa, que por meio de seu serviço, até mesmo as sujeiras ocultas, espirituais, serão varridas, dando espaço para os anjos entrarem.

(...) afinal a varredura é um serviço de culto, que precisa ser executado com mãos puras. Há que se eliminar toda sujeira do chão, toda contaminação vinda de fora. Os movimentos da vassoura devem abençoar os anjos que protegem o lar e afastar hóspedes invisíveis, que trazem brigas e contendas. É tarefa humilde, de pente-fino, a da limpeza (NAVEIRA, 2017, p. 180).

É nítido, no entanto, que nesse ato doméstico ligado à figura feminina, deixar sua casa limpa, mantendo a ordem, o equilíbrio, vê-se a mulher como uma figura idealizada, como um ser sobrenatural e que será possível atingir esse objetivo somente por meio das tarefas que estão relacionadas à sua imagem, uma representação idealizada.

Mesmo que apresentada nessa condição, de cuidadora do lar, a imagem da mulher não é tratada como objeto, mas como sujeito da situação que mantém os valores tradicionais, mostrando a dificuldade e o prazer de se permanecer assim.

O texto inicia com o seguinte enunciado: “São pesadas as responsabilidades domésticas” (NAVEIRA, 2017, p. 180) e é concluído com este parágrafo: “Varro todos os dias os cantos da minha casa. É assombrosa ocupação” (NAVEIRA, 2017, p. 183). Ao mesmo tempo que a tarefa é cansativa, também causa um misto de bons sentimentos na narradora, por isso uma ocupação assombrosa.

A autora utiliza o paradoxo para descrever a responsabilidade doméstica, a mulher, centro do texto, diz que o serviço doméstico é um trabalho difícil e cansativo, mas em seguida, diverte-se com um prisma colorido formado pela luz e pela poeira retirada dos móveis.

Varro todos os dias os cantos da casa. A poeira refletida na luz do sol parece um prisma colorido. Encosto as mãos na vassoura, apoio o queixo, fico equilibrada no cabo, vendo a paisagem da janela (NAVEIRA, 2017, p. 180)

Depois de se distrair com a poeira refletida na luz, a personagem retorna à consciência de seu ato, equilibrando seu queixo na vassoura dividida entre os seus pensamentos e o mundo real, olha pela janela e, diante de si, enxerga apenas um recorte do mundo lá fora, um quadro, uma paisagem pela janela.

A digressão utilizada ocorre no momento em que a mulher se apoia na vassoura e seus pensamentos começam a transitar pelo misticismo, pela história, pela memória e pela literatura. Outra vez nos deparamos com esse cruzamento de informações.

O narrador-personagem, enquanto pratica sua missão de limpar a casa, começa associar a vassoura que tem nas mãos com figuras famosas, como a do ex-presidente do Brasil, Jânio Quadros, que usou o objeto como símbolo de sua campanha, a do poeta Manuel Bandeira, que escreveu um poema em que conta sobre

vento que não assopra, mas varre tudo, como num ato de limpar tudo o que não faz bem.

O narrador-personagem descreve ao leitor uma memória literária, a da poetisa americana Emily Dickinson, a qual escreveu sobre a dona de casa que durante a escuridão varria o céu com sua vassoura multicores. Além de trazer com riqueza de detalhes a mulher da parábola bíblica sobre a dracma perdida, que se encontra no *Novo Testamento*.

Enquanto está equilibrada com o queixo na vassoura, a personagem naveiriana sente uma vontade enorme de chorar, mas, no mesmo instante, autoconsola-se e diz que não vai chorar, porque o ato de varrer está ligado ao misticismo, “a varredura é um serviço de culto, que precisa ser executado com mãos puras” (NAVEIRA, 2017, p. 180).

No momento em que descreve sobre a parábola, o narrador-personagem, em meio à faxina, pega na estante um livro de gravuras sobre as heroínas da Bíblia. Eis o trecho em destaque:

Lá está a figura de Millais, o ilustrador inglês: uma mulher com vestido azul cinzento, véu de algodão na cabeça, segurando de um lado a chama de azeite e do outro a vassoura de palha seca. Atrás um recorte em arco, as nuvens entre folhagens. Quanta alegria em encontrar aquilo que estava perdido e leva-lo à comunhão no amor (NAVEIRA, 2017, p. 180-181).

Diante do exposto, é possível perceber pelo detalhamento dado no texto, que a inspiração ao compor a passagem possa ter vindo mesmo pela apreciação da pintura feita por John Everett Millais.

Figura 6 - The Lost Piece of Silver



Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parable\\_of\\_the\\_Lost\\_Coin.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parable_of_the_Lost_Coin.jpg)

Na crônica, primeiramente, o ato de varrer parece algo banal e cansativo para a personagem, brinca com o serviço e, de repente, desespera-se com a vontade de chorar, como deve ter ocorrido com a figura feminina da parábola bíblica, que, provavelmente, sentiu desespero e ficou angustiada ao perder sua moeda.

Então, a heroína da *Bíblia* “engoliu” o choro, assim como a personagem naveiriana e (re)começou cuidadosamente seu afazer doméstico, com o intuito de recuperar a dracma perdida, uma das moedas recebidas pelo dote matrimonial.

Outra semelhança entre a produção de Raquel Naveira e a pintura de Millais é o detalhe da janela, no texto, a personagem equilibra o queixo na vassoura e olha uma parte do mundo lá fora pela janela, como se tudo passasse sem sua presença.

Na obra do pintor também existe um recorte da paisagem pela janela, enquanto a mulher está atenta ao trabalho, a natureza permanece estática ao fundo, imagem despercebida pela mulher, mas aparente para seu leitor.

Essas são as figuras femininas presentes nas crônicas de Raquel Naveira, são mulheres num processo de ruptura com os moldes patriarcais, lutando por sua insubmissão e que, ao mesmo tempo, apresentam resquícios de um ideal conservador

que prezam pela instituição familiar, buscam forças na fé cristã para as lutas diárias, sonham com personagens míticas, são intelectuais e protagonistas de suas histórias.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, por se tratar de uma compreensão subjetiva, abordou aspectos relevantes da literatura sul-mato-grossense. As manifestações literárias produzidas na região foram constituídas, por muito tempo, apenas por seus elementos estaduais políticos, sociais, culturais e econômicos.

Percebemos que, na busca em traçar uma identidade relevante dos aspectos culturais e literários de MS, o regionalismo é uma das principais temáticas divulgadas pelos primeiros autores da terra. Falar, escrever ou cantar Mato Grosso do Sul, provavelmente seja uma necessidade de firmar o perfil desse povo que teve sua cultura interrompida com a divisão do território, tendo de reconstruí-la sem deixar se confundir com o vizinho Mato Grosso (MT).

No entanto, autores mais contemporâneos, que refletem no passado, mas com um olhar atento ao futuro, além de produzirem, em suas obras as temáticas regionais, também abordam assuntos que vão além das terras pantaneiras ou fronteiriças, arriscam-se em conteúdos de teor universal.

Nessa perspectiva, destacamos uma autora que “está em pleno vigor criativo” (LEITÃO, 2018, p. 261), Raquel Naveira. A escritora encontra-se em constante aparição nas mídias, divulgando seu trabalho e publicando-os praticamente todos os anos, desde o lançamento de seu primeiro livro, o *Via Sacra* (1981).

Por meio dos estudos de algumas obras de Naveira e o levantamento biográfico feito sobre a escritora, encontramos resquícios de sua vida real incorporados aos seus textos literários, cenas recriadas na ficção. Diante dessa metaforização de fatos reais, utilizamos os próprios escritos da autora, de forma documental, para escrever sua biografia.

A escritora sul-mato-grossense, além de publicar poemas, gênero pelo qual é reconhecida e já recebeu alguns prêmios, também publicou ensaios, peças teatrais, crônicas e até mesmo literatura infanto-juvenil. Diante do vasto trabalho de Naveira, alguns autores e estudiosos deram ênfase em suas obras.

Vimos que em toda a fortuna crítica levantada sobre Raquel Naveira e suas publicações, esses autores ressaltaram em suas obras a poesia da escritora, destacando-a como poetisa da literatura sul-mato-grossense. Entretanto, esta

pesquisa focou na narrativa em prosa de Naveira, especificamente, a coletânea de crônicas *O avião invisível* (2017).

Diante do gênero escolhido para a pesquisa, fizemos uma busca acerca da teoria da crônica, um gênero textual híbrido, que oscila entre o teor jornalístico e o literário. Esse gênero possui um olhar peculiar do autor sobre um assunto aparentemente banal, narrativa que se apresenta como numa conversa com o leitor implícito.

A crônica, por algumas vezes, chamada de gênero menor, pois nasceu nos folhetins de jornais, depois de perder seu sentido inicial de carta ou relato histórico contado numa determinada sequência cronológica, ganhou novo destino. Após receber um tom lírico, principalmente nos anos 1930, o gênero fugiu de seu destino de notícia e ganhou as páginas dos livros e passou a fazer parte de acervos literários.

Partilhamos ainda sobre as crônicas produzidas em Mato Grosso do Sul, desde os primeiros homens letrados, passando por um dos principais cronistas do Estado, autor da coletânea *Camalotes e Guavirais*, Ulisses Serra, até chegarmos à Raquel Naveira como cronista, que mesmo no texto escrito em prosa não abre mão da liricidade ou da poética em seus escritos.

Por meio de teorias estruturalistas e até mesmo filosóficas, nota-se que o texto não precisa ter, necessariamente, a estrutura e os elementos do poema para ter conteúdo poético, isso também é possível por meio de narrativas, como comprovado nas crônicas naveirianas. Raquel Naveira se utiliza recursos linguísticos e literários, resgatando a sonoridade poética nas narrativas, leva a linguagem dos seus versos para as crônicas.

Pôde-se fazer um comparativo entre dois textos naveirianos, um poema e uma crônica, ambos de mesmo título, *Palhaço*. Entre os textos ficam claras a subjetividade, a metaforização, a emoção, e a sonoridade utilizada pela autora, porém, no texto em versos há uma lacuna maior a ser preenchida pelo leitor, já no texto em prosa essa lacuna é menor, a crônica até explica o que fica incompreendido no poema.

No passeio metafórico feito a bordo de *O avião invisível* (2017), pudemos analisar a composição geral das crônicas da coletânea, desde o título da obra, que utiliza o recurso sonoro da aliteração.

Já na primeira crônica da coletânea, que recebe o mesmo título da obra, a autora parte de um assunto, o encontro com o monumento do aviador Carlo del Prete entrelaçando-o a outras temáticas por meio da digressão.

Naveira utiliza como recurso comum a todas as crônicas dessa obra o narrador-personagem, numa linguagem emotiva e poética, explora as emoções do eu, aproximando o leitor de seu sentimentalismo, fazendo com que este se aproxime dos fatos narrados.

Outro recurso utilizado pela autora em suas crônicas é a intertextualidade, fazendo uso da própria experiência literária para composição das narrativas. Por meio dessa intertextualidade, dialoga com outras obras, até mesmo as artes plásticas e o cinema.

Em relação aos fios condutores presentes nas crônicas naveirianas, selecionamos algumas narrativas da coletânea em estudo para descrever as principais temáticas abordadas, assim como alguns recursos poéticos utilizados pela autora nos textos em prosa.

Iniciamos a abordagem temática fazendo um passeio pelo religioso e pelo humanístico. Raquel Naveira exalta nas narrativas o Cristianismo baseado no pensamento judaico. Por meio de santidades, personagens e figuras bíblicas, traz uma reflexão religiosa do assunto. Além de entrelaçar a esse conteúdo, por algumas vezes, o pensamento filosófico, literário, o misticismo e a mitologia greco-romana, fazendo uma retomada aos clássicos.

Seguimos o passeio pelo regionalismo sul-mato-grossense, no qual a autora destaca o urbanismo da capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, a cidade que se desenvolve, mas mantém o ar interiorano. Quando escreve sobre o Estado, de uma forma geral, destaca os costumes mantidos por esse povo, até mesmo um certo saudosismo ao se referir a esse lugar, sua terra natal.

Por fim, trouxemos as figuras femininas representadas nas crônicas naveirianas. A mulher é textualizada como um ser forte e superior, até mesmo por suas atribuições biológicas e condição social através de personagens religiosas, literárias ou mulheres comuns através de um discurso conservador de classe média.

Diante do exposto, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído ou contribua para a continuidade de estudos acadêmicos sobre a literatura produzida em Mato Grosso do Sul e a respeito da escritora que vem escrevendo sua história na literatura regional e brasileira, Raquel Naveira.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O fim do poema. *Cacto*, São Paulo, n. 1, p. 142-149, ago. 2002.

ANDRADE, Ana Maria. Crônica fotográfica do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. In: ANDRADE, Ana Maria. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

ÂNGELO, Ivan. Sobre a crônica. *VejaSãopaulo*, São Paulo, 5 dez. 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/sobre-cronica/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

ARRIGUCCI, Davi. Fragmentos da Crônica. In: ARRIGUCCI, Davi. *Enigma e Comentários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BELTRÃO, Luiz. A opinião do Jornalista. In: BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.

BÍBLIA. *Bíblia de estudo aplicação pessoal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BOJUNGA, Lygia. [Fortuna crítica]. In: NAVEIRA, Raquel. *Portão de Ferro*. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 119. Disponível em: <https://bit.ly/2MaxD2Q>. Acesso em: 07 ago. 2019.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1979.

BRANCO, Lúcia Castelo. Feminina desmemória. In: BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés do chão. In: CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (dir.); COUTINHO Eduardo de Faria (codireção). *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 1994. vol. 6.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria da Lírica*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DINIZ, Lemuel de Faria. *As vertentes culturais em sob os cedros do senhor de Raquel Naveira*. Dourados – MS: REVELL, 2012.

DINIZ, Lemuel de Faria. *Vertentes histórico-regionais-culturais na poética de Raquel Naveira*. Três Lagoas, MS: UEMS, 2006.

DORSA, Arlinda Cantero. *As marcas do regionalismo na poesia de Raquel Naveira*. Campo Grande: UCDB, 2001.

FELIX, Moacyr. [Fortuna crítica]. *In: NAVEIRA, Raquel. Portão de Ferro*. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 119. Disponível em: <https://bit.ly/2MaxD2Q>. Acesso em: 07 ago. 2019.

FERNANDES, José. Cadinho de Cultura. Apresentação. *In: ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande, MS: FIC/MS – Investimento do Fundo Cultural do Estado de Mato Grosso do Sul, 2011.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. *In: BRAIT, Beth (org). Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

GÉNETTE, Gerard. *O Discurso da Narrativa*. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995. Coleção Veja Universidade.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A Editora, 2005.

HOUAISS, Antônio. [Fortuna crítica]. *In: NAVEIRA, Raquel. Portão de Ferro*. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 119. Disponível em: <https://bit.ly/2MaxD2Q>. Acesso em: 07 ago. 2019.

JACKOBSON, Roman. Linguística e Poética. *In: JACKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

LEITÃO, Mary Nascimento da Silva. *Construção de identidade na produção residual de Raquel Naveira*. Fortaleza: UFC, 2018.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. A tipologia de Norman Friedman. *In: LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Grazielli Alves de. *Chão cultural naveiriano: composições da paisagem pantaneira*. Dourados, MS: UFGD, 2012.

LISPECTOR, Clarice. Amor. *In*: LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. *In*: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). Lei nº 2.645, de 11 de julho de 2003. Reorganiza o Fundo de Investimentos Culturais do Estado de Mato Grosso do Sul e dá outras providências. Campo Grande, MS: Governo do Estado, *Diário Oficial* nº 6.037, 14 jul. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2YQRMgd>. Acesso em: 08 ago. 2019.

MELO, José Marques. *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório*. São Bernardo do Campo – SP: UMSP, 1985.

MENEZES, Edna. *Quatro Expoentes da Literatura Sul-Mato-Grossense: Lobivar Mattos, Manoel de Barros, Raquel Naveira e Visconde de Taunay*. Campo Grande, MS: Gráfica e Editora Athenas, 2002.

MENEZES, Edna. Raquel Naveira – Emblema sagrado da poesia sul-mato-grossense. *Jornal da Poesia*, [S. l.], [200-?]. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/raquelnaveira.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.

MERQUIOR, José Guilherme. A natureza da lírica. *In*: MERQUIOR, José Guilherme. *A astúcia da mimese*. Rio de Janeiro: TopBooks, 1997.

MOISES, Massaud. A Crônica. *In*: MOISES, Massaud. *A criação literária*. Prosa II. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

NAVEIRA, Raquel. *Álbuns da lusitânia*. Campo Grande: Editora Alvorada, 2012.

NAVEIRA, Raquel. *Bovinocultura e literatura*. São Gonçalo: UERJ, 2008.

NAVEIRA, Raquel. *Caminhos de bicicleta*. São Paulo: Miró Editorial, 2010.

NAVEIRA, Raquel. *Guerra entre irmãos: poemas inspirados na Guerra do Paraguai*. Campo Grande: Gráfica Ruy Barbosa, 1993.

NAVEIRA, Raquel. *Menina dos Olhos*. Guaratinguetá: Editora Penalux, 2018.

NAVEIRA, Raquel. *O avião invisível, por Raquel Naveira*. [Áudio]. Brasília, DF: Rádio Senado, 25 maio 2018, às 17h43min. 2018.

NAVEIRA, Raquel. *O Avião Invisível*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2017.

NAVEIRA, Raquel. *Quarto de Artista*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2013.

NOLASCO, Zélia R. *A literatura de fronteira e suas particularidades locais: uma visada para a margem*. Campo Grande, MS: Cadernos de Estudos Culturais, 2015.

PAZ, Octávio. Signos em Rotação. In: PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor LTDA, 1982.

ROCHA, Guimarães. *Grandezas da literatura sul-mato-grossense*. 2. ed. Campo Grande: Editora Life, 2018.

ROSA, Maria da Glória Sá; MENEGAZZO, Maria Adélia; NOGUEIRA, Albana Xavier. *Antologia de textos da literatura sul-mato-grossense*. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul: Editora Life, 2013.

ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande, MS: FIC/MS – Investimento do Fundo Cultural do Estado de Mato Grosso do Sul, 2011.

SÁ, Jorge de A. *Crônica*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

SABINO, Fernando; Vocação. In: SABINO, Fernando. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. (Biblioteca Luso-brasileira. Série Brasileira).

SANT'ANNA, Afonso R. [Fortuna crítica]. In: NAVEIRA, Raquel. *Portão de Ferro*. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 119. Disponível em: <https://bit.ly/2MaxD2Q>. Acesso em: 07 ago. 2019.

SATER; Almir; SIMÕES; Paulo. *Sonhos Guaranis*. Título do disco: Doma [Almir Sater]. [São Paulo]: Somlivre, 1982. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0zXHwmLLPxwh0spEpFu1ce?si=Gfr1SXeRS1SdjGgoSu-PAQ>. Acesso em 12 abr. 2020.

SEGANFREDO, Carmen; FRANCHINI A. S. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SERRA, Ulisses. *Camalotes e Guavirais*. Campo Grande: Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, 2004. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12870642/camalotes-e-guavirais-academia-sul-mato-grossense-de-letras>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SIMÕES, André de Freitas. A evolução da crônica como gênero nacional. *Estação literária*, Londrina, PR, v. 4, p. 49-61, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25295/18484>. Acesso em: 18 jan. 2019.

SISCAR, Marcos. Figuras de prosa: a ideia da "prosa" como questão de poesia. *In*: SCRAMIM, Susana; SISCAR, Marcos; PUCHEU, Alberto (Org.). *O duplo estado da poesia: modernidade e contemporaneidade*. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. 7. ed. São Paulo: Princípios, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. A biografia, um bem de arquivo. *Alea: Estudos Neolatinos, UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 121-129, 2008.

TÁVOLA, Artur da. Fortuna Crítica. [Raquel Naveira]. *Jornal de Poesia*. [S. l.], [200-?]. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/raquel.html>. Acesso em: 12 abr. 2020.

TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, mulheres. *In*: DEL PRIORI, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TEZZA, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo Russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. *In*: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. *Letras (UFSM)*, v. 41, p.183-196, 2010.



**ANEXOS**

## ANEXO A – PALHAÇO

Por muito tempo colecionei palhaços: estatuetas, quadros, bonecos de macela e seda, marionetes, fantoches, criaturas feitas de cordas e enfeitadas de guizos. Os palhaços se confundiam com os livros, as almofadas, os discos de vinil e a antiga máquina de escrever no pequeno escritório de nossa casa.

A figura do palhaço me fascinava, apontava para a outra face da realidade. Porque todo palhaço esconde um drama íntimo, uma discordância oculta. Foi abandonado pela mulher, traído, perdeu a família num incêndio, recebeu golpes do destino, sentiu a derrota, sofreu na carne o ridículo e a zombaria, conheceu o reverso da medalha. Era rei e para não ser assassinado transformou-se em bufão, bobo da corte, criador de peças cômicas, que tudo observava por trás das cortinas do picadeiro. Mas quando se senta frente ao espelho e retira as camadas de cal e maquiagem, vai aos poucos encontrando a si mesmo, a sua consciência dilacerada. As lágrimas escorrendo por sua face cor de estopa.

Nunca reneguei o palhaço, ao contrário, amei-o por mostrar minhas falhas e esquisitices, minha sensibilidade à flor da pele, a parte de mim que mais me incomodava. Amei no palhaço tudo aquilo que me tornava mais compreensiva, humana, aberta à Poesia e à Ternura.

Identifiquei-me demais com o filme *O Palhaço*, dirigido e estrelado por Selton Mello. Conta a história de Benjamin, o palhaço Pangaré e de seu pai Waldemar, o palhaço Puro Sangue, interpretado por Paulo José. A divertida trupe do circo mambembe atravessa estradas poeirentas e pobres do Brasil levando sua arte desconcertante e ingênua, que nos leva a refletir em tom de brincadeira sobre anseios e coisas graves. Benjamin, em busca de um sonho e de um amor, decide viver como um funcionário, uma pessoa comum. Desiludido, vê que ser palhaço é sua verdadeira missão.

Entrei imediatamente naquele clima sério e lúdico, cheio de humor, drama, melancolia e uma estranha harmonia interior. Benjamin, o palhaço, carregava o peso da responsabilidade, da liderança, de levar nas mãos e nos olhos a chama da esperança e da resistência.

Lembrei-me também de um poema do infeliz Cruz e Sousa, gênio incompreendido que morreu na mais completa miséria, em que ele compara o seu coração a um palhaço desengonçado, acrobata da dor que gargalha, num riso de

tormenta, nervoso, irônico, um riso absurdo, convulsionado, agônico. A plateia pede bis, enquanto o palhaço faz piruetas de aço até cair no chão, afogando-se em sangue quente: “Coração, tristíssimo palhaço”, revela o poeta.

Espalhei os palhaços pelo berço e pelo quarto amarelo de meu primeiro filho, que hoje é um homem. Sumiram todos no tempo, num cortejo lento de egos perdidos. Ponho a mão no peito. Choro. Descobri o porquê de tanto fascínio: é triste o meu coração.

## ANEXO B – O AVIÃO INVISÍVEL

Por muito tempo aquele avião foi invisível para mim. Atravessava a rua Pinheiro Machado, no coração do bairro de Laranjeiras, entre elevados e árvores de fícus e observava a escultura em bronze, do tamanho natural de um homem, do aviador Carlo del Prete. Com os olhos baixos li os dizeres da placa. Descobri que se tratava de um tributo a um herói, pioneiro que arriscou a própria vida fazendo um voo sem escalas entre Montecélio, perto de Roma, até o Rio Grande do Norte, em 1928. No mesmo ano, quando testava um avião em acrobacias sobre o mar, caiu na baía da Guanabara. Morreu, alguns dias depois, no hospital, em meio a muito sofrimento. Foi extraordinária a comoção da cidade. A estátua marca o lugar onde Del Prete recebeu homenagens póstumas, próximo da embaixada italiana.

Um belo dia, quando fazia a travessia perigosa do viaduto em direção à praça, deparei-me com o avião. Sim, acima da estátua de Del Prete, meio coberto pelas folhas de fícus, havia um avião, uma enorme reprodução do avião usado pelo aventureiro. Que surpresa. O avião estava ali o tempo todo e eu não tinha reparado nele.

Lembrei-me dos índios que não enxergaram as caravelas. Eles não conseguiram ver coisa alguma, até que as caravelas estivessem a pouca distância da praia. A explicação é que a caravela era algo desconhecido para os nativos e que a mente só pode ver o que conhece. Por mais estranho que pareça, o que a mente não conhece é invisível aos olhos, é parte da paisagem. As caravelas surgiram da névoa, estavam ocultas por um véu espesso como se fossem fantasmas. A bruma é mística, separa mundos. As brumas separaram Avalon, terra dos magos e das fadas, do mundo medieval do rei Artur. A impactante chegada das naus dividiu culturas. Os homens brancos, considerados filhos do deus Sol pelos índios, trouxeram guerras e enfermidades pelas espumas do mar.

O avião estava ali o tempo todo: matéria compacta, mas não passava de um imenso vazio atômico não captado pelo meu pensamento e pela minha vontade. O avião era “maya”, como diriam os budistas, ilusão não projetada em meu restrito campo de visão. O avião era essência pura, fruto de uma forma a princípio abstrata, alto reflexo de um sonho transfigurado em realidade, como imaginou Platão em sua “Teoria das Ideias”. Talvez eu estivesse de costas para a entrada da mítica caverna,

presa na escuridão, e, agora, subitamente, na luz da verdade, brilhou, dourado, o avião.

O escritor Antoine Saint-Éxupery, autor da fábula “O Pequeno Príncipe”, também foi piloto, escreveu sobre a aviação, sobre a sensação de solidão ao sobrevoar os desertos. Desapareceu misteriosamente num voo de reconhecimento na região do Mediterrâneo. Os destroços da aeronave foram encontrados e é provável que tenha sido abatida por alemães. Foi pela boca do seu personagem que ele nos ensinou: “Eis o meu segredo: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.” Ah! Como precisamos de amor, companheirismo e amizade, meu Pequeno Príncipe.

Dá para entender porque o apóstolo Tomé duvidou da ressurreição de Jesus e o sentido do ditado popular: “Aquela pessoa é feito São Tomé, precisa ver para crer.” Tomé viu Jesus, tocou em suas chagas. E eu que preciso crer para ver, adorar um Deus em Espírito, nem sabia que naquele ponto da vida cruzara com um avião invisível. Mas quando o vi, fui tomada por uma onda de consciência. Não coloquei mais limites entre o natural e o sobrenatural. O avião invisível me provou que há coisas que estão ao nosso lado, que a fé é maior que tudo que o universo nos esconde.

## ANEXO C – BAIRRO DE JUDEUS

Vim morar em São Paulo num bairro de judeus. Gosto de vê-los na rua, os homens com suas barbas longas, capotes pretos, faça frio ou calor, sol ou chuva. As mulheres de saias abaixo dos joelhos, mangas compridas, golas altas, meias, de mãos dadas com os filhos. Os homens usam chapéus de feltro ou *kipás*, pequenas toucas em forma de circunferência, que representam respeito no momento das orações e a certeza de que há alguém acima de nós. As mulheres protegem a cabeça com lenços de seda ou perucas, pois só os maridos podem ver seus cabelos soltos na intimidade. Parecem saídos de um livro de história ou terem chegado recentemente do Leste Europeu. Há uma aura de dignidade e temor de Deus ao redor deles, carregando no rosto e nas vestes as marcas de sua fé, de sua disciplinada devoção.

A cada esquina, uma sinagoga. Colunas altas, soleiras de mármore negro. Tudo muito fechado, mas consigo imaginar a arca sagrada, a luz entrando pelos vitrais, projetando-se sobre o altar iluminado pelo candelabro de sete velas, o *menorá*. Posso ver o rabino desdobrando os rolos do *Torá*, espalhando as bênçãos divinas e os clamores ressoando desde o Muro das Lamentações até esta terra de uma América distante. Posso sentir a energia que se potencializa na hora em que o sol se põe e salpicam no horizonte as primeiras estrelas, tímidas no céu desta cidade cinzenta.

Nos supermercados e sacolões da região, vendem-se produtos *kosher*, como carne salgada sem sangue, selecionada, abatida e preparada de acordo com regras específicas. Os animais, por exemplo, não devem sentir dor na hora do sacrifício. Os comerciantes colocam faixas, enfeites e frases saudando as festas judaicas como o *Yom Kippur*, dia do Perdão; o *Chanucá*, Festival das Luzes e o *Purim*, Festival das Sortes. São celebrações de uma tradição de mais de cinco mil anos. As compras irão para a mesa judaica que é rica e de reforçados alicerces. Sobre ela as couves, as frutas, os vinhos, as hortaliças, as especiarias, as castanhas, os molhos, os peixes com escamas e o pão, sem fermento e do trigo mais fino e branco. Ao redor da mesa contam-se fatos notáveis ocorridos na vida do povo judeu; transmitem-se conhecimentos; dividem-se alegrias, tristezas, crenças e utopias. É o momento também dos questionamentos, das perguntas feitas para se renovar sempre o pacto de um laço que é ao mesmo tempo família, religião, filosofia, cultura e estado.

Como é lindo ser judeu. É ato de resistência, busca de identidade, visão de uma obra, sede de imortalidade da alma. Quando Davi feriu Golias, o fraco se impôs

ao mais forte. Deus ao lado dos fracos: que grande novidade para um mundo acostumado com a força bruta, a violência ou com a esperteza sagaz dos lobos e das raposas.

Quando entrei naquela rua de prédios altos e árvores verdes que dão na sinagoga, que poderia ser o próprio Monte Sinai perto do espigão da Paulista, deparei-me com um judeu de camisa branca e *kipá*, que ia atrás do filho de uns três anos, loirinho, já também de *kipá* na cabeça, esforçando-se em pedalar um triciclo. No meio da quadra, o menino voltou-se e gritou: “— Aba, aba.” Fui colhida por aquele grito, “Aba”, “Papai” em hebraico. Que forma carinhosa de chamar o pai.

Marcos em seu evangelho registra que Jesus, ao orar a Deus, pouco antes de sua morte, disse: “— Aba, Pai, tudo te é possível, afasta de mim este cálice. Todavia não seja o que eu quero, mas o que tu queres.” Que fervoroso apelo, como Jesus foi obediente ao seu Pai, marchando para sua morte de cruz.

O menino repetiu: “— Aba, aba.” A emoção tomou conta de mim e me cobriu como um *talit*, aquele xale de franjas.

## ANEXO D – PESCA

Sempre gostei de pescar. Lá no Pantanal a pescaria é perfeita. Há sinais para a melhor pesca: o voo rasante das aves; os pés levemente apoiados perto das pedras limosas, dos troncos submersos, dos tufo de capim; o som das cachoeiras. A hora de que mais gosto é o final da tarde, o sol se pondo, o silêncio pontilhado de pequenas estrelas e vagalumes. Tenho prática e paciência: tiro o enrosco, conserto linha estourada, afio o anzol. Depois, com um pouco de sorte, coloco no cesto um punhado de traíras, piraputangas e um pintado cor de lápis-lazúli.

A pescaria no mar é aventura perigosa. Ondas, arrebentações, luzes de faróis, prenúncios de tempestade. É preciso uma embarcação com um nome poético como “Marina da Glória”, redes lavadas, cordas e âncoras no convés. Calcular o fundo, a temperatura da água na superfície, navegar até uma ilha forrada de mariscos, ostras e cracas. Aguardar as fisgadas dos arenques, dos peixes-balas, badejos e até de um aguilhão como naquele romance *O Velho e o Mar*, de Hemingway.

Que pesca fantástica é descrita nesse livro, verdadeira batalha com o céu e o mar como testemunhas. Hemingway era fascinado com as histórias dos homens que superam os desafios da natureza. Ao puxar um aguilhão, o velho Santiago testa os próprios limites, enquanto tenta, com as mãos ensanguentadas, recolher o peixe até uma distância que lhe permita lançar o arpão. Nessa luta, ele demonstra a capacidade do espírito humano para vencer os obstáculos e as dificuldades. Sua vitória é feita de amor pelo mar e de autoconhecimento. Sentimos cheiros de alcatrão, de óleo queimado, de sangue, de peixe, de maresia. E nos doem as câimbras e náuseas do velho exausto, os espasmos desesperados do aguilhão. Tudo em meio ao isolamento, ao éter e às ondulações das águas. Hemingway é escritor-pescador que solta e puxa a linha tensa dessa narrativa de tirar o fôlego.

Lembrei-me da pesca maravilhosa dos discípulos de Jesus, todos pescadores. O Mestre entrou num barco, que era de Simão. Quando estavam no mar alto, pediu que eles lançassem as redes para pescar. Simão explicou que trabalhara toda a noite e nada apanhara, mas, já que ele estava mandando, lançaria a rede novamente. E fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes que quase arrebentou as redes e levou o barco a pique.

Vendo isso, Simão prostrou-se aos pés de Jesus dizendo: “Senhor ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador.”



O espanto se apoderara dele e de todos os presentes, por causa da pesca sobrenatural que haviam feito.

E Jesus disse a Simão: “Não temas, de agora em diante, serás pescador de homens.”

Bem que avisei no princípio: gosto de pescar. Amo os peixes penetrados pela força da umidade e dos abismos, tão desconcertantes e escorregadios, os ventres carregados de ovas. Pesco na mata e no mar. Uso palavras como iscas. A bênção é um marlin azul.

## ANEXO E – FAUNO

### FAUNO

Andando por uma trilha do Parque Trianon, que fica na avenida Paulista, em frente ao Masp, dei de cara com ele: o Fauno. Agachado sobre uma pedra, metade homem, metade bode, com um cacho de uvas e uma flauta nas mãos, olhou-me com malícia. Perguntei-me: “ O que faz aqui esse fauno vindo da Roma Antiga? Lá ele protegia as culturas de trigo, velava os rebanhos, a coroa de folhas de pinho na cabeça. Seguiu Baco, deus do vinho, num cortejo formado por panteras, sátiros, silenos e bacantes. E o que faz agora, entre os cedros e os jequitibás? Ouve o piado das rãs e o canto do sabiá? Examina o voo rasante das borboletas amarelas e pretas que chispam como pequenas caudas de tigres? Vê ao longe as crianças brincando nos balanços?”

Foi por obra de Victor Brecheret, o artista italiano que chegou ao Brasil ainda menino, no começo do século XX e tornou-se um dos maiores escultores de sua época e da história da arte modernista do país, que esse fauno saiu do granito e ganhou forma, corpo quase humano, não fossem os pés de bode e os chifres. Cabelos encaracolados, ar travesso, tem vontade de tocar música e fazer dançar à sua volta. Foi Brecheret que o colocou entre a selva urbana e o verde do bosque, nos verões ardentes, nos ventos chuvosos, sonhando com ninfas perfumadas de canela, que habitam o oco dessas árvores.

Esse ser brutal e grosseiro nos seus amores, que horrorizava os pastores e os viajantes nas estradas, presenciou no parque noites de ira, de caça, de emboscada, de crimes e mortes. Tudo embalado pela orgia do álcool e da fumaça, pelo delírio, pelo esquecimento do futuro. Almas sacrificadas aos momentos que se esvaíram em sangue e pó. Quanta solidão, quanta selvageria e loucura. A luxúria é fome que não se aplaca, palavra costurada na carne.

Andando pelo parque, dei de cara com ele: o Fauno. Era dia. Manhã de domingo e de luz. Respirei aliviada, sentindo-me observada, mas em segurança.

## ANEXO F – ELISA

Encontro o dono da livraria com a netinha nos braços. Pergunto qual o nome dela e ele responde: — Elisa. Elisa, nome de mulher forte, de rainha, penso eu. Era o nome de minha sogra, bela-vistense da fronteira do Paraguai, personalidade ao mesmo tempo doce e firme, matriarca de uma família de seis filhos homens, que a respeitavam com admiração. O nome pertencera à sua madrinha e tia, pessoa de fibra e boas amizades. E foi também o legado deixado a uma de suas netas.

E houve Elisa, a rainha de Cartago, a musa do poeta Virgílio em seu livro épico, a *Eneida*. Elisa é também chamada pelo apelido de Dido. Chegou à costa da África, fugindo de seu irmão, o ambicioso Pigmalião, que matara o esposo dela, Siqueu, para roubar-lhe os tesouros. Tencionava eliminar a própria irmã. Dido é avisada em sonho e consegue escapar com alguns nobres e servos dedicados pelo mar alto.

Na Líbia, recebem-na em paz. Quando pediu aos nativos para ali se estabelecer, eles lhe ofereceram a área que o couro de um boi pudesse abranger. Ela então cortou o couro em tiras fininhas e dirigiu-se para o campo. Estendendo-as no chão, delimitou um vasto território, onde fundou uma cidade: Cartago.

O príncipe Eneias, sobrevivente da guerra de Troia, aporta em Cartago. Dido oferece-lhe um banquete no palácio e ouve suas aventuras. Dominada pela deusa Vênus, apaixonou-se por Eneias. O amor intenso de Dido e Eneias é vigiado por duas deusas rivais: Juno e Vênus. Durante uma caçada, Juno provoca uma tempestade. Os dois jovens buscam refúgio na mesma gruta e se entregam um ao outro.

A deusa Fama, hoje chamada Fofoca, veloz, espalha a notícia pela cidade. Sopra no ouvido de todos que Dido não se ocupa mais do reino e só se dedica ao amante, cobrindo-o de favores e presentes.

A inveja e o ciúme não tardam. Jarbas, rei da Getúlia, que amava Dido e fora desprezado, não suporta ver seus sonhos desfeitos e pede ao deus Júpiter o fim daquele romance. O deus dos deuses atende a súplica ardente de Jarbas e envia a Eneias um mensageiro, o deus Mercúrio, que ordena ao herói que saia imediatamente de Cartago. Avisa que Eneias fundaria um reino grande e poderoso em terras romanas, na Itália.

Eneias, angustiado, não sabe como dizer àquela mulher perdidamente enamorada que ele tem uma missão maior e que precisa ir embora. Prepara escondido a sua partida. Elisa, chorando muito, tenta convencê-lo a ficar, mas ele se

mantém implacável. Nada mais resta a ela senão um amor desfeito e um reino em ruínas. Não suportando a ausência do amado, ela decide morrer. Manda preparar uma fogueira, sobe no alto. Vendo se afastar a embarcação em que Eneias navegava para seu destino, Elisa atravessa o corpo com a espada mortal, num longo e derradeiro grito. Do navio, ele chora o adeus e observa as chamas, sem saber que aquele clarão era a pira funerária de Elisa.

Uma história triste, trágica. Muitas vezes indaguei a mim mesma lendo essa passagem que adoro e que me leva a tantas reflexões: — Teria havido amor verdadeiro entre Elisa e Eneias? A leitura de Coríntios 13 me iluminou quando diz que o amor é sofredor, bondoso; que não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se agrada da injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Que lindo ideal. Que estrela. Não houve amor entre Elisa e Eneias. Houve paixão, atração, orgulho, conflito de interesses pessoais, mentiras, enganos, dissimulações, escândalo e ira de morte.

Como é contrário a si mesmo o amor, diria Camões. Suspiro enquanto folheio o livro todo ilustrado, *Rainhas da Antiguidade: Elisa, Cleópatra e Zenóbia*, de Dirce Lorimier Fernandes, fascinada pelo drama de Elisa como eu.

Elisa era o nome da menina. Um belo começo.

## ANEXO G – ÁRVORES DA MINHA CIDADE

Que ar de fazenda. É por isso que minha cidade, Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, foi eleita a mais arborizada do país. Uma terra toda feita de árvores e de lembranças.

Os ipês com suas copas abertas e arredondadas revestem-se de cores. As flores caem formando tapetes roxos, dramáticos. Imagino sempre um cervo de alta galhada pastando pétalas, ruminando com olhos doces.

Os flamboyants, que dão nome a um bairro inteiro, flamejam em chamas de um vermelho-alaranjado. Novo Pentecostes em línguas de fogo sobre o verde rendado que se move ao vento. Todas as folhas terão seu momento de ver o sol, de beber crepúsculo, de sorver a luz.

E esse corredor de flores na avenida que mais parece um cartão-postal, um quadro impressionista, um sonho cor-de-rosa? Avenida que leva o nome de Ricardo Brandão, o advogado e jornalista que lutou pelos direitos humanos e que ficaria lisonjeado com essa homenagem das melancólicas quaresmeiras.

Da mesma família das quaresmeiras são as paineiras. Prefiro as brancas, que soltam flocos de algodão, painas que enchem os travesseiros como amor de mãe, leite de lívida nata tirado no curral, asas de anjos, maná caído do céu.

Por toda parte espalham-se figueiras, a cada esquina, a cada quintal. Figueiras que crescem enérgicas, lenhosas, rebeldes e retorcidas, prenhes de látex, de larvas e vespas. Abrigam aves, símios e morcegos presos aos pequenos figos como se fossem seios. O figo é uma fruta sagrada, que crescia na Terra Prometida juntamente com o trigo, a cevada, a uva, a romã, a oliva e a tâmara. A figueira é citada em muitos textos bíblicos: Adão e Eva, percebendo-se nus, coseram folhas de figueiras e fizeram cintas; Jesus amaldiçoou a figueira improdutiva, fazendo-a secar e seu sentido profético e profundo anuncia o fim do mundo. Oriundas de minúsculas sementes, essas figueiras orientais estenderam suas ramadas e folhas de cinco pontas na direção deste oeste brasileiro.

Nas minhas mais antigas recordações, não podem faltar as mangueiras com seus corações amarelos, como essa junto ao grande e luminoso shopping; as jaqueiras com suas frutas enormes, pesadas, ovários de flores, bagos grudentos na casca que parece um tatu; os ingás com suas longas vagens e caroços de polpa

branca e adocicada. Tive uma infância de árvores carregadas, de um mundo tão rico que apodrecia ao meu redor.

Lembrei-me de Alberto Caeiro, o heterônimo de Fernando Pessoa ligado à natureza e às sensações, quando ele se pergunta que metafísica têm as árvores. Talvez a de serem verdes e terem ramos, de darem frutos espontâneos a cada estação. A melhor metafísica é a das árvores que não pensam, que não sabem para que vivem, nem sabem que não sabem. Apenas cumprem seu destino de árvores. A beleza falando por si mesma, quando as palavras falham. Essência e potência em grau máximo. Árvores solitárias, perfeitas e puras.

Concentro-me no verde das árvores. Broches fincados no peito de cimento da cidade, entre prédios e luzes. Parou de chover. Ficou lavado o ar de fazenda da minha cidade.

## ANEXO H – TREM

Nasci em outra civilização. Tenho alma ferroviária. Minha cidade era entrecortada pelos trilhos da Noroeste do Brasil. Seu traçado ia de Bauru, São Paulo, até Corumbá, fazendo integração com a Bolívia. O Trem do Pantanal ou Trem da Morte levava passageiros a Santa Cruz de la Sierra. Um dia, de repente, removeram os trilhos dos cruzamentos do centro

comercial. Restou apenas uma linha turística que faz o trajeto Campo Grande, Aquidauana e Miranda.

Vivi o apogeu da Noroeste. O trem penetrou no meu imaginário, serpente de ferro rangendo. Lembro-me do saguão da estação. O relógio com seu enorme quadrante marcando o tráfego dos trens, organizando as rotas, nivelando as vidas e os destinos de forma implacável. O embarque era o ponto de partida; a fronteira, uma direção possível. As pessoas carregavam ponchos coloridos, pacotes, chapéus, mantas, cestas, baús, enfim, todos os bens e objetos indispensáveis para a travessia americana. No coração e na mente levavam o equipamento mental do passado: as forças, as lembranças, as trôpegas esperanças. No percurso eram distraídas pela paisagem de camalotes, pelos charcos, pelos bichos que saltavam espavoridos à passagem do monstro modorrento. Era um trem esquelético, esqueleto de aço chacoalhando, compondo um réquiem para algum pássaro morto. Era um trem fantasma que se diluía na bruma com sua carga preciosa de história e poesia.

Quantas vezes ali, na plataforma, observando o borburinho, as expressões dos rostos, as despedidas, as mãos em gestos de adeus, tive visões envolvendo o trem. A sensação de perdê-lo me sufocava. Para onde eu queria ir, afinal? Como encontrar meu caminho, rasgar decretos, retirar máscaras, apostar num bilhete, escapar da rotina? Aí eu embarcava no trem em fuga, sem bagagem, sem peso morto, sem proteção. Chorava nervosa, impotente, diante de um temor, um fracasso inexplicável que apitava no meu peito.

À minha volta os viajantes pareciam preocupados, mas decididos, cheios de compromisso e certeza do lugar para onde iam. Quando entravam nos vagões, os olhos ganhavam uma cor de chumbo, entranhados de tédio e aventura. Infelizes os que tomavam trens e mergulhavam nas primeiras luzes da noite.

Muitos poetas têm alma ferroviária como a minha. Manoel de Barros escapou pelas frinchas, quando explicou que quem anda no trilho é trem de ferro. Ele era água

entre as pedras. Já Adélia Prado, que morou numa casa alaranjada à beira dos trilhos, disse que o trem de ferro era uma coisa mecânica, mas que atravessou sua vida, transformando-se em sentimento. Bandeira transcreveu o barulho do trem em versos ritmados: café com pão, café com pão, café com pão...

Tudo isso para dizer que amadureci a duras penas, tomei consciência do que era necessário e parti naquele trem. Ele não descarrilou, apesar de alguns problemas difíceis de resolver. Não se chocou contra os montes, embora eu tenha combatido alguns gigantes. Não despencou nos abismos, nem afundou nas cascatas de espumas. Desviou de flores e cavernas. É o mesmo trem da estação de minha infância, de meus sonhos e inquietações. Permaneço firme no comboio, confiante no controle do chefe da estação. Não sei quantas milhas faltam.



## ANEXO I – BOI DE PIRANHA

Certa vez, atravessando uma estrada boiadeira, fomos obrigados a estacionar o carro na margem para que uma comitiva passasse: a manada de lombos e papas acinzentadas; os homens a cavalo, de botas, chapéus e esporas, carregando chicotes, capas de couro, panelinhas,

pelegos alaranjados, berrantes de chifres, cuias e outros apetrechos. Lá iam eles desfilando, tilintando, dando gritos e giros sobre as patas das montarias.

— Vão na direção do Piquiri, do Paraguai, lá pras bandas do Abobral, explicava meu tio Atanásio, baixinho, gordinho, contador de casos, que lembrava um Getúlio Vargas do sertão. O rio Paraguai é perigoso, cheio de piranhas ferozes. Sabe o que significa “piranha”? “Pira” é peixe e “ranha”, dente. Tão pequena a piranha e com aquela boca enorme, de dentes rilhados. Quando a comitiva chega à beira de um rio infestado de piranhas, os peões abatem um boi já velho ou doente e atiram seu corpo, sangrando, na água, para atrair essas criaturas carnívoras, enquanto seguem a nado com o resto do rebanho. O espetáculo é de uma crueldade chocante: espumas, bolhas em ebulição, as piranhas frenéticas, excitadas pelo cheiro do sangue e, depois de um ou dois minutos, o esqueleto flutuando na superfície calma.

Visualizei aquela cena de morte. O boi é mesmo sagrado com sua capacidade de sacrifício. Imaginei o animal jogado às piranhas com um olhar doce, desapegado do mundo, contemplando o verde fluxo do rio. Um herói, que antes cavava sulcos na terra com o arado, agora transformado em sumo sacerdote da dor.

Esse ato de alguém se imolar para livrar uma outra pessoa ilustra bem o sacrifício de Jesus na cruz do calvário. Os animais inocentes, sem mácula, sem mancha ou defeito, oferecidos para fazer expiação pelas almas no Velho Testamento apontavam para o grande sacrifício feito pelo Cordeiro, o próprio Deus pagando um alto preço de sofrimento, agonia, suplício para trazer livramento, paz e regeneração para aqueles que aceitam esse mistério.

As piranhas devoraram o boi para abrir caminho, para que o grupo inteiro pudesse ir além, sãos e salvos. Um único boi sofreu por todos. Ele foi o substituto.

— Quantos perigos há na estrada e nos rios para quem anda desgarrado, desviado e sozinho pela Terra, ponderou tio Atanásio, antes de abrir mais uma das infindáveis porteiras de arame farpado até chegarmos à sede da fazenda Roseira.

Naquela época compreendi coisas simples e profundas: ritos de lavoura, fases da lua, criação de gado, revoadas de aves, luta pela sobrevivência. Que a vida da carne está no sangue. E que ele borbulha sobre águas e altares.

## ANEXO J – SOBÁ

Hoje quero comer sobá. Aquele macarrão japonês de trigo sarraceno, mergulhado num molho de shoyo e gengibre, com pedaços de carne, ovos mexidos, salsinha e cebolinha picadas. Tudo numa cumbuca funda e fumegante.

O sobá foi trazido pelos imigrantes originários da ilha de Okinawa, que chegaram ao sul de Mato Grosso em 1908. Os japoneses espalhavam suas bancas pela feira central, cheias de frutas e verduras multicores e, num cantinho reservado, atrás de cortinas de plástico, comiam a iguaria. As pessoas curiosas se interessaram e o sobá acabou se tornando uma comida típica.

Okinawa é uma província de ilhas que formam um arquipélago perto da China, da Coreia, da Indonésia e da Polinésia. Por sua posição estratégica, transformou-se num importante entreposto comercial. Tem uma história particular, diferenciada do resto do Japão, pois sofreu forte influência da dinastia chinesa nas vestes e nas danças folclóricas. Depois da segunda Guerra Mundial, permaneceu sob a administração dos Estados Unidos, que ali instalaram bases militares. Somente em 1972, Okinawa, com seus telhados vermelhos com estátuas douradas de leões e dragões, foi devolvida ao Japão.

Foi perto da feira central, para onde os okinawanos traziam hortaliças frescas colhidas das plantações em chácaras que rodeavam a cidade, que morei e criei meus filhos. Perto das casas onde se encostavam caixotes e caminhonetes apinhadas de legumes. Nas imediações dos colégios tradicionais, pois os okinawanos sempre procuraram dar a melhor educação aos seus descendentes, que se tornaram profissionais liberais e políticos.

Quando eu comer o sobá, farei uma viagem de volta ao passado pelo cheiro e pelo gosto, como o escritor francês Marcel Proust ao tomar chá e provar os bolinhos em formato de concha, chamados “madalenas”. Segundo Proust, depois de saborear esse singelo lanche foi que surgiu a ideia de escrever o romance *Em busca do tempo perdido*, um dos principais clássicos da história da literatura. Publicado em sete volumes entre 1913 e 1927, o famoso chá com madalenas aparecia logo no primeiro livro da série: *No Caminho de Swan*.

O sabor fez o narrador-protagonista reviver a infância, penetrar em tudo o que ficara escondido no sótão da memória. O chá com madalenas foi uma espécie de

passagem sinestésica para que ele reencontrasse a chave do baú, os mapas para lugares esquecidos e reminiscências com as pessoas.

Nesta noite de chuva, quando o macarrão temperado de shoyo e gengibre tocar o meu paladar, estremecei. Algo extraordinário acontecerá dentro de mim. Um prazer delicioso virá à tona. Esquecerei os problemas da minha vida, os pequenos e grandes infortúnios, as frustrações que me corroem. Não me importarei com os desastres, com a atmosfera apocalíptica de fim do mundo, nem com a sensação de que tudo é breve e ilusório. À primeira garfada, vou me encher de uma preciosa essência que está em mim. De um êxtase ligado ao gosto do sobá, da farinha se derretendo em minha boca, mas que ultrapassa a tudo isso, pois é misto de satisfação e autoconhecimento.

Descobri um restaurante rústico que vende sobá. Atravessarei elevados, túneis, avenidas, para chegar lá. Hoje não será mais um dia triste e sombrio. Ah! Como ficarei alegre comendo sobá.

## ANEXO K – MÚSICA PARAGUAIA

Sou uma alma da fronteira. Nasci naquele lugar onde o Brasil é Paraguai. Ouvir as canções paraguaias, o som das violas, das guitarras e das harpas encharca meu peito de recordações.

Como são lindas as músicas que formaram o meu imaginário: a índia de cabelos negros caídos pelos ombros e lábios de rosa; a força do primeiro amor, dos primeiros beijos e confissões; a desilusão das perdas e dos desencontros; a beleza do lago de Ypacaraí; as borboletas, panambis de asas brilhantes, vagando pelos bosques; os caminhos explorados nos lombos dos cavalos; as paisagens de camalotes e chalanas do rio Paraguai entrecortando o Pantanal, formando canais, alcançando Assunção, onde marinheiros vestidos de azul desciam a Bacia do Prata.

As letras vinham em idiomas misturados: ora o guarani, ora o espanhol, ora o português, num amálgama de tradições e visões de um mundo americano. As danças dos casais no ritmo das polcas, das galoperas, o cântaro de barro equilibrado na cabeça da moça vestida de renda nhanduti, rodopiando e balançando a saia, são lembranças que emocionam.

A música paraguaia escuma melancolia por todos os meus poros, mas há uma em especial que resume a força desses sentimentos: “Saudade”, de Mário Palmério.

Mário Palmério foi um compositor mineiro, professor, político, autor dos romances regionalistas *Vila dos Confins* e *Chapadão do Bugre*, homem de cultura e prestígio, que substituiu Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras. Foi nomeado pelo presidente João Goulart para o cargo de embaixador do Brasil junto ao governo do Paraguai. Permaneceu nessa missão, integrando-se no seio da intelectualidade paraguaia, até abril de 64, num intenso trabalho de aproximação e amizade entre os dois países.

Contam que, certa vez, lhe perguntaram o que era “saudade”, palavra exclusivamente portuguesa e ele então explicou que para saber o que é saudade é preciso antes de tudo conhecer, viver um amor puro e terno. Só depois de ter perdido esse amor é que se compreende o que é saudade, pois saudade é solidão, distância e sofrimento.

Imagino Mário Palmério ao piano, entre lágrimas, expressando em música e poesia a forma e o conteúdo da mais perfeita e bela das palavras: “saudade”. Essa

saudade que fica tão grande quando estamos longe da terra que amamos, cheia de árvores e lembranças.

Sou uma alma da fronteira. Meio bugra, meio índia, que não vê saída para o mar. Trancafiada dentro de mim a saudade é uma sensação de sempre e de nunca mais.

## ANEXO L – CEIA DE NATAL

Lembrei-me de tudo. O momento quando soube que estava grávida. Um anjo anunciou a notícia em meu ouvido. Foi um presságio, uma revelação, uma certeza que encheu o quarto e a minha vida. Ele me disse que eu geraria um filho e me falou o augusto nome que eu lhe deveria dar.

Jovem e insegura, fui para a casa de uma prima, que me recebeu com carinho. Ali passei três meses e tecemos os fios, os grãos, os dias e as noites daquele tempo de espera.

O parto foi natural. Meu corpo era uma gruta e você foi saindo devagar como um sol nascendo entre minhas coxas. Limpei a placenta e o envolvi com faixas. Seu pai ficou ao meu lado, silencioso, atônito diante do mistério.

Recuperei-me logo. Você estava forte, alimentado do leite de meu seio. Vestimos você com uma camisola branca de linho. Subimos a escada do templo e o apresentamos no altar. Não sei porque, mas uma espada atravessou minha alma naquela hora. Uma opressão. Você cresceu entre parentes e amigos. Tornou-se adolescente. Um adolescente causa aflições. Um dia você sumiu. Eu e seu pai o procuramos por toda parte. Você disse depois que já queria ser independente, andar sozinho, cuidar de suas próprias coisas. Doe. Os filhos não nos pertencem. Sabia que você tinha uma missão, um ideal, uma estrela.

Você sofreu muito pelas ruas, pelas esquinas, pelo mundo. Viu cenas que o fizeram amadurecer. Quase foi esfolado como um cordeiro. Dentro de você havia um vulcão de angústia, de rebeldia, de carne comprimida, de fervor escaldante. Lavas de suor e sangue correram por sua face. Você se entregou totalmente a algo maior. É bom vê-lo criando. Criar é preciso. “Navegar é preciso, viver não é preciso”, é a máxima dos antigos navegantes fenícios e dos verdadeiros artistas.

Acostume-se. Há os que lavam as mãos. Os que vão chamá-lo de subversivo. Prisões, látigos, correias, cercas, vento açoitando, mar espumando ira nos cascos dos navios. Pancadas nas costas abertas como fruta esponjosa.

Não pense em glória, em ânsia de imortalidade, não foque nisso. Não ache que você é um rei. Aguarde críticas, ferrões, espigões, agulhas de cacto. Prepare-se para que enterrem em seu couro os espinhos das maldades. A trave pousada sobre seu ombro. O pulmão engaiolado entre os ossos. Ainda bem que sempre há um irmão e nos ajuda e consola nos momentos de martírio.

Você foi elegante nas dificuldades. Soube perdoar e suportar a ignorância alheia. Isso me alegrou, embora meu coração tenha se rasgado em duas partes como um véu roxo.

Disseram-me que você está longe, distante de mim. Escondido em algum canto, como seu eu o tivesse concebido ao contrário. Não canso de buscá-lo, de chamá-lo. Estou revestida de uma grande força, um fogo que me lambe.

Quem pode recompensar as obras, sofrimentos, penitências, lágrimas e virtudes de uma mãe? De alguém que errou só tentando proteger, livrar, poupar o filho e não conseguiu? Não queria anulá-lo com esse meu papel de mulher universal, de rainha, de medianeira que se intromete em seus assuntos. Que intercede por tudo e por todos. Queria apenas enobrecer minha natureza. Cabe-me agora, com humildade, dizer: — Sou apenas mãe dele.

Tanto tempo que não o vejo. Que não ceamos juntos numa noite de Natal. Arrumarei a mesa com pães, peixes, flores, feixes de trigo, fitas verdes e vermelhas. Sei que desta vez, este ano, você virá.



## ANEXO M – MEL DE ABELHAS

Sobre a prateleira, frascos de vários tipos de mel. Leio os rótulos: de café, de eucalipto, de laranjeira e de limão. Cada fluído tem um tom, um sabor, uma viscosidade diferente. Escolho o pote de mel silvestre mergulhado na forma bruta dos favos, recheado de própolis e pólen. Imagino o enxame de laboriosas abelhas que sublimaram o perfume das flores.

O prado inteiro de rosas amarelas, focos de incêndio que cabem agora neste único pote. Em breve esse mel pousará sobre meus lábios, a cera derreterá entre meus dentes. Minha alma ficará embriagada de inteligência, brilho e poesia.

Por ser um símbolo da realeza, Napoleão Bonaparte escolheu a abelha como emblema da França. A cena está descrita num livro que marcou minha adolescência, o romance histórico “Désirée”, da escritora austríaca Annemarie Selinko. O romance evoca fatos e personagens célebres, com força plástica e humana. Reconstitui todo o panorama da Revolução Francesa e do Império Napoleônico, numa grande visão de conjunto da instituição dos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Inesquecíveis e vivos surgem Napoleão, Josefina, o General Bernadotte e Désirée. Em forma de diário, revela o extraordinário destino da burguesinha filha de um comerciante de sedas de Lion, que foi a primeira noiva de Napoleão e acabou como rainha da Suécia.

Napoleão desenrola diante de sua “pequena noiva de outrora” uma folha com desenhos. No ângulo superior se via traçada uma enorme abelha e, no centro, um quadrado repleto de abelhas em distâncias iguais. Abelhas para adornar tudo: paredes, cortinas, caleças e, principalmente, o manto de coroação do Imperador. Na noite em que li essa passagem, fiquei tão impressionada que sonhei com abelhas vermelhas, destilando sangue.

Como são organizadas as colmeias. Um ateliê de fabricar mel. As abelhas trabalham infatigáveis, orquestradas pela abelha-rainha, nutrida de geleia real, cheia de ovos no ventre. E há os zangões, os machos reprodutores que protegem a colmeia e fecundam as rainhas virgens. Nas tardes quentes e sem vento copulam em pleno voo, pagando um preço alto pela proeza: após a cópula, seu órgão genital se rompe e ele morre. Uma colônia, uma rainha, sexo pleno e trágico. Estariam os homens se transformando em zangões?

Em hebraico, o nome da abelha é Dbure, Débora. Débora foi uma juíza descrita no Livro de Juízes do Antigo Testamento da Bíblia. Liderou os israelitas contra o domínio de Canaã. Defendeu uma nação errante, sedenta de espiritualidade. Pessoas vinham de longe consultá-la e resolver contendas. Com autoridade e firmeza ela aconselhava, ao lado de sua tenda, debaixo das palmeiras. Abelha e sacerdotisa, Débora tinha a alma pura dos iniciados purificados pelo fogo e entranhados da doçura do mel.

Na mitologia greco-romana, a ninfa Melissa foi sacrificada por seu pai aos deuses e do seu cadáver brotaram abelhas, potência feminina zumbindo e ardendo pelos ares.

Examino o pote de mel silvestre, os alvéolos dourados. Eu que também sou abelha, operária incansável em meu sacerdócio, cantarolei baixinho os versos da música “Cio da Terra”, de Milton Nascimento: “Decepar a cana/ Recolher a garapa da cana/ Roubar da cana a doçura do mel/ Se lambuzar de mel.”

## ANEXO N – CABELEIRA

A moça estava sentada à minha frente no ônibus. Os cabelos longos, castanhos como mel, desabando em cachos. Que cabelo lindo, pensei, parece que tem ânimo próprio, balançando a um leve meneio da cabeça.

Não é à toa que na história bíblica de Sansão, ele perdeu toda a sua força quando Dalila cortou seus cabelos. Uma cabeleira como essa tem poder de sedução e, com certeza, essa jovem se sente confiante para amar e ser amada.

Baudelaire, o poeta maldito, escreveu um poema chamado “A Cabeleira”, versos tórridos e eróticos em que ele canta os cabelos negros da mulata Jeanne Duval, a sua “Vênus Negra”. Diz que o cabelo dela é tosão deslizando até a nuca; que, de noite, enche de êxtase e perfume o quarto inteiro; que é mar de ébano, contendo um sonho de remadores, naus, bandeiras e mastros; que é pavilhão de trevas. O poeta se embriaga das essências de “vago óleo de coco, almíscar e alcatrão” exaladas dos cabelos da musa. Semeia pérolas, rubis e safiras pelas mechas ondulantes.

Num dia desses, convencida que um corte curto me deixaria mais nova, cortei o cabelo. Depois veio o arrependimento. Sou romântica, amo cabelos compridos. Lamentei então minha juventude perdida, quando eu sacudia a crina como égua musculosa. Lamentei não ser mais princesa usando tiaras, arrastando o cabelo como a cauda de um cometa. Lembrei-me daquele véu natural, pura potência, com que eu penetrava câmaras ardentes. Sim, arrependi-me de ter cortado o cabelo. Não importa que ele esteja branco, um pouco seco. Poderia penteá-los em forma de coque, com a gravidade de uma mulher bela e digna que envelhece.

À minha frente, ignorando meu drama e minha finitude, segue a moça com sua cabeleira castanha. A luz da manhã põe reflexos dourados nos fios. O ônibus lotado para. Ela desce, de repente. Os cabelos dançam às suas costas, com vitalidade. Pena que não vi seu rosto.

## ANEXO O – MOÇA

“Moça” é uma palavra mágica. Tem um efeito incrível sobre meu espírito. Lembro-me que aos quatorze anos, entrei numa farmácia e o rapaz me atendeu solícito:

— Pois não, moça...

Tremi. A moça era eu? Então eu não era mais uma menina? Já era reconhecida como moça? Como ele poderia saber que há pouco tivera a minha primeira menstruação? Que eu era agora cíclica, lunar? Que todo mês aquele fenômeno se repetiria: o plasma, o sumo, o mar vermelho entre minhas pernas de ser mamífero, fêmeo e quente? Que aquela placenta escoava como um fluxo de rio? Que eu era feita de uma substância líquida? Que minha existência era miserável e precária? Que minha consciência nada poderia fazer contra esse ritmo que me abatia? Que meu corpo se transformara numa máquina indiferente à minha vontade, imperfeito, complexo, purgando estrelas sanguíneas?

Mas, no fundo, eu estava feliz, orgulhosa. “Moça” significava a possibilidade de ser mulher, de me tornar mãe. O desejo da maternidade pairava sobre mim, imenso. A maternidade pressentida se preparava nas minhas entranhas. Idealizava em mim a beleza de uma mãe que serve.

“Moça” era também o sonho de me vestir de noiva, de tornar-me diferente, algo que ainda não conhecia em minha virgindade, mas poderia ser. Amar seria ocasião sublime para amadurecer, exigência, escolha, chamado para longe. A realização da sexualidade difícil que me foi imposta pela natureza. Minha vocação era amar o amor, o amor de duas criaturas humanas, por muito tempo, pela vida afora, aprofundando cada vez mais o auxílio mútuo. Tornar-me um mundo para o outro. Solidões que se saúdam.

Tive medo, quase desfaleci sob as rendas e as flores amarelas de meu vestido de noiva. Depois representei como ninguém o papel de sedutora. Você foi o fiador dos meus sonhos. Não fugiu de mim, bem precioso. Rubi escarlate.

Agarramo-nos um ao outro. Sou carne de sua carne. Você me alimenta com ervas da terra, me trata e me sustenta, enquanto caminhamos entre espinhos e abrolhos, comendo pão com suor. Meu desejo me impeliu a você. Fui dominada. Dei-lhe filhos em partos com dor. Crescemos e sofremos juntos. A cada perda, a cada

plano interrompido, a cada inverno, a cada sensação de cerco, de que o destino queria nos tirar tudo, vinha sempre o consolo:

“— Ainda sou moça. E ele me acha bonita.”

Olho-me no espelhinho e passo batom.

Aos poucos, porém, os diques se fecharam, útero e ovários esturricaram como frutas de cascas endurecidas, os cabelos estão brancos sob uma pátina de tinta castanha. Com os filhos adultos, a maternidade é uma grande recordação. Crio com plenitude íntima, dou à luz poemas e livros. Aproximamo-nos cada vez mais das noites que têm árvores e vento. Qual não foi minha surpresa, quando entrei numa farmácia e o rapaz do balcão me disse:

— Pois não, moça...

## ANEXO P – FADAS

Amo os contos de fadas. A atmosfera de encantamento, as transformações provocadas pela magia do Bem. A personagem heróica sofrendo dramas, perseguições, conflitos, até que, no final, a virtude triunfa, o mal é castigado e o equilíbrio da maturidade se instaura.

As fadas são seres que fadam, isto é, orientam e modificam o destino das pessoas. Fada é um termo originado do latim “fatum”, que significa “destino”. Elas aparecem em momentos terríveis, quando as pessoas pensam que seu destino está tomado por uma tempestade da qual é impossível fugir. São representações dos sonhos e desejos mais profundos de nossa alma.

O poeta Camões, na sua longa meditação sobre os mistérios do amor e da existência, cantou como nenhum outro a súpula da tragédia humana espalhada pelo mundo, o peso do fatalismo. Chegou à conclusão de que não se pode lutar contra o Fado, nem mesmo com o desespero. Sua mente se debateu num mar de paradoxos, como o descrito nos versos “Amor é um fogo que arde sem se ver/ É ferida que dói e não se sente”. Não houve varinha de condão, nem voo de cisne, nem anel de ágata, que o ajudassem no cárcere, no exílio, na penúria, na doença, no beco sem saída da miséria em que mergulhou, pobre poeta do Fado.

Shakespeare amava as fadas, as moiras, as valquírias. Aquelas que puxam o fio do destino, enrolam-no na roca de fiar e o cortam com suas tesouras. As fadas que aparecem na luminosidade do luar, no meio dos bosques. Foi assim que escreveu a peça teatral cômica “Sonho de uma Noite de Verão”. Quatro amantes entram na floresta povoada por elfos, fadas e duendes. Titânia é a rainha das fadas. Por causa do poder de uma flor mágica, apaixona-se por um burro. Ação, movimentação, encontros, desencontros, pontos ridículos, rupturas de imposições patriarcais, equívocos sociais. Tudo se resolve com os casamentos, mas fica exposto o lado escuro da paixão, feito de trevas, sortilégios e dificuldades.

Na Inglaterra, em 1917, duas garotas, as primas Elsie, de dezesseis anos e Frances, de dez, afirmaram que conversavam com as fadas do jardim de sua mansão. Comprovaram com fotografias das fadas. Foi um verdadeiro rebuliço, um tumulto na cidadezinha. A história atraiu a atenção do escritor Arthur Conan Doyle, o criador do célebre detetive Sherlock Holmes, que acreditou piamente nessa versão fantasiosa. A fraude só foi desmascarada meio século depois, quando elas, já idosas,

confessaram que as fotos eram montagens, desenhos feitos por Elsie, recortados e presos com alfinetes. Uma travessura de crianças que enganaram todos os que queriam ser enganados. Mas elas declararam que, de fato, viram fadas e que tinham por legítimo o direito à imaginação.

Na infância, contemplamos fadas. Lindo o texto de Marosa Di Giorgio, poeta uruguaia, traduzido por Lélia Maria Romero, que diz assim: “Minha mãe quebrou a relação com as fadas. No entanto elas entravam douradíssimas e leves a sentar-se no sofá. No meio da testa e da cintura, o ramo de cravíneas que é o sinal destes seres. Mamãe disse: — Acabou o reino das fadas. E se foi pela casa. E eu implorei: — Não, não; fiquem! Eu sou a dona da casa; sou a Menina. (...) As fadas se foram, seus vestidos diluindo no vento. E nos olhos violetas, gravado o porvir.”

Eu fui menina. Andei com desenvoltura pelo reino das fadas. Elas caminhavam envoltas em perfume de maçãs e baunilha, sempre em trio. Chamavam-se Fé, Esperança e Caridade. Fauna, Flora e Fonte. Força, Inteligência e Bondade.

Amo os contos de fadas. Creio num poder sobrenatural que muda situações contrárias. Essa é minha têmpera de fada.

## ANEXO Q – GIGLIOLA

Foi na minha adolescência, no cine Alhambra de Campo Grande, que assisti, o peito arfando, ao filme *Dio come ti amo*, de Miguel Iglesias, protagonizado pela doce cantora italiana, Gigliola Cinquetti. Lembro das cortinas de veludo; do palco coroadado de cactos; da tela partida

por um papel celofane, metade rosa, metade azul, para que o filme ficasse colorido. A voz de Gigliola, nova Julieta de Verona, penetrando na cabine de um avião, chamando o seu amado, pois “não seria possível viver sem ter em seus braços tanta felicidade”. Apaixonado, ele sai do avião, corre pela pista ao encontro daquela que “não tinha idade ainda para amá-lo, para sair sozinha”, mas que pedia que ele a esperasse para que pudessem desfrutar de um amor romântico e verdadeiro.

Sempre acreditei no amor como uma experiência universal, aspiração espiritual e não apenas como atração carnal. Como síntese de sexualidade e transcendência mística. O projeto de construir uma família sempre foi central em meu coração: gerar filhos num lar de afeição, de gentileza, de união abastecida por uma piedade profunda e extensa. A resolução firme e determinada de contribuir para a felicidade do outro. Esse ideal envolvia todo o meu corpo e caráter: desejo de ser bela, terna, solidária, animada, compreensiva para o meu querido. Convidar alguém especial para compartilhar todos os momentos e exercer com alegria o ato de estarmos vivos, de sermos homem e mulher.

Continuo acreditando, embora a família esteja em crise, ferida, perdida, fragmentada, atacada por tanto lixo em forma de notícias e arte. Continuo acreditando no meio do suor, do cansaço, dos espinhos, das tribulações, dos males, do materialismo, do esforço do trabalho, dos ciúmes entre filhos e das afrontas. Continuo acreditando mesmo ridicularizada e escarnecida por insistir em bases que desmoronam, que parecem não fazer sentido para mais ninguém. Continuo acreditando em lealdade, pois amar é ser leal com quem nos mata, como escreveu Camões. Continuo acreditando em bodas, alianças e promessas. Continuo acreditando, perplexa diante de tantas mudanças, desobediências, desvarios, blasfêmias, libertinagens que terminam em cárcere e escravidão. Continuo acreditando que família é pedra angular, eixo, unidade da raça humana. Continuo acreditando que a coroa dos que envelhecem são os netos.



O amor para muitos está esfriando. Mas eu fui adolescente, chorei ouvindo Gigliola Cinquetti cantar *Dio come ti amo*. Demoliram o cine Alhambra, mas ainda brilham, entre os destroços, pedaços de sonhos pintados de rosa e azul.

## ANEXO R – VASSOURA

São pesadas as responsabilidades domésticas. Varro todos os dias os cantos da casa. A poeira refletida na luz do sol parece um prisma colorido. Encosto as mãos na vassoura, apoio o queixo, fico equilibrada no cabo, vendo a paisagem da janela. Às vezes tenho vontade de chorar, mas logo passa, afinal a varredura é um serviço de culto, que precisa ser executado com mãos puras. Há que se eliminar toda sujeira do chão, toda contaminação vinda de fora. Os movimentos da vassoura devem abençoar os anjos que protegem o lar e afastar hóspedes invisíveis, que trazem brigas e contendas. É tarefa humilde, de pente-fino, a da limpeza.

Lembrei-me da parábola da dracma perdida. Uma mulher procura uma moeda perdida. Ela tinha dez moedas, agora são nove. Não se conforma com a perda. A quantia era sua poupança, seu dote. Acende a luz de uma candeia, pega a vassoura e varre diligentemente até achar seu tesouro. Depois, reúne as amigas e vizinhas dizendo que se alegrem com ela, pois achara a moeda.

Pego um livro da estante, “Heroínas da Bíblia na Arte”. Lá está a gravura de Millais, o ilustrador inglês: uma mulher com um vestido azul cinzento, véu de algodão na cabeça, segurando de um lado a chama de azeite e do outro a vassoura de palha seca. Atrás, um recorte em arco, as nuvens entre folhagens. Quanta alegria em encontrar o perdido e leva-lo à comunhão no amor.

No sítio, quando éramos crianças, o terreiro era varrido todas as tardes, antes do pôr-do-sol (varrer à noite espanta a felicidade), com uma vassoura semelhante a essa da gravura, de feixes de urzes em flor. Pó abaixado, no lusco-fusco, contávamos as primeiras estrelas. Era comum também colocar a vassoura atrás da porta para que a visita incômoda fosse embora. Acreditávamos que, de madrugada, as bruxas voavam em vassouras. Esse mito tem a ver com viagens astrais, desprendimento do corpo, que fica flutuando como pluma, preso à energia de um fio de prata.

Melhor retornar a outra realidade. Jânio Quadros, professor, advogado, político, presidente do Brasil pelo curto período de sete meses, entre janeiro e agosto de 61, quando renunciou, teve como símbolo de campanha a vassoura. Prometeu varrer tudo: a corrupção, a bandalheira, o abandono do povo. Seu estilo era desajeitado, óculos pretos e sóbrios e, ao mesmo tempo, exibicionista, dramático, demagógico. Quem era afinal Jânio Quadros? Aquele que propôs revoluções, horizontes novos, progresso, democracia? O artífice dos factoides como proibir maiôs em concursos de

miss, rinhas de galo e lança-perfume nos carnavais, declarou numa carta que fora acuado por “forças terríveis” levantando-se contra ele, “forças ocultas”, talvez escondidas no malefício daquela vassoura.

Amo o poema “Canção do vento e da minha vida”, de Manuel Bandeira. Nele o poeta explica que o vento varria as folhas, os frutos, as flores, as luzes, as músicas, os aromas, os sonhos, as amizades, as mulheres, os afetos todos. Que o vento varria os meses, os sorrisos, o tempo. Que o vento varria tudo e que sua vida ficava cada vez mais cheia de tudo. Percebam que o vento não soprava, o vento varria de forma avassaladora. E, quando o vento varre, passamos a possuir eternamente o que perdemos.

Emily Dickinson, a poetisa americana, que escreveu sobre a morte, a imortalidade e a natureza, criou imagens animadas como a “aranha que tece golas elisabetanas, de tufos”, “o rato que é esquivo inquilino clandestino” e “a dona de casa que, no crepúsculo, varre o céu com vassouras multicores”. Emily sofria de agorafobia, ou seja, tinha pavor de sair de casa, mas, mesmo reclusa, descobria o êxtase de viver na mera consciência de estar vivendo.

Varro todos os dias os cantos da minha casa. É assombrosa ocupação.